

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Hermann Häring: Paulo, o universalismo e a Ética Mundial

PÁGINA 11 | Alain Gignac: A redescoberta de Paulo pela pós-modernidade

PÁGINA 17 | Rémi Brague: Antecipando os slogans da modernidade

PÁGINA 20 | Jean-Claude Eslin: O universalismo paulino

PÁGINA 22 | Jerome Murphy O'Connor: Paulo: um novo sentido para a igreja de hoje

PÁGINA 25 | Maria Clara Bingemer: Paulo e a Carta aos Romanos: a Igreja e a Sinagoga

PÁGINA 29 | Diane Kuperman: Fraternidade judaico-cristã: a busca pelo diálogo

PÁGINA 32 | Eduardo Pedreira: Um plantador de igrejas

### B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 36 | Rudolf Pesch: O Evangelho de Natal, hoje

PÁGINA 39 | Scott Hendrix: Uma tentativa de restaurar o cristianismo genuíno na Europa

» Entrevista da Semana

PÁGINA 41 | Lilian Al-Chueyr Pereira Martins e Roberto de Andrade Martins: A ciência antes e depois de Darwin

» Livro da Semana

PÁGINA 45 | Roberto Figurelli: A crítica literária e a estética da fenomenologia

» Filme da Semana

PÁGINA 50 | *O segredo do grão*, de Abdellatif Kechiche

» Invenção

PÁGINA 52 | Dirceu Villa

» Destaques On-Line

PÁGINA 56 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Perfil Popular

PÁGINA 60 | Família Vargas

» IHU Repórter

PÁGINA 62 | Ruth Barkmeyer



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## Paulo, o universalismo e a Ética Mundial

O universalismo que pode fundamentar uma Ética Mundial é um dos principais legados de Paulo de Tarso, destaca Hermann Häring. Esse caráter abre espaço para o diálogo inter-religioso e intercultural, livrando o universalismo cristão de sua fantasia de superioridade

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

**E**m seu tempo, Paulo já apresenta uma conduta surpreendentemente moderna, avalia o teólogo alemão Hermann Häring, na entrevista exclusiva que concedeu por e-mail à IHU On-Line. “Naturalmente, em nenhuma passagem Paulo fala de autonomia, mas com grande paixão ele pleiteia pela nova liberdade, que seus adeptos conquistaram”, assinala. E explica: “Uma autonomia absoluta não é só irreal, porém perigosa para a convivência, porque direitos só têm sentido como reverso de obrigações. Precisamente a forte vinculação pessoal de Paulo ao evento Cristo cria uma autonomia orientada, da qual nós também necessitamos novamente hoje”. Häring menciona que “ninguém inculcou tão profundamente no cristianismo o pensamento do universalismo como Paulo. Ele iniciou sistematicamente e fundamentou explicitamente o primeiro processo histórico de universalização”. Em seu ponto de vista, Paulo ancora o seu universalismo na conduta interna das pessoas ante o mandamento do amor que lhes é exigido por Deus. “Ele não acrescenta nenhuma nova condição, nenhuma ulterior indicação de conduta. O seu universalismo pode sem esforço e de modo preciso ser inserido na fundamentação de um *ethos* mundial, o que abre espaço para o diálogo entre culturas e religiões. Paulo mostra acima de tudo um caminho que liberta o universalismo cristão de suas fantasias de superioridade”.

Häring leciona teoria da ciência e teologia desde 1999 na Universidade de Nimwegen, Holanda, onde é diretor do Instituto para Religião, Ciência e Cultura desde 2005. É um dos colaboradores externos da Fundação de Ética Mundial de Hans Küng, na Alemanha, exercendo o cargo de conselheiro científico. Graduado em Filosofia pelo Pulach de Munique, especialista em Hegel, é diplomado em Teologia, pela Universidade de Tübingen. Algumas de suas obras são *Zum Problem des Bösen in der Theologie* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985), *Hans Küng. Grenzen durchbrechen* (Mainz: Matthias-Grünwald-Verlag, 1998), *Theologie und Ideologie bei Joseph Ratzinger* (Düsseldorf: Patmos Verlag, 2001) e *Glaube ja, Kirche nein? Die Zukunft christlicher Konfessionen* (Darmstadt: Primus Verlag, 2002).

**IHU On-Line - As idéias de Paulo de Tarso podem colaborar para a sedimentação de uma Ética Mundial? Por quê?**

**Hermann Häring** - O Projeto Ética Mundial<sup>1</sup> não é religioso no sentido estrito, mas é um projeto secular porque se dirige a todas as culturas, a todos os povos e a todas as pessoas de boa vontade. Porém, desde o início

as religiões mundiais desempenham um papel relevante neste projeto, e naturalmente o Projeto Ética Mundial pode receber de Paulo muitas inspirações que são de profundo significado antropológico e social. Naturalmente, Paulo formula com frequência seus pensamentos éticos de forma passional e como manifestação de sua percepção interna. Mas nós podemos traduzir estes pensamentos na linguagem mais racional de uma ética moderna de responsabilidade, para que sejam

entendidos num mundo secular. Especificamente menciono:

— A doutrina da justificação sem obras (Romanos 3,28) se ocupa com a questão central da *justiça*. Segundo Paulo, existe uma justiça mais profunda, que aceita todos seres humanos como humanos e por isso lhes reconhece efetivamente seus direitos fundamentais. Isso não dispensa regras e padrões éticos, porém insiste numa postura básica que possibilite a concreta realização de justiça. “Revesti-

<sup>1</sup> Sobre o tema, conferir a edição nº 240 da revista IHU On-Line, de 22-10-2007, *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. (Nota da IHU On-Line)

vos do homem novo, criado segundo a imagem de Deus, em verdadeira justiça [!] e santidade.” (Ef 4, 24).

– Para a estruturação da convivência vale para Paulo o *amor* como a regra mais sublime, indestrutível e sempre válida (1 Co 13, 1-13). Todos os seus escritos estão perpassados pelo apelo à unanimidade e compreensão recíproca, ao espírito pacífico e à fidelidade sexual (1 Coríntios 6), ao interesse pelos mais fracos, à misericórdia e ao perdão, à leal franqueza e à reconciliação (2 Coríntios 5, 11-21), à defesa da liberdade (Gálatas 4, 8 - 6, 10). O que Paulo, via de regra, aduz para a convivência de cristãos pode, sem esforço, ser traduzido para uma linguagem secular que promova a convivência de povos e culturas. Ele conjuga os mandamentos sociais (não matar, não roubar, não cometer adultério) no mandamento do *amor ao próximo* (Romanos 13, 8-10). Desta forma, ele concretiza a Regra Áurea e respectivamente o princípio de humanidade, que no Projeto Ética Mundial vale como parâmetro para todas as outras normas e valores éticos.

Paulo tornou-se o grande crítico da Tora.<sup>2</sup> Mas, como mostram suas reflexões bastante diferenciadas, ele não rejeita simplesmente a Tora, mas antes reduz suas regras a um parâmetro universalizável que serve de exemplo para a redução de regras que exige o *ethos* global. As leis, regras sociais e políticas da convivência global devem sempre de novo ser mensuradas pelas necessidades concretas. O motivo para a crítica paulina da lei foi a inculturação do cristianismo no mundo grego.

– O agir carismático subjaz, segundo Paulo, ao mandamento do amor, porém ele o aprecia como princípio estruturador da comunidade e isto vale principalmente para o falar profético que é entendido por terceiros (1 Coríntios 14). No discurso de um *ethos*

<sup>2</sup> *Torá*: nome dado aos cinco primeiros livros do Tanakh e que constituem o texto central do judaísmo. Contém os relatos sobre a criação do mundo, da origem da humanidade, do pacto de Deus com e seus filhos, e a libertação dos filhos de Israel do Egito e sua peregrinação de quarenta anos até a terra prometida. Inclui também os mandamentos e leis que teriam sido dadas a Moisés para que entregasse e ensinasse ao povo de Israel. (Nota da IHU On-Line)

global, isto significa: a estruturação amigável de uma convivência global requer fantasia e uma adesão criativa de pessoas que agem a partir de valores comuns.

– Para Paulo, Cristo se despojou até a morte na cruz (Filipenses, 2, 7s.). Os teólogos falam de uma teologia da cruz, na qual se viu com frequência o caminho cristão específico para a reparação pelos pecados do mundo. Paulo vê nisso, em primeira linha, uma prefiguração profundamente humana para uma ilimitada solidariedade entre os seres humanos que se empenham uns pelos outros na vida e na morte: “Tende entre vós os mesmos sentimentos que teve Cristo Jesus” (Fl 2, 5). Quem se dispõe para um *ethos* global, deve, neste caso limítrofe, dispor-se para uma solidariedade global.

#### IHU On-Line - O universalismo de Paulo poderia ser o fundamento para essa Ética Mundial?

Hermann Häring - Ninguém inculcou tão profundamente no cristianismo o pensamento do universalismo como Paulo. Ele iniciou sistematicamente e fundamentou explicitamente o primeiro processo histórico de universalização. Em todo o caso, esta tendência modificou fortemente seu anúncio em face da originária comunidade judaica. Só assim o apelo à universalidade podia sempre de novo tornar-se eficaz.

Este universalismo aparece na cristologia paulina. Paulo não concentra seu anúncio na recordação da vida e das ações de Jesus, porém integralmente no *Senhor ressuscitado*. Ele não se interessa por Jesus “segundo a carne” (2 Coríntios 5, 16) e todo o colorido da cotidianidade judaica retrocede. Porém, o Senhor ressuscitado, que lhe apareceu (Atos 9, 1-22), tem um significado cósmico universal. No final dos tempos, ele se submeterá a Deus que lhe submete *tudo* (1 Coríntios 1, 26). A validade cósmica de Cristo se manifestará finalmente na ressurreição de *todos* os mortos. Nesta não valerá mais nenhuma predileção judaica ou cristã, porém unicamente a luta entre morte e vida, que é travada em cada ser humano: “Morte, onde está tua vitória!?” (1 Coríntios 15, 55). Trata-se de uma

luta que é travada diariamente num mundo globalizado.

Este universalismo do ressuscitado espelha-se na imagem paulina do ser humano, que modifica de maneira dramática a antropologia judaica. Paulo insere todas as condições particulares da Tora judaica numa moldura universal. Nos primeiros três capítulos da Carta aos Romanos (1,18 - 3,20) ele desenha uma sóbria imagem do ser humano. Os humanos estão “cheios de injustiça, malícia, avareza e maldade, repletos de inveja, homicídio, contendas, engodos e malvadeza; eles são murmuradores e detratores, inimigos de Deus, são insolentes, soberbos, altivos, caluniadores, rebeldes e inventivos no mal..., eles são intolerantes e desmedidos, sem amor ou compaixão. Eles reconhecem que a sentença divina correta determina: quem assim age, merece a morte. Apesar disso, eles não somente cometem tais coisa eles próprios, mas aplaudem quem assim procede” (Romanos 1, 29-32). Pois bem. Estas palavras podem, sem nenhum esforço, ser entendidas como descrição da situação do mundo contemporâneo.

#### Obrigatoriedade interior

Graças à sua orientação universal, Paulo relativiza todas as orientações concretas que se implantaram no povo de Israel através da Tora. Seu perigo reside no orgulho e no sentimento de superioridade. Conhece-se o preceito divino, mas não se cumpre. Simultaneamente, Paulo radicaliza a lei pela obrigatoriedade interior. Com isso, ampliam-se as perspectivas, porque no coração as normas e os valores foram inscritos também nos não judeus. Expresso modernamente: existe um *ethos* global que vale para todos os homens: se os não-judeus, “que não possuem a Tora, fazem por natureza o que é exigido na Lei, eles são... Lei para si mesmos. Desta forma, eles mostram que a exigência da Lei lhes foi inscrita no coração; sua consciência dá testemunho disto, seus pensamentos se acusam reciprocamente e se defendem...”.

Assim, Paulo reconduz as diferen-

ças religioso-culturais entre judeus e não-judeus a bases humanas universais. Para este fim, também lhe presta ajuda a distinção entre “carne” e “espírito”. Existe, como ele o diz, não só uma circuncisão (isto é, uma recepção na promessa divina) no corpo, mas também uma “circuncisão” no espírito. Esta última não depende mais do rito judaico, porém da conduta e disposição interna das pessoas: “Judeu não é quem o é para fora, e circuncisão não é o que ocorre visivelmente na carne, porém é judeu quem o é ocultamente e circuncisão é “o que ocorre no coração pelo espírito, e não pela letra” (Rm 2, 28). O universalismo paulino não afirma, portanto, que uma determinada tradição judaica ou cristã tenha significado universal, mas ele não exclui nenhum grupo humano. Paulo ancora o seu universalismo na conduta interna das pessoas ante o mandamento do amor que lhes é exigido por Deus. Ele não acrescenta nenhuma nova condição, nenhuma ulterior indicação de conduta. O seu universalismo pode, sem esforço e de modo preciso, ser inserido na fundamentação de um *ethos* mundial, o que abre espaço para o diálogo entre culturas e religiões. Paulo mostra acima de tudo um caminho que liberta o universalismo cristão de suas fantasias de superioridade. Ele nos ensina a — junto com outras religiões — submeter-nos a um *ethos* global. A garantia para esta postura positiva em relação ao mundo Paulo a encontra no próprio Cristo, que ele concebe como pura positividade. Jesus Cristo “não é simultaneamente o sim e o não...; nele se concretiza o sim. Ele é o sim a tudo o que Deus prometeu” (2 Coríntios 1, 19s.). Por isso, Cristo aparece simultaneamente como o novo Adão, simplesmente como homem (1 Cor 15, 45), em quem todas as pessoas revivem (1 Coríntios 15, 22). Esta palavra paulina poderia valer para todos os cristãos como motivo geral de seu engajamento num *ethos* global.

**IHU On-Line - Como se pode conciliar este universalismo com a autonomia e individualidade na nossa sociedade?**

**Hermann Häring - Como entende Paulo este novo universalismo diante de**

questões de autonomia e individualidade? Para evitar uma argumentação anacrônica, consideremos logo, ao mesmo tempo, a situação da atualidade. Paulo mostra, já em seu tempo, uma surpreendente conduta moderna.

Naturalmente, em nenhuma passagem Paulo fala de autonomia, mas com grande paixão ele pleiteia pela nova liberdade, que seus adeptos conquistaram. Na carta aos Gálatas, ele não se preocupa, em primeira linha, com a verdade abstrata de uma fé da qual não devemos afastar-nos. Ele defende antes a libertação que seus adeptos alcançaram. Os “falsos irmãos” controlam-no desconfiados porque causa desta inusitada abertura; eles querem transformá-lo novamente num “escravo”. Contra isso ele reage com veemência (Gálatas 2, 4s.). Mas ele con-

**“Com muita evidência,  
Paulo entende com  
liberdade um estado que  
não aliena mais o ser  
humano de si mesmo”**

tagia a comunidade com seu vírus da libertação: “Cristo libertou-nos para a liberdade. Ficai, portanto, firmes e não vos deixeis sujeitar novamente ao jugo da escravidão” (Gálatas 5, 1). Com muita evidência, Paulo entende com liberdade um estado que não aliena mais o ser humano de si mesmo. A alienação ocorre, para Paulo, por submissão sob a “lei” imposta de fora, que nos impele constantemente para uma cisão interna, porque sempre acabamos fracassando. Paulo menciona esta cisão interna para superá-la.

#### **Verdadeira autonomia**

Evidentemente, não existe para ele nenhuma autonomia absoluta no sentido moderno da palavra. Mas também é evidente que esta submissão à

vontade de Deus — que para ele é o espírito do amor (2 Coríntios 3, 17) — não suspende esta autonomia, porém a possibilita. Precisamente aqui está o parentesco com um pensamento básico do *ethos* mundial. As leis de uma boa e pacífica convivência (do respeito mútuo, da justiça, da veracidade e da fidelidade) são as condições básicas de uma verdadeira autonomia, realizável aqui e agora. Uma autonomia absoluta não é só irreal, porém perigosa para a convivência, porque direitos só têm sentido como reverso de obrigações. Precisamente, a forte vinculação pessoal de Paulo ao evento Cristo cria uma autonomia orientada, da qual nós também necessitamos novamente hoje.

Na consciência pública de nossos povos as igrejas cristãs não se posicionam necessariamente em favor da individualidade e da incondicional validade do sujeito. Para Paulo, ocorre o contrário. Paulo não chegou à comunidade com outros, porém como “batalhador isolado” pela fé cristã. Uma vivência radicalmente individual transformou Saulo em Paulo. Ele apela repetidamente para aquela aparição ante as portas de Damasco (Atos 9,4). Somente neste encontro ele chega a si. Agora ele se distancia de sua vida até então; a nova verdade concentra-se naquele instante decisivo. Agora ele segue um caminho que ele desenvolve integralmente a partir de sua experiência pessoal. No instante de sua vocação, sua fidelidade a Cristo e sua fidelidade a si próprio se cruzaram num mistério individual.

Mais tarde, ele apresenta (de maneira semelhante a Agostinho<sup>3</sup> e Lutero<sup>4</sup>)

<sup>3</sup> Aurélio Agostinho (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Martinho Lutero (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor de uma das primeiras traduções da Bíblia para o alemão, sua tradução suplantou as anteriores. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da IHU On-Line, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download no sítio do Instituto Humanitas Unisinos — IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da IHU On-Line)

suas numerosas análises e auto-observações antropológicas: “Porque eu não entendo o meu agir: eu não faço o que eu quero, porém aquilo que eu detesto. Mas, quando eu faço o que eu não quero, eu reconheço que a lei é boa” (Romanos 7, 15-20). Só pode escrever deste modo quem é consciente de sua cindida, porém incontornável individualidade. Mas ele não se esquivava dela. Paulo vê-se confrontado consigo mesmo porque entende sua vocação simultaneamente como responsabilidade por aqueles que andam com ele: “Tendes de enfrentar o mesmo combate que antes vistes em mim e do qual também ouvis agora” (Filipenses 1, 30). “Não há dúvida de que sois uma carta de Cristo, confeccionada por nosso serviço, escrita... em tábuas - no coração de carne.” (2 Coríntios 3,3).

Hoje, um *ethos* mundial global só pode desenvolver sua força por pessoas que se encontram em grande fidelidade consigo e atuam segundo sua responsabilidade. A Declaração de Chicago<sup>5</sup> (1993) fala - de maneira totalmente moderna - de “mudanças de consciência no indivíduo e na opinião pública”, bem como da “irrefutável responsabilidade” de cada um “pelo que faz ou deixa de fazer”. Sem isto não podemos obter progressos. De que maneira isto se torna possível, podemos aprender em Paulo.

### IHU On-Line - Que aspectos de Paulo de Tarso podem ajudar-nos a inspirar o diálogo inter-religioso e intercultural?

**Hermann Häring** - A teologia paulina é essencialmente uma teologia intercultural. A contribuição paulina consiste

<sup>5</sup> Declaração de Chicago: a “Declaração de Ética Mundial” foi assinada pelos membros do Parlamento das Religiões do Mundo, em 1993, em Chicago, nos Estados Unidos. O texto foi elaborado por Hans Küng e pela equipe do Instituto de Pesquisa Ecumênica da Universidade de Tübingen, na Alemanha, com base em um processo inter-religioso de pesquisa e consulta. Por meio da declaração, pela primeira vez na história, representantes de todas as religiões alcançaram um acordo sobre princípios para uma ética global e se comprometeram com quatro diretrizes irrevogáveis: compromisso com uma cultura da não-violência e do respeito à vida; compromisso com uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica justa; compromisso com uma cultura da tolerância e uma vida de autenticidade; e compromisso com uma cultura da igualdade de direitos e do companheirismo entre homens e mulheres. (Nota da IHU On-Line)

em que ele abriu, para a tradição judaica, os caminhos para um processo de inculturação paradigmático. Porém, retrospectivamente considerado, não participa também deste processo um impulso cristão autônomo, a saber, a fé em Jesus Cristo? Esta questão não pode ser respondida com um unívoco sim ou não. A recordação de Jesus de Nazaré já atuava no judaísmo como força autônoma. Porém, naquela época, ainda não se tinha decidido se esta recordação de Jesus na fé realmente se desenvolveria numa religião autônoma. Precisamente esta dificuldade nos mostra que processos de inculturação não ocorrem como processos de transposição estaticamente isoláveis. Quando são exitosos, formam-se novos espaços de encontro, nos quais diversas culturas podem encontrar-se em recíproco respeito. Surgem espaços para diálogos inter-religiosos e interculturais.

Isso, no entanto, não conduz a uma terceira cultura isolada das outras. É verdade que, ao lado do judaísmo e dos espaços culturais gregos, surge a Igreja cristã, nomeada, na antiga Igreja, como “terceira geração”. Porém, Paulo não vê, ao lado dos judeus e dos “pagãos”, nenhuma terceira unidade. Ele antes diferencia judeus e não-judeus entre “carne” e “espírito”. Esta distinção atravessa ambos os grupos. Quem, portanto, se decide pelo Cristo ressuscitado não precisa abrir mão de seu ser judaico ou ser grego, ser romano ou germânico, porém ele continuará sendo judeu, grego, romano ou germânico, argentino ou coreano, índio ou africano. Decisivo é que ele (como vimos) viva “no espírito”.

A nova fé que Paulo anuncia não se fixa, assim, em nenhuma cultura determinada, porque em cada cultura podemos viver “no espírito”, isto é, ser circuncidados “ocultamente” ou “no espírito”. Mais ainda: desde Paulo, esta abertura para novas culturas e diálogos interculturais e a via para sempre novas inculturações pertencem ao critério da existência cristã. Caso contrário, abriríamos mão (de maneira semelhante à obediência meramente carnal da Tora) da liberdade dos filhos de Deus. Se os cristãos querem, pois,

realmente viver no espírito de Cristo, devem abrir-se para outras culturas, situações sociais e problemáticas.

### Postura inter-religiosa

Esta abertura vale também para outras religiões? Paulo pode inspirar também nossa postura inter-religiosa? Aqui, uma resposta se torna mais complexa, porque, com grande zelo, Paulo persistiu na validade exclusiva da fé em Cristo. De acordo com sua teologia da cruz, a fé cristã é escândalo para os judeus e loucura para os pagãos” (1 Coríntios 1,23). Apaixonadamente, ele exclama: “Quem não ama o Senhor, seja anátema” (1 Coríntios 16,22). Com o mesmo zelo escreve: “Todos os que vivem segundo a Tora, estão sob um regime de maldição” (Gálatas 3,10). Neste ponto precisamos ser realistas. Também Paulo foi filho de seu tempo, no qual a fé num Deus único se diferenciava das muitas formas de fé politeísta que ele conhecia.

Entretanto, neste ponto, Paulo está dividido. Sempre que ele não argumenta formalmente a partir de seu passado, porém intrinsecamente a partir do fim da humanidade, ele chega a afirmações opostas. Quando se trata da universalização da salvação, ele reduz a obrigação maciçamente à Tora: restam apenas quatro das muitas regras; até mesmo a circuncisão é dispensada. Toda a tensão do problema inter-religioso ele a traz em seu próprio corpo. Ela o conduz a afirmações paradoxais, porém integralmente autênticas: “Pois eu próprio desejava ser segregado por Cristo pelos meus irmãos, que são meus patrícios segundo a carne” (Romanos 9,3). Apesar de todas as decepções, ele espera pelo dia em que todo Israel será salvo (Romanos 11,26). E ele, que encontrou em Cristo sua identidade e radical subjetividade, põe esta identidade sempre de novo à prova. Ele se tornou um judeu para os judeus, aos sem lei um sem lei, aos fracos um fraco. “Eu me tornei tudo para todos, para por todos os meios salvar alguns” (1 Coríntios 9,20-23). Tal zelo por um futuro comum deve hoje determinar nossos diálogos inter-religiosos.

**IHU On-Line - Como pode ser explicado o crescente interesse de filósofos como**

Zizek,<sup>6</sup> Agamben,<sup>7</sup> Badiou<sup>8</sup>, Lyotard<sup>9</sup> e Taubes<sup>10</sup> por Paulo de Tarso?

Hermann Häring - O crescente interesse dos mencionados pensadores é, de fato, um fenômeno fascinante. Aqui não é possível dar uma resposta exaustiva. A teologia cristã infelizmente quase não acolheu estes novos discursos, porém para um *ethos* mundial essas reflexões são muitíssimo interessantes.

O Projeto Ética Mundial busca um objetivo profundamente humano: a regulamentação da convivência global segundo padrões e posturas éticas, que são indispensáveis para uma humanidade pacífica. Simultaneamente este projeto (junto a cosmovisões seculares) se dirige às religiões mundiais apelando ao seu *ethos* e a suas potencialidades éticas, porque na convergência global das forças politicamente relevantes eles constituem os principais atores

6 Slavoj Žižek (1949): sociólogo, filósofo e crítico cultural esloveno. Doutorou-se em Filosofia na sua cidade natal e estudou Psicanálise na Universidade de Paris. Žižek é professor da European Graduate School e pesquisador no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. É também professor visitante em várias universidades estadunidenses, entre as quais estão a Universidade de Columbia, Princeton, a New School for Social Research, e a Universidade de Michigan. Em 1990, candidatou-se à presidência da República da Eslovênia. (Nota da IHU On-Line)

7 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano, também formado em Direito. A sua produção centra-se nas relações entre a filosofia, a literatura, a poesia e, fundamentalmente, a política. Atualmente leciona Estética e Filosofia Teórica na Università IUAV em Veneza, na Itália. (Nota da IHU On-Line)

8 Alain Badiou (1937): filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. É autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l'universalisme* (Paris: PUF, 1997), várias vezes reeditado na França e traduzido em diferentes línguas como o inglês e o italiano. (Nota da IHU On-Line)

9 Jean-François Lyotard (1924-1998): filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, *A fenomenologia* (Lisboa: Edições 70, 1954), *O inumano: considerações sobre o tempo* (Lisboa: Estampa, 1990), *Heidegger e 'os judeus'* (Lisboa: Instituto Piaget, 1999) e *A condição pós-moderna* (8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004). (Nota da IHU On-Line)

10 Taubes Jacob (1923-1987): sociólogo da religião, filósofo e estudioso do Judaísmo. No início de sua carreira, lecionou estudos religiosos e judaicos nos Estados Unidos, influenciando muitos pensadores contemporâneos. (Nota da IHU On-Line)

do agir moral. Acresce a isto que muitos defensores do pensamento que expressa o *ethos* mundial agem a partir de convicções e motivações especificamente religiosas. Tem sua boa razão que a Declaração pela Ética Mundial Global tenha sido proclamada pelo parlamento das religiões mundiais. Fins religiosos e seculares perfazem um vínculo que até então era desconhecido.

Mas o que ocorre nos mencionados pensadores? Todos eles descobrem em Paulo uma força política atual relevante. Eles vêem em Paulo não o pensador de uma intimidade religiosa, mas de um futuro universal e cósmico, embora ele aja num jogo lingüístico religioso. Também sua crítica da falência das pessoas (tanto judeus como não-judeus) é marcada por perspectivas políticas. Assim, ele pensa a doutrina da justificação, religiosamente motivada de maneira tão profunda, precisamente como questão de justiça, e também como a questão, a que poder nós estamos submetidos. Sua resposta paradoxal diz: graças à reconciliação e aceitação recíprocas, são possíveis reconciliação e paz entre os homens, embora falhemos constantemente. Isto é um esperar “contra toda esperança” (Romanos 4,18), para nossa era presente uma afirmação secular e politicamente global, que traz em si um enorme potencial de esperança. Somente quem espera por isto pode encontrar a adesão por um *ethos* global.

### Imperialismo religioso?

No entanto, o apelo a Paulo para um *ethos* mundial global não é uma questão ambivalente? Porque Paulo apela fundamentalmente a Jesus Cristo e ao Deus cristão. Este universalismo paulino não incide num imperialismo que considera a fé cristã como a melhor de todas as religiões? Precisamente, neste ponto, vale a pena estudar mais precisamente os mencionados autores, porque eles demonstram com grande poder de convicção o seguinte: a relevância secular atual da mensagem paulina também pode ser compreendida sem

um recurso explícito às suas categorias religiosas. Seja quem for o Ressuscitado e o Deus Jesus Cristo, Paulo fundamenta um universalismo cujos elementos convencem a partir de si mesmos:

(1) Paulo consegue, como vimos, uma superação de contradições culturais e religiosas, a qual já não deve mais conduzir a ulteriores cisões, porque ele pergunta pela concepção de pessoas que não é judaica, grega ou cristã, porém se orienta segundo um mundo disponível ou pelo amor indisponível.

(2) Paulo vive desde sua experiência da ressurreição uma subjetividade imensamente forte, cuja força – mediada pelas epístolas paulinas – cunhou muitos séculos. “Ressurreição” torna-se símbolo de um novo início criador que domina os tempos.

(3) Paulo desenvolve um quadro humano que assume todas as experiências de uma alienação e cisão interior e lhes resiste. Isto se torna fonte de uma posterior universalidade.

(4) Paulo pensa conjuntamente a plenitude dos tempos, portanto, do passado e do futuro, num presente, de modo que ele pode tornar-se o início de uma nova era mundial.

(5) Em sua análise da morte de Jesus na cruz e de sua própria situação, ele antecipa a experiência de todas as comunidades excluídas, de todos os seres humanos desprezados.

Sem dúvida, para a maioria destes pensadores “ressurreição”, “filho de Deus” ou “Deus” se tornam metáforas superadas. Sobre isso é preciso discutir em outro lugar. Decisivo para o interesse do *ethos* mundial é que podemos transferir muitos impulsos paulinos para um diálogo inter-religioso e um diálogo secular e aí torná-los frutíferos. Eles transformam Paulo – querendo ou não – numa figura central de nossa época.

**IHU On-Line - Quais são as contribuições de Paulo de Tarso para uma avaliação crítica do cristianismo atual?**

Hermann Häring - Esta questão ultrapassa o âmbito desta entrevista. Ninguém pode contestar que o cristianismo está sujeito a todos os perigos que Paulo já denunciara em sua crítica ao Israel de então. As igrejas sucumbiram a esses perigos. Em primeiro lugar, deve a Igreja

católica posicionar-se ante as questões superatuais de Paulo. Menciono brevemente os seguintes pontos. Em Paulo se pode aprender o seguinte:

– sempre de novo pôr em discussão a própria identidade e as próprias seguranças, no sentido de tornar-se um fraco para os fracos. A Igreja Católica oficial tem grandes problemas com esta autocrítica;

– exercitar a inculturação e a inter-religiosidade de tal maneira que outras religiões e culturas sejam realmente levadas a sério. Quem sempre considera sua própria tradição religiosa e cultural como superior, murcha e perde toda e qualquer inspiração profética;

– sempre de novo perguntar se realmente vivemos a própria fé, o anúncio e os sacramentos segundo a carne ou segundo o espírito. Somente no último caso nos é prometido um futuro;

– tornar-nos conscientes do fato de que rupturas ou mudanças culturais radicais também conduzem a rupturas nas próprias opções e na formulação da própria fé. A Igreja oficial parece não estar hoje disposta a assumir esta ousadia. Diante de Paulo, ela não pode permanecer assim.

Paulo, esta personalidade forte, auto-consistente, orientada para a liberdade e agindo com franqueza [2 Coríntios 3,12: ‘parresia’], tinha, afinal, a força de opor-se a Cefas face a face (Gálatas 2,11). Nós necessitamos na Igreja de uma nova franqueza no falar e no agir - e isto, em todo o caso, não a partir de um espírito destrutivo de contradição, porém a partir da força do Espírito Santo. Muitos de nós já se encontraram com o Senhor em experiências bem profundas. Cristo os libertou para uma nova liberdade. Somente a força de tais co-cristãos e co-cristãs pode fortalecer a Igreja para o futuro global de uma humanidade reconciliada.

#### BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Confira mais sobre Paulo de Tarso na edição nº 175 da Revista IHU On-Line, 10-04-2006, intitulada *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*.

## A redescoberta de Paulo pela pós-modernidade

Inspiração para filósofos ocidentais, sejam ateus ou crentes, Paulo de Tarso continua nos “forçando à reflexão”, pontua Alain Gignac. Para ele, Nietzsche dissocia Jesus e Paulo, opondo-os, atacando Paulo e “se servindo de um Jesus que lhe convém”

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUCIANA CAVALHEIRO

Alain Gignac é enfático ao dizer que a redescoberta de Paulo de Tarso pela pós-modernidade se dá em dois sentidos. “Paulo alimenta a (pós)modernidade, e esta permite redescobrir Paulo”. Um mestre que faz os filósofos ocidentais pensarem, mesmo os ateus. “Para todos esses filósofos, a leitura das cartas foi determinante como catalisador de seu próprio pensamento – que não se situava necessariamente na linha de Paulo e, mesmo seguidamente se opunha a ele”. E Paulo nos confronta na época de individualismo e consumismo exacerbados em que vivemos, provoca Gignac: “Na história da literatura, trata-se do primeiro escritor a se expressar em ‘eu’ com tal força. Mas o ‘eu’ de Paulo é livre e inscrito em uma comunidade, não é individualista e isolado, nem escravo e alienado”. Enquanto forem ligadas, suas cartas continuarão nos forçando a refletir. Por isso, “não há momento propício para ler Paulo, mas, ao contrário, a leitura de Paulo pode criar um momento propício, o momento capaz de criar o novo”. Analisando as críticas de Nietzsche a Paulo, Gignac aponta que o filósofo alemão “dissocia Jesus e Paulo para opô-los e para atacar o apóstolo se servindo de um Jesus que lhe convém”. E completa: “O cristianismo não está fundado em Jesus, mas no Cristo – ou seja, uma interpretação pascal da vida e da morte de Jesus”. A respeito da morte na cruz, o teólogo destaca que Paulo sabe que esta é uma “morte vergonhosa, mas ele está longe de dizer que se trata de uma morte gloriosa. Paulo não exclui o sofrimento nem o escândalo da morte. Sua retórica não visa à sublimação, mas marca fortemente o paradoxo”.

Gignac é professor assistente na Faculdade de Teologia e Ciências da Religião da Universidade de Montreal, do Canadá, desde 1999, onde leciona Novo Testamento. Especializado no corpus paulino, ele interessa-se pelos métodos de análise sincrônica (retórica, estrutural, narratológica e intertextual) e os seus impactos hermenêuticos. A sua investigação *Ler a Carta aos Romanos hoje*, subvencionada pelo governo canadense, propõe-se reler os romanos com estes métodos, mas também sobre o horizonte do questionamento moderno/pós-moderno: como o escrito paulino propõe uma identidade e um agir no seu leitor? De sua produção acadêmica, citamos *Juifs et chrétiens à l'école de Paul de Tarse. Enjeux identitaires et éthiques d'une lecture de Rm 9-11* (coll Sciences bibliques 9, Montréal, Médiaspaul, 1999, 342 p.). A entrevista foi concedida por e-mail, com exclusividade à IHU On-Line.

## IHU On-Line - Como a leitura das Cartas aos Romanos propõe uma identidade e um agir em seus leitores?

**Alain Gignac** - Para além dos efeitos retóricos, as cartas de Paulo se apresentam como um discurso que constrói a realidade. Constantemente, Paulo trabalha dois eixos que devem se coordenar: identidade e agir, indicativo e imperativo, visão do mundo e valores que se ligam uns aos outros: “Eis o que sois — o que somos! Agis em consequência”. Este jogo de linguagem pode ser analisado sobre dois planos: a enunciação e os enunciados.

Sobre o plano da enunciação, o leitor é convidado a tomar partido, em um jogo de pronomes particularmente perigoso. Há um “eu” (1ª pessoa) que se dirige a um “tu” ou a um “vós” (2ª pessoa, singular ou plural) em relação a um terceiro ao mesmo tempo ausente e muito presente: Cristo (que ocupa o lugar da 3ª pessoa). Para complicar as coisas, “eu” se faz algumas vezes solidário de “vós” e passa assim ao “nós”. Ainda que se saiba, historicamente, que “vós” corresponde aos destinatários de Paulo (as comunidades que ele fundou), não impede que o leitor que abre o texto hoje seja influenciado por este dispositivo enunciativo. Ainda que ele possa resistir, ele é interpelado a se sentir concernido por este “vós”, ainda mais que o “eu” que toma a palavra o faz com grande intensidade. Ao longo das cartas, o “eu” paulino busca expressar a força, a profundidade do pertencimento de “vós” ao Cristo: “Vós estais em Cristo, viveis em Cristo, o Cristo está em vós”. Isto revela a intensidade. Em outras palavras, o leitor é conduzido pela enunciação do texto a *identificar-se* com este tipo de retrato-falado de “vós” que se constrói pouco a pouco ao longo da leitura. Ora, se o “eu” que se exprime nas cartas indica a “vós o que eles são, este “eu” não se constrange de lhes formular uma série de imperativos, de recomendações, de sugestões para balizar seu agir.

### Novidade da experiência cristã

No plano dos enunciados, Paulo procura falar da novidade da experi-

ência cristã. Como falar da inédita novidade da ressurreição com velhas palavras, gastas? Paulo não tem vocabulário adequado para descrever o que deve descrever. A partir dos materiais extraídos da cultura do século I, das escrituras judaicas e das tradições orais das primeiras comunidades cristãs ele vai criar uma nova linguagem. Isto feito, ele vai ainda contribuir para a construção de uma nova identidade para seus interlocutores. Por assim dizer, Paulo retrabalha o material, o desconstrói e compõe assim uma nova mensagem.

Romanos 3,21-26 é um bom exemplo do procedimento. Esta passagem fala da justificação pela fé. Paulo encadeia quatro metáforas saídas de quatro registros diferentes: 1) Registro jurídico: a justiça de Deus se manifesta sem a lei, fora da lei. Esta primeira metáfora é também um oxímoro,<sup>1</sup> pois uma justiça é inconcebível sem uma lei. A justiça de Deus é estranha, ela se situa para além de nossas concepções humanas da justiça. Ainda mais que, para ouvidos gregos, “ser justificado” tem conotações de condenação (equivalente à expressão francesa “passar em justiça”), enquanto que em Romanos 3, 21-26, isto se torna sinônimo de salvação; 2) Registro litúrgico: esta manifestação da justiça é análoga (ao mesmo tempo semelhante e diferente) ao ritual do Yom Kippour<sup>2</sup> descrito em Levítico 16. A morte de Jesus funciona como um rito anual de renovação da aliança inscrito no Antigo Testamento, enquanto o Grande padre irrigava o

1 Oxímoro: figura de linguagem que harmoniza dois conceitos opostos numa só expressão, formando assim um terceiro conceito que dependerá da interpretação do leitor. Dado que o sentido literal de um oxímoro (por exemplo, *um instante eterno*) é absurdo, força-se ao leitor a procurar um sentido metafórico (neste caso: um instante que, pela intensidade do vivido durante o mesmo, faz perder o sentido do tempo). O recurso a esta figura retórica é muito frequente na poesia mística e na poesia amorosa, por considerar-se que a experiência de Deus ou do amor transcende todas as antinomias mundanas. (Nota da IHU On-Line)

2 Yom Kipur ou Kippur: um dos dias mais importantes do judaísmo. No calendário hebreu começa no crepúsculo que inicia o décimo dia do mês hebreu de Tishrei (que coincide com setembro ou outubro), continuando até ao seguinte pôr do sol. Os judeus tradicionalmente observam esse feriado com um período de jejum de 25 horas e reza intensa. (Nota da IHU On-Line)

arco da aliança de sangue; 3) Registro socioeconômico: a justiça de Deus revelada pela fidelidade de Jesus até a sua morte lembra a alforria do escravo pelo seu dono. Paulo utiliza um exemplo comum da vida cotidiana na Antiguidade para descrever a ação de Deus em relação a “vós”. Metaforicamente, a identidade cristã é descrita como uma libertação da escravatura; 4) Registro da contabilidade: a justiça de Deus perdoa os erros como um banqueiro perdoaria repentinamente a dívida de alguém que se tornou superendividado.

Esta sucessão de metáforas tem um efeito estranho, ainda que sejam tiradas da linguagem de pessoas comuns. As quatro imagens se encadeiam rapidamente e se entrecrocavam. Elas dizem todas a mesma coisa e, ao mesmo tempo, não são perfeitamente compatíveis entre elas. Provocam um curto-circuito que convida a refletir, a se questionar e a redefinir, diante da nossa concepção de Deus. Para construir uma identidade nova (ou renovada), é preciso antes desconstruir a identidade primeira.

### IHU On-Line - Qual é o principal desafio em ler Paulo de Tarso?

**Alain Gignac** - O principal desafio é ler Paulo tomando um distanciamento em relação às grandes leituras do passado, como a leitura luterana<sup>3</sup> e a sua justificação pela fé — sem, todavia jogar esta herança na lixeira. Podemos ler o texto de Paulo sem um parâmetro preconcebido que aplica ao pé da letra uma dogmática ou uma ideologia predefinida? Podemos fazer de Paulo não um mestre de pensamentos prontos, mas um mestre que faz pensar? De toda forma, Paulo não tem um bom vocabulário, como eu disse acima. Ele é o primeiro cristão a colocar palavras sobre a sua fé, e precisa tudo reinventar. Além do mais, procura responder aos problemas concretos que vivem as comunidades. Não se trata de um teórico ou alguém que vive na abstração. Paulo de Tarso responde a perguntas difíceis — mas não tem as respostas.

3 Sobre Lutero, confira a edição nº 280 da Revista IHU On-Line, intitulada *Lutero. Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã*. (Nota da IHU On-Line)

Tenta encontrá-las, mas chega somente a vestígios parciais. Seu pensamento se constrói e se elabora diante de nós. Não é fácil entendê-lo. A “imperfeição” pode provocar certas frustrações, mas pode tornar-se uma maravilhosa escola. Como podemos fazer o mesmo trabalho criativo, para reinventar o vocabulário cristão possível de expressar hoje a identidade cristã? E como articular esta identidade com um agir de transformação?

Confesso aqui, tomando consciência de meus propósitos, que há talvez uma perspectiva (pós)moderna na minha resposta: minha preocupação em entender o questionamento de Paulo, aceitando antecipadamente que tudo não será coerente, que não poderei encontrar um centro em sua teologia, que não terei a resposta perfeita para as minhas questões sobre o humano e sobre Deus lendo Paulo...

Para ilustrar o que eu exprimo aqui, pode-se novamente retornar aos Romanos 3, 21-26 – um texto-chave de Paulo e da história da interpretação. As quatro metáforas utilizadas por Paulo, das quais somente uma é verdadeiramente tirada de sua formação teológica farisaica (referência ao Yom Kippur), foram soldadas juntas, chocadas violentamente, homogeneizadas. E elas deram origem a uma linguagem teológica: justificação, sacrifício expiatório, redenção, perdão dos pecados, palavras que transportam agora com elas sua bagagem de conceitualidade. Como ler imagens de Paulo, não mais como uma linguagem técnica teológica, que acreditamos captar de imediato, mas em sua vivacidade original? Como redescobrir o choque que sua amálgama constitui? Como perceber com acuidade que o texto procura primeiro dizer... que ele não sabe como dizê-lo? Eis todo um desafio.

### IHU On-Line - Podemos falar em uma redescoberta de Paulo de Tarso pela pós-modernidade?

**Alain Gignac** - Esta descoberta se faz em dois sentidos. Paulo alimenta a (pós)modernidade, e esta permite redescobrir Paulo. Um livro recentemente publicado no quadro dos trabalhos do *Romans Through History and Cultures Seminar* é esclarecedor

a este respeito.<sup>4</sup> De um lado, pensadores, no movimento direto ou não da (pós)modernidade, lêem as cartas de Paulo – os nomes mais marcantes são Jacob Taubes, Slavoj Žižek, Giorgio Agamben, Alain Badiou. O mínimo que se pode dizer é que estes autores muito perspicazes e muito penetrantes – que têm a sorte de não terem feito estudos em teologia (!) – nos fazem redescobrir Paulo! De um lado, utilizam-se muito do pensamento de um Jean-François Lyotard ou de um Jacques Derrida,<sup>5</sup> ou ainda da filosofia do processo<sup>6</sup> (*process philosophy*) para reler-se de *outra forma* as cartas de Paulo.

Por que se fala de redescoberta? Talvez por que há um eclipse (passageira) após a Segunda Guerra mundial? Na época em que o marxismo e depois o estruturalismo ocupavam toda a cena? Todavia, os “novos” leitores de Paulo não são tão inovadores, uma vez que eles se inscrevem em uma longa tradição a exemplo de John Locke,<sup>7</sup> Friedri-

4 ODELL-SCOTT, DAVID, dir. (2007), *Reading Romans with Contemporary Philosophers and Theologians* (Romans Through History and Cultures, 7), New York, T.&T. Clark (Romans Through History and Cultures, 7). (Nota do autor)

5 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004. (Nota da IHU On-Line)

6 *Filosofia do Processo*: identifica a realidade metafísica em meio à mudança e ao dinamismo. Desde a época de Platão e Aristóteles, os filósofos buscavam a verdade real, baseando-se em substâncias permanentes, enquanto os processos seriam subordinados às substâncias atemporais. Considerava-se, por exemplo, a enfermidade no ser humano, uma mudança acidental sobre a substância do ser humano, que seria essencial. Conseqüentemente, a ontologia clássica negava toda a realidade em meio à mudança. Ao contrário, a filosofia processo, não caracteriza a mudança como ilusória ou como puramente acidental à substância, como no pensamento aristotélico, mas tratava essa mudança como a pedra angular da realidade. (Nota da IHU On-Line)

7 John Locke (1632-1704): filósofo inglês, predecessor do Iluminismo, que tinha como noção de governo o consentimento dos governados diante da autoridade constituída, e o respeito

ch Nietzsche, Soren Kierkegaard,<sup>8</sup> Max Weber<sup>9</sup> ou Martin Heidegger.<sup>10</sup> Os filósofos ocidentais, mesmo ateus, leram Paulo em seu tempo. Para todos esses filósofos, a leitura das cartas foi determinante como *catalisador* de seu próprio pensamento - que não se situava necessariamente na linha de Paulo e, mesmo seguidamente se opunha a ele. Isso prova que Paulo é um mestre... que faz pensar!

### IHU On-Line - Em entrevista anterior

ao direito natural do homem, de vida, liberdade e propriedade. Com David Hume e George Berkeley era considerado empirista. (Nota da IHU On-Line)

8 Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Victor Eremita, Johannes de Silentio, Constantin Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O conceito de ironia* (1841), *Temor e tremor* (1843) e *O desespero humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista “Paulo e Kierkegaard”, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

9 Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou os *Cadernos IHU em formação* n° 3, 2005, chamado *Max Weber – O espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

10 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo “O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). Confira, ainda, o n° 12 do *Cadernos IHU em formação*, intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da IHU On-Line)

à nossa revista, o senhor equipara Paulo a Agostinho, Kant<sup>11</sup> e Hegel<sup>12</sup> como um dos fundadores do Ocidente. Quais são suas maiores contribuições a nós, homens e mulheres que vivem a pós-modernidade e suas contradições?

**Alain Gignac** - Começando a refletir sobre a sua questão, percebo que seria necessário um livro para respondê-la. Eu levantaria brevemente quatro pontos: ética, antropologia teológica, universalismo, ecologia.

Primeiramente, em uma época de individualismo e de consumismo exacerbados, Paulo nos confronta. Na história da literatura, trata-se do primeiro escritor a se expressar em “eu” com tal força. Mas o “eu” de Paulo é livre e inscrito em uma comunidade, não é individualista e isolado, nem escravo e alienado. Paulo é radical e exigente: a liberdade é preciosa e não poderia ser vendida. Além disso, todas as exorta-

ções paulinas convergem a isso: tudo o que se faz deve edificar, construir o indivíduo e a comunidade – indissociáveis. Creio então que a ética de Paulo seria uma herança a ser adotada – apesar de sua má reputação, Paulo não é um moralista, mas um liberal.

Em segundo lugar, creio também que sua concepção segundo a qual somos filho e filha de Deus, amados pelo criador do universo e co-herdeiros do Cristo – e então que podemos fazer esta experiência da filiação, que é a experiência do sopro de vida (espírito santo) em nós –, esta concepção é simplesmente revolucionária. Esta experiência de participar da própria vida de Deus funda também a fraternidade humana. Poder-se-ia repensar os direitos do homem (tão seguidamente desrespeitados) à luz de Paulo?

Em terceiro lugar, creio que a palavra de Paulo ainda não está ultrapassada: “Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3, 28).

Em quarto lugar, nesta época de desequilíbrio ecológico e de aquecimento climático, é preciso reler a passagem, em Romanos 8, em que Paulo afirma a interdependência entre a humanidade e o cosmos, dos quais ele compara os sofrimentos a um trabalho de gestação.

**IHU On-Line - Por que considera Paulo o maior pensador messiânico de todos os tempos?**

**Alain Gignac** - Não sou o autor desta idéia: trata-se mais precisamente do tema de Agamben, que tem uma visão bastante especial, pós-comunista, do messianismo, na linha de Walter Benjamin.<sup>13</sup> Agamben “descristologiza” o messianismo de Paulo, o esvazia do alcance experiencial (crer no Cristo aderir ao Messias, lhe dar a sua fé), para manter somente a estrutura. Para Agamben, o messianismo é uma postura e uma atitude política. É claro, minha leitura “messiânica” de Paulo é a

de um teólogo, e não a de um filósofo. Para mim, Paulo é o primeiro que articulou uma cristologia – um discurso sobre Jesus Messias. Para o Apóstolo, a morte/ressurreição do Cristo constitui o pivô da história do mundo, do momento chave em que tudo se transforma em que se manifesta a justiça de Deus, no qual a idade de uma nova criação advém e substitui a idade antiga. Se tivéssemos somente os evangelhos, nossa reflexão sobre o Cristo seria amputada. Paulo é o primeiro pensador messiânico – foi nisso que ele contribui para fundar a Igreja.

**IHU On-Line - Poderia explicar por que a nossa época seria o momento propício para compreender Paulo, e por que ele seria um dos textos maiores para compreender nossa época?**

**Alain Gignac** - Trata-se novamente de uma intuição (ou mesmo de uma obsessão) de Agamben: alguns momentos da história permitem melhor captar e atualizar as potencialidades de um texto. Nossa época seria a primeira a poder realmente captar a complexidade decisiva do pensamento paulino. Ora, isto é ou pretensioso ou milenarista. Acredito mais que o sentido de um texto, ou seja, sua orientação, está sujeito ao longo das idades e em função das épocas, a interpretações múltiplas, ou mesmo infinitas. Estas interpretações se acumulam e valorizam sem cessar as potencialidades de um texto do qual não se tinha tomado consciência até então. Cada geração pode então reler Paulo com proveito – e de fato, releu-se Paulo há 20 séculos. Por que não a nossa geração? Mas não temos o monopólio da interpretação correta de Paulo!

As cartas de Paulo constituem um grande texto? Neste aspecto, desconfio de mim mesmo, pois um crente acha o texto bíblico... inspirador. As cartas de Paulo possuem um poder intrínseco, ou se vêem investidas pelo leitor deste poder? Tudo é a ambivalência da noção de “clássico”: isto supõe uma seleção que, ao mesmo tempo, se impõe a nós e continua apesar de tudo arbitrária. Um clássico (o que se lê em *classe*... como leitura escolar obrigatória) será uma fonte, se o abrimos.

11 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*. Os Cadernos IHU em formação estão disponíveis para download na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da IHU On-Line)

12 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*. (Nota da IHU On-Line)

13 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

Um livro que não se lê, tenha ele tido o maior poder de subversão do mundo, continuará morto, à espera de ser atualizado.

### Cartas que nos forçam a refletir

As cartas de Paulo, enquanto forem lidas (pois podem cessar de serem lidas: o que é um clássico pode cair em abandono), saberão nos sacudir, nos confrontar, nos forçar a refletir. A história da interpretação antes de nós mostra isso amplamente. Não há momento propício para ler Paulo, mas, ao contrário, a leitura de Paulo pode criar um momento propício, o momento capaz de criar o novo. Por quê? Essencialmente por três razões – provavelmente interligadas. Primeiramente, a temporalidade paulina é construída sobre o modo do *kairós*<sup>14</sup> que surge e vem interromper o *chronos* (cronologia): Bultmann<sup>15</sup> o salientou bem (e, paradoxalmente, cada um a sua maneira, Badiou e Agamben). O “agora” e o “doravante” são muito fortes em Paulo e colocam constantemente o leitor diante da urgência de uma decisão. (Mais uma vez, pode-se reler Romanos 3, 21-26, que começa por um sonoro “mas agora”.) Em segundo lugar, há um poder, uma veemência em Paulo – mas sou talvez influenciado pelo meu *status* de crente, para quem se trata de um texto canônico de referência.

<sup>14</sup> *Kairos*: palavra grega que significa “o momento certo” ou “oportuno”. Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* e *kairos*. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico, ou sequencial, esse último é um momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece. É usada também em teologia para descrever a forma qualitativa do tempo, o “tempo de Deus”, enquanto *chronos* é de natureza quantitativa, o “tempo dos homens”. (Nota da IHU On-Line)

<sup>15</sup> Rudolf Karl Bultmann (1884-1976): teólogo luterano alemão nascido em Wiefelstede, Oldenburg, que propôs uma interpretação do Novo Testamento da Bíblia apoiada em conceitos de uma filosofia existencialista. Iniciou como professor sobre sua especialidade, o Novo Testamento (1916), em Breslau, Giessen e Marburg. Nessa cidade tomou contato com Martin Heidegger e a filosofia existencialista, que influenciou seu pensamento posterior. Morreu em Marburg, então Alemanha Ocidental. Seu primeiro livro foi *Jesus* (1926) e a sua mais famosa obra foi *Das Evangelium des Johannes* (1941). Na edição 114, de 06-09-2004, publicamos na editoria Teologia Pública um debate sobre a obra *Teologia do Novo Testamento*, com a participação de Nélcio Schneider e Johan Konings. (Nota da IHU On-Line)

A poesia, a retórica, a implicação impetuosa de uma personalidade excepcional: parece-me que o texto paulino possui uma grande eficácia performática. Em terceiro lugar, as cartas paulinas – e é provavelmente a razão pela qual os cristãos as conservaram – mantêm a marca da experiência da ressurreição.

### IHU On-Line - Qual é seu parecer sobre a acusação de Nietzsche a Paulo de que ele deturpou o ensinamento de Cristo?

Alain Gignac - Não sou um especialista em Nietzsche, mas, à maneira do filósofo alemão, permitam-me jogar com as palavras. De sua parte, não se trata de uma maledicência (fundamenta-

“A ressurreição está  
bem no centro da  
cristologia de Paulo  
– mas não se trata de  
uma fuga da vida  
presente, mas de sua  
transfiguração do  
interior!”

da), mas de uma calúnia (inventada). Nietzsche dissocia Jesus e Paulo para opô-los e para atacar o apóstolo se servindo de um Jesus que lhe convém. Nietzsche fabrica uma imagem de Jesus para, em seguida, provar sua tese segundo a qual Paulo inventou uma forma religiosa aberrante, o cristianismo, que toma o exato contrapé do ensinamento do fundador, do qual Paulo se proclama, no máximo da desonestidade, o mensageiro. Sobre isso, duas coisas. De um lado, para o apóstolo, Jesus não é uma mensagem, um ensinamento, um conjunto de valores mais ou menos humanistas, mas uma experiência (isto, Badiou entendeu melhor

do que Nietzsche). Nós nos lembraríamos da personalidade e da sabedoria de Jesus, se os primeiros cristãos não tivessem feito a experiência de um encontro libertador do Vivo? Por outro lado, Nietzsche não soube ver que as cartas de Paulo são o eco do ensinamento de Jesus de Nazaré – mesmo se este é citado somente em caso raro (e, nestes casos raros, jamais de maneira muito clara, inclusive). O amor fraterno, a doçura, o ideal de perfeição evangélica que impulsiona o humano para o alto sem esmagá-lo sob uma moral do dever – tudo isto é muito presente em suas cartas.

### IHU On-Line - Nessa perspectiva, qual sua posição sobre a pretensa teologia do ressentimento que Paulo teria fundado?

Alain Gignac - Para responder corretamente sua questão, ser-me-ia necessário reler Nietzsche. Pelo que sei, esta imagem forte do *ressentimento* classifica o cristianismo como uma religião de ódio. Desconhecendo o ensinamento de Jesus, os cristãos teriam desejado vingar não somente a sua morte, mas também a sua própria exclusão (diante dos Judeus, do Império etc.) Eles não teriam compreendido as motivações que animavam Jesus na aceitação de seu destino. As consequências deste ressentimento teriam sido a exaltação da pequenez e a fuga do mundo.

Parece-me que Nietzsche erra totalmente o seu alvo. Não reconheço Paulo na caricatura que ele faz. Além disso, ele ataca Paulo ou o cristianismo de seu tempo? Na minha leitura, Paulo não é nem raivoso nem animado pela vingança. Como Jesus, ele está ao lado dos excluídos e dos fracos (o que não agrada Nietzsche). Paulo não foge para um outro mundo: ao contrário, este mundo de Deus já é vivido. A ressurreição não é para amanhã, ele é hoje no centro de nossa existência.

Entretanto, o filósofo alemão apontou um ponto extremamente importante: “São Paulo desloca simplesmente o centro da gravidade de toda a existência, por de trás desta existência - na ‘mentira’ de Jesus ‘ressuscitado’” (*O anticristo*, § 42). A ressurreição está

bem no centro da cristologia de Paulo – mas não se trata de uma fuga da vida presente, mas de sua transfiguração do interior! Se ele contesta tão fortemente Paulo, é porque o leu atentamente. E quem sabe por que vê nele um rival? Em Paulo, tudo passa pelo prisma da morte/ressurreição – a cruz, por assim dizer. Então, tudo está “desfigurado”. Mais uma vez, jogando com as palavras, Paulo não tem necessidade de desfigurar o ensinamento de Jesus. O Cristo que ele propõe está desfigurado, uma vez que ele passou pela cruz – como ele lembra rudemente em Gálatas (3,1).

**IHU On-Line - Essas críticas poderiam ser compreendidas como uma forma de apreendermos o cristianismo em sua versão mais primordial, sem a interferência paulina?**

**Alain Gignac** - Sim, há uma interferência “paulina” entre nós e Jesus de Nazaré, e mesmo entre nós e a experiência pascal fundadora, mas ela é inevitável. Nós conhecemos Jesus somente através do testemunho situado e orientado dos primeiros cristãos – como Paulo. Neste sentido, creio que não há forma mais primordial do cristianismo que aquela que nos transmite, em sua diversidade plural, o Novo Testamento. A busca histórica pode tentar reconstruir, fora dos textos, o Jesus histórico ou a vivência dos primeiros cristãos em Jerusalém ou na Galiléia, mas isso continua sendo uma construção hipotética... e muito (demais) seguidamente sujeita ao “imaginário” do historiador (ou do filósofo). Paulo está também no princípio do cristianismo! Ele se torna cristão no máximo cinco anos após a morte de Jesus. Seria mais justo, ao invés de buscar como uma miragem uma versão “primordial” de um cristianismo puro e não deformado, de valorizar o pluralismo dos cristianismos durante o século I – ou seja, a diversidade das correntes na Igreja primitiva. Pode-se criticar Paulo, mas não se pode acusá-lo de deformar o cristianismo, de desfigurá-lo. A identidade cristã passa pela Páscoa.

Formulado de outra forma: o cristianismo não está fundado em Jesus, mas no Cristo – ou seja, uma interpretação pascal da vida e da morte de Jesus. Podem-se ver outras interpreta-

**“Não se trata de um teórico ou alguém que vive na abstração. Ele responde perguntas difíceis – e ele não tem as respostas. Ele tenta encontrar, e encontra somente vestígios de respostas, parciais”**

ções da experiência pascal, paralelas a de Paulo, que nos agradam mais, mas não há cristianismo primordial – somente figuras do Cristo concorrentes e finalmente contemporâneas à da desenvolvida por Paulo.

**IHU On-Line - Como compreender que a morte na cruz, então a mais ignominiosa que se podia conceber, foi interpretada por Paulo como uma morte gloriosa, sublime, e assim difundida, segundo critica Nietzsche?**

**Alain Gignac** - Paulo não fala da cruz gloriosa. Ao contrário, ele insiste sobre o escândalo da imagem desfigurada do Cristo. A proclamação messiânica de um messias crucificado é uma loucura. Sobre este assunto, é preciso reler os quatro primeiros capítulos da Primeira Carta aos Coríntios (que Nietzsche cita inclusive três vezes em *O anticristo*, §45: o filósofo, do âmbito da sabedoria humana, é verdadeiramente escandalizado por esta loucura que está no seio da pregação paulina). Paulo é consciente de que se trata de uma morte vergonhosa, mas ele está longe de dizer que se trata de uma morte gloriosa. Paulo não exclui o sofrimento nem o escândalo da morte. Sua retórica não visa à sublimação, mas marca fortemente o paradoxo. A argumentação repousa então sobre uma premissa: todo o mundo está de acordo que a cruz é uma aberração, uma derrota, ou até mesmo o sinal de uma maldição divina

(como lembra Paulo em Gálatas 3, 10). Todavia, foi Deus quem ressuscitou este messias, o Cristo (Romanos 1, 3-4). Em 1 Coríntios 1-4, Paulo não fala imediatamente de ressurreição. Será preciso esperar o Capítulo quinze para que ele o faça (1 Coríntios 15). Para ele, morte e ressurreição estão ligadas (Romanos 6, 1-5): a cruz fica sem sentido sem a ressurreição, mas esta torna-se triunfal e desconecta da realidade se esquecermos a cruz. Os cristãos têm dificuldade de manter o equilíbrio: a cruz pode ser exaltada e tender ao masoquismo (e, neste ponto, Nietzsche tem sem dúvida razão, em sua suspeita extrema), e a ressurreição pode tender ao apologético (“olhai como a mensagem do evangelho é forte e sublime...”).

Mais uma vez, Nietzsche é um leitor perspicaz. Ele tem razão em salientar a insistência de Paulo sobre a cruz e ele tem o direito, em nome de sua lógica, de rejeitar a linguagem paulina. Mas, ele está errado em chamar Paulo de desonesto, ou até mesmo de manipulador. Ao contrário, Paulo é honesto e consciente do escândalo de sua pregação. Se o apóstolo não pode fazer de outro modo, é porque seu discurso repousa sobre a experiência da ressurreição: a despeito do triunfo da morte, a vida o levou. Ao próprio lugar onde a força do pecado pareceu levá-lo, a justiça de Deus triunfou (Romanos 8, 1-4). Para além das aparências, Paulo não tem escolha, uma vez que se trata de dar conta de sua experiência, de atestar e de testemunhar, e não de provar. Isto também Badiou compreendeu bem, melhor do que Nietzsche. O que distinguirá sempre o filósofo do apóstolo é justamente esta experiência. A ressurreição não é justamente uma dedução, um raciocínio, mas um encontro que se impõe a um sujeito que crê.

#### LEIA MAIS...

Alain Gignac já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira o material na página eletrônica do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

#### Entrevista:

\* *Paulo de Tarso e os filósofos contemporâneos*. Edição número 176, de 17-04-2006, intitulada *América Latina: um giro à esquerda?*

## Antecipando os temas da modernidade

Paulo de Tarso “lançou” slogans como emancipação e autonomia, que continuam válidos em nosso tempo, e não há corrupção da mensagem de Jesus no paulinismo, frisa Rémi Brague. A Europa está doente e crise tem origem no ódio à vida

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

**E**mancipação e autonomia são alguns dos slogans que a modernidade herdou de Paulo de Tarso. A afirmação é do filósofo francês Rémi Brague na entrevista que concedeu à **IHU On-Line** por e-mail, com exclusividade. Sobre a acusação de que o apóstolo teria corrompido a mensagem de Jesus, Brague argumenta que esta é uma invenção recente “tomada dos judeus cristãos dos inícios da era cristã. Encontra-se esta idéia, por exemplo, em Nietzsche, que a havia tomado de certas correntes da exegese protestante de seu tempo”. Para ele, “não há nenhuma ‘mensagem de Jesus’ que Paulo tenha deformado. Falar assim é ainda situar-se do ponto de vista muçulmano. Jesus não traz uma ‘mensagem’, ele traz sua própria pessoa divina e humana”. Brague fala, ainda, sobre “uma Europa doente”, que não renova suas gerações e denota uma crise mais fundamental, que é a do ódio à vida. “A humanidade está a ponto de realizar o sonho da filosofia moderna: fundamentar tudo sobre a liberdade. Concretamente, a busca da experiência humana, a continuação da vida humana sobre a Terra, depende cada vez mais da vontade do homem”. Para ele, é incorreto falar em valores cristãos, pois valores são mutáveis e circunscritos, e o cristianismo propõe mandamentos que são bons para todos os homens, de forma universal.

Brague leciona na Universidade Paris I, Sorbonne, na França. É autor de *Europe, la voie romaine* (Paris: Critérion, 1992), *A sabedoria do mundo* (Lisboa: Edições Piaget, 2002) e *La Loi de Dieu. Histoire philosophique d'une alliance* (Paris: Gallimard, 2005). Confira a íntegra da entrevista abaixo.

**IHU On-Line - Em outra entrevista à nossa publicação, o senhor afirma que vários dos grandes slogans do projeto moderno vêm de Paulo. Que slogans seriam esses?**

**Rémi Brague** - Eu pensava na idéia segundo a qual a humanidade, chegada à idade adulta, já não necessitaria mais de preceptores (Gálatas 3, 25; 4, 2-3). Tal concepção está na base da idéia moderna de emancipação. Eu também penso na idéia de autonomia, no sentido etimológico do termo: ser sua própria lei, obedecendo à própria consciência (Romanos 2, 14). Penso, enfim, na imagem de um esquecimento do passado compensado por uma tensão de todo ser para frente (Filipenses 3,

13). Chesterton<sup>1</sup> dizia que os tempos modernos estavam infestados de “virtudes cristãs tornadas loucas”. Temos algo de análogo com essas idéias paulinas.

**IHU On-Line - Alguns autores muçulmanos acusam Paulo de ter corrompido a mensagem de Jesus. Qual é a base desta afirmação e o que o senhor pensa a respeito?**

**Rémi Brague** - O problema do islã é que seu livro fundamental, o Corão, contém afirmações que não estão na Bíblia. O Antigo e Novo Testamentos

<sup>1</sup> Gilbert Keith Chesterton (1874-1936): escritor britânico, crítico e autor de versos, ensaios, novelas e histórias. (Nota da IHU On-Line)



Divulgação

confundidos até contradizem a Bíblia. O islã resolve essa questão dizendo que a Bíblia foi corrompida. Moisés teria recebido a Tora, e Jesus, o Evangelho (no singular!). O conteúdo destes livros seria, em grandes linhas, o mesmo do Corão, e anunciaria a vinda de Maomé. Mas a Tora e o Evangelho teriam, em seguida, sido traficados. Por quem? O Corão diz que os judeus tomam Uzayr pelo filho de Deus (IX, 30). Às vezes, se entendeu este nome obscuro como designando Esdras, pretendo corruptor da Tora. Tornar Paulo responsável por uma corrupção da mensagem de Jesus é uma invenção bastante recente, tomada dos judeus cristãos dos inícios da era cristã e dos quais alguns grupos

teriam talvez durado até a conquista árabe no século VII. Encontra-se esta idéia, por exemplo, em Nietzsche,<sup>2</sup> que a havia tomado de certas correntes da exegese protestante de seu tempo. Os muçulmanos assumem certas hipóteses da ciência bíblica cristã para criticar o cristianismo, de onde provém esta idéia sobre Paulo.

Não há nenhuma “mensagem de Jesus” que Paulo teria deformado. Falar, assim, é ainda situar-se do ponto de vista muçulmano. Jesus não traz uma “mensagem”, mas sim sua própria pessoa divina e humana. Ele é uma pessoa que fala, certamente, e diz coisas extraordinárias, além de curar os doentes e nutrir as multidões. E, sobretudo, realiza tudo como se fosse o próprio Deus que estaria em seu lugar: perdoar os pecados, expulsar os demônios etc. Trata-se de um evento que foi perturbador para os Doze e que derrubou Paulo no caminho de Damasco. Paulo difundiu sobre o evento da vida de Jesus uma interpretação determinada, que ele recebera dos Doze. Ele só transmite o que recebeu (1 Coríntios 11, 23-26).

**IHU On-Line - O senhor afirma que a Europa está doente e que há uma crise de valores em curso. Que tipo de cristianismo emerge deste cenário?**

Rémi Brague - Que a Europa esteja doente parece-me claro. Um continente inteiro que não renova suas gerações não pode estar em boa saúde. Mas eu espero não ter jamais falado de “valores”. Se há crise, não se trata de uma crise dos pretendidos “valores”.

<sup>2</sup> Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da IHU On-Line)

Falar de “valores” já é fomentar a crise. Com efeito, um valor é aquilo que eu *decido* que isto está bem. Por isso, posso mudar de valores a meu bel-prazer, como se penduram lâmpioes e depois se retiram para substituí-los por outros. Se sou eu que decido que tal ou tal bem tem um valor, eu também posso recusar-lhe de ter valor, se isso me serve.

E que, sobretudo não se fale de “valores cristãos”, como demasiados cristãos adquiriram o hábito de fazer. Como se houvesse valores cristãos, budistas, islâmicos ou mesmo leigos. O cristianismo não defende nenhum bem que só seria bom para ele. Os dez mandamentos e a caridade são bons, para todos os homens, sem exceção.

A crise mais fundamental é o ódio da vida. A humanidade está a ponto de realizar o sonho da filosofia moderna: fundamentar tudo sobre a liberdade. Concretamente, a busca da experiência humana, a continuação da vida humana sobre a Terra, depende cada vez mais da vontade do homem. Mas trata-se de perguntar por que precisamente este deveria obrigatoriamente escolher a vida. “Escolher a vida” é um conselho de Deus: “escolhei, pois, a vida, para que tu e tua posteridade vivam” (Deuterônimo 30, 19). Isso me pareceu há muito tempo uma evidência, pois, enfim, quem escolheria a morte? Eu me enganava. Somos disso perfeitamente capazes. O cristianismo que teria alguma chance de sair disso seria, talvez, justamente um cristianismo que se vinculasse ao Cristo, e não a “valores”.

**IHU On-Line - Pensando na afirmação de Bergson,<sup>3</sup> de que “a democracia é de essência evangélica”, as bases igualitárias propostas por esse sistema político, tal como conhecemos hoje nas sociedades ocidentais, podem ser creditadas a Paulo em função do universalismo que propõe?**

<sup>3</sup> Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da IHU On-Line, de 24-09-2007, *A evolução criadora, de Henri Bergson*. Sua atualidade cem anos depois. (Nota da IHU On-Line)

Rémi Brague - Sim, a idéia de igualdade de todos os seres humanos, homens ou mulheres, livres ou escravos, judeus e pagãos diante de Deus é uma idéia de Paulo. Ele retoma sucessivamente os grandes desníveis do mundo antigo, tanto grego como judeu, para recusar-lhes toda outra pertinência além da puramente funcional. A “democracia” grega se fundava na superioridade dos homens sobre as mulheres, dos gregos em relação aos bárbaros, e sobre a exclusão dos escravos da vida pública. O judeu piedoso, de seu lado, agradece a Deus todas as manhãs por não tê-lo feito mulher, escravo ou pagão.

No entanto, é preciso não esquecer que o próprio Paulo se enraíza numa tradição bem mais antiga. O Antigo Testamento é, em todo o caso, o único livro que nos legou a Antigüidade, no qual se encontra uma crítica da instituição monárquica (1 Samuel 8, 11-17), e não somente de tal ou tal rei concreto.

Tudo isto se funda na capacidade que se supõe que todo homem possua, de ter acesso direto e imediato a Deus. Sem esta suposição, pode-se perguntar se nossas democracias (que certamente são imperfeitas) não desapareceriam, deslizando irresistivelmente para regimes de castas. Quem estaria no poder? Os engenheiros? Os militares? Os biólogos? Os psicólogos? Os homens da mídia? Isso importaria muito pouco. Em todo o caso, uma elite procuraria imitar, não Deus, seguramente, mas a imagem perversa que faria da divindade: um manipulador, um condutor de marionetes todo-poderoso, um policial infalível, um feiticeiro. Em todo o caso, esse Deus não teria grande coisa a ver com aquele que nos mostra Jesus Cristo.

**IHU On-Line - Sob que aspectos o projeto de um humanismo ateu é incompatível com o cristianismo?**

Rémi Brague - Não é somente por ser ateu que este projeto seria incompatível com o cristianismo. É também porque ele não é verdadeiramente humanista, mas se volta contra o homem, ou antes, contra os homens concretos. As tentativas de humanismo ateu levaram todos à catástrofe e produziram em alguns anos

mais crimes que as religiões em muitos séculos. Todas se atribuíam um modelo do homem (o ariano, o proletário) e quiseram liquidar tudo o que não lhe correspondia. Isso é exigido pela lógica imanente desse projeto. Ou todo homem é objeto do amor e do respeito de Deus, ou certos homens são mais humanos do que outros. Eu não digo: mais belos, mais fortes, mais inteligentes, desigualdades evidentes que só podem fundamentar classificações em vista de diferentes papéis sociais. Eu digo: mais dignos de ser humanos e, então, de serem tratados como tais. Seria, então, preciso conceber-se um modelo do que é ser plenamente humano. E estes homens, mais humanos do que os outros, teriam o direito de dominar àqueles e, no limite, o dever moral de eliminá-los.

Acredita-se, então, verdadeiramente no projeto de um humanismo desse gênero? Ouve-se falar cada vez mais de um “transumanismo”<sup>4</sup>, de uma transformação do homem por meios técnicos e biológicos. Que isso seja tecnicamente possível ou não, que isso seja moralmente aceitável ou não, estes dois problemas não me interessam aqui. Mas são um sintoma forte de uma insatisfação de si, e mesmo de um ódio de si!

Além disso, é preciso notar uma virada interessante na crítica que se dirige ao cristianismo. Este é considerado responsável por tudo, mas também pelo contrário de tudo. Há muito tempo lhe foi atribuída a suspeita de rebaixar o homem, de desprezá-lo, de humilhá-lo, de ter dele uma visão “negra”. Basta pensar na crítica de Pascal<sup>5</sup> feita por Voltaire,<sup>6</sup> no final das *Lettres philosophiques*. Acusa-se agora o cristianismo, desde Schopenhauer<sup>7</sup> (que

4 Sobre o tema, confira a edição nº 200 da Revista IHU On-Line, de 16-10-2006, intitulada *O pós-humano*. Acompanhe, ainda, a discussão sobre esse tema no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da IHU On-Line)

5 Blaise Pascal (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da IHU On-Line)

6 Voltaire (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da IHU On-Line)

7 Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo

se apoiava, aliás, sobretudo no Antigo Testamento), de privilegiar em demasia o homem em relação aos animais. E agora certos ecologistas o acusam de fazer do homem um tirano que se rebela contra a deusa Terra.

**IHU On-Line - O senhor sugere que os cristãos devem tornar-se melhores. Que ética pode sedimentar uma nova prática cristã?**

**Rémi Brague** - Não é que os cristãos são os que devem tornar-se melhores! Todos os homens têm este dever com a maior urgência. E não se trata de sugerir-lo, é preciso gritá-lo. E gritá-lo em primeiro lugar a si próprio.

Uma ética? O projeto de uma prática autenticamente cristã nos conecta de vez ao domínio da ética. O cristianismo tem esta particularidade entre as religiões: a de não ter trazido nenhuma regra nova. Nenhuma regra moral, bem entendido, pois isso não é de qualquer modo possível. Mas também nenhum sistema social, nenhuma prática de culto, nenhuma prece, nenhum sacrifício, nenhuma peregrinação que fossem determinantes. Tudo isso é deixado à iniciativa de quem crê. As regras morais do cristianismo não são outras senão aquelas elementares que, em todos os tempos, permitiram às sociedades subsistirem. O cristianismo tem, em compensação, um tesouro que ele talvez seja o único a possuir ainda. É a afirmação da bondade do mundo, de um mundo que Deus ama e que Ele quis salvar. As regras morais permitem viver bem. Somente a fé permite crer que é bom viver.

#### LEIA MAIS...

Rémi Brague já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira o material na página eletrônica do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

#### Entrevista:

\* *A crise do cristianismo e da modernidade*. Edição número 175, de 10-04-2006, intitulada *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*.

alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

ACESSE A VERSÃO ELETRÔNICA DA  
REVISTA IHU ON-LINE  
WWW.UNISINOS.BR/IHU

## O universalismo paulino

O caráter universalista de Paulo de Tarso impressiona filósofos e é decisivo na formação do pensamento contemporâneo, mas não se pode absolutizá-lo como fundador do cristianismo, pois comunidades cristãs já existiam antes dele

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUCIANA CAVALHEIRO

**P**ara o filósofo francês Jean-Claude Eslin, Paulo de Tarso antecipa a época contemporânea através do caráter universal de seu pensamento, promovendo uma “circulação nova entre os homens que derruba os obstáculos étnicos”. Ele influenciou, de maneira indiscutível, Agostinho e Lutero, sobretudo no que diz respeito aos conceitos de predestinação e pecado original. Entretanto, esclarece Eslin, “eles o extraíram de seu contexto, caindo em um excesso de lógica (intellectus fidei), o que abriu espaço a uma doutrina que se revelou desastrosa e favoreceu o ateísmo”. Ele recomenda, ainda, que não se absolutize Paulo como o fundador oficial do cristianismo, pois já havia inúmeras comunidades cristãs antes dele. “Ele é ‘um’ entre vários”.

Eslin leciona no Centre Sèvres e no Instituto Católico de Paris. É membro de redação da revista *Esprit*. Escreveu, entre outros, *Dieu et le pouvoir. Théologie et politique en Occident* (Paris: Seuil, 1999), *La Bible, 2000 ans de lectures* (Paris: Desclée de Brouwer, 2003) e *La Cité de Dieu de Saint Augustin* (Paris: Seuil-Points Sagesses, 3 volumes, 2004). A entrevista a seguir foi concedida por e-mail, com exclusividade à IHU On-Line. Confira.

**IHU On-Line - Qual é o maior legado de Paulo de Tarso à contemporaneidade?**

**Jean-Claude Eslin** - O maior legado de Paulo para a época contemporânea me parece ser a universalidade, em relação às concepções de seu tempo, os judeus e gregos, em relação a todo provincialismo. “Já não há judeu nem grego, nem escravo, nem livre, nem homem, nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3,28). Esta sentença impressiona os filósofos, apesar do caráter à primeira vista utópico da afirmação. Paulo antecipa a modernidade que nós gostaríamos de ter: uma circulação nova entre os homens que derruba os obstáculos étnicos. Da mesma forma, nos impressiona o distanciamento que ele toma em relação à Lei de Moisés, pelo melhor (universalização) e pelo pior (risco de anomia).

**IHU On-Line - Que aspectos políticos e religiosos atuais podem ser aponta-**

**dos como diretamente tributários do paulinismo?**

**Jean-Claude Eslin** - Primeiramente, menciono a criação de pequenas comunidades, “igrejas”, assembleias no Império Romano, novas em seu espírito e organização muito flexíveis, sobretudo duráveis, favorecendo uma vida social inédita. O traço marcante é o fato de tais “igrejas” serem suficientemente estruturadas e sólidas para serem eventualmente um poder de afirmação e de resistência em relação ao Estado – uma dualidade do político e do religioso assim introduzida, novidade com respeito ao Império Romano. O filósofo marxista Alain Badiou lamenta que os comunistas, com suas “células do partido”, não tenham conseguido tanto quanto Paulo!

Em segundo lugar, diria que outro aspecto político e religioso que pode ser tributado a Paulo é a instrução “Toda a alma esteja sujeita às autoridades superiores” (Romanos, 13,1), que prega o civismo e a obediência, que seguidamente

foi interpretada em um sentido de submissão passiva ao poder público, é então corrigida pela existência de “igrejas” que podem eventualmente resistir ao poder político. Isso impressionava Max Weber.

**IHU On-Line - O que explica o crescente interesse por Paulo de Tarso não apenas na teologia, mas no campo filosófico?**

**Jean-Claude Eslin** - O interesse por Paulo no campo filosófico está ligado às categorias intelectuais que ele introduziu e que continuam sendo as nossas categorias, mesmo quando o conteúdo é diferente. Ele introduziu a categoria de “novidade radical”, de “conversão absoluta”, de “homem novo”. E separa um “antigo tempo” de um “novo tempo”, já inaugurado, mas que se seguirá no futuro (“já chegado, ainda não”). Há então algo de revolucionário que continua marcando nossa concepção de tempo. Ele dispensa o passado, mas mantém

## “Agostinho distorceu o sentido de uma passagem de Paulo, em Romanos 5, 12, maximizando a doutrina do pecado original”

o passado: então há uma liberdade. Os filósofos atuais gostariam muito de poder pensar assim, de beneficiar-se de tal dialética.

**IHU On-Line - De que forma as epístolas paulinas influenciaram Santo Agostinho<sup>1</sup> e Lutero?**

**Jean-Claude Eslin** - Os ensinamentos de Paulo influenciaram fortemente Agostinho e Lutero em particular sobre dois pontos: a predestinação e o pecado original. Agostinho e Lutero divulgaram a todos os homens os propósitos de Paulo sobre a predestinação em Romanos 9 e 10, ignorando o contexto que concernia somente à Israel e aos cristãos. Eles os extraíram de seu contexto, caindo em um excesso de lógica (*intellectus fidei*), o que abriu espaço a uma doutrina que se revelou desastrosa e favoreceu o ateísmo, como se os decretos de Deus fossem totalmente arbitrários.

Da mesma forma, Agostinho distorceu o sentido de uma passagem de Paulo, em Romanos 5, 12, maximizando a doutrina do pecado original. Agostinho interpreta “em Adão todos pecamos” segundo sua tradição latina, enquanto que o texto grego diz somente “dada a circunstância que todos pecaram”; ora, circunstância não significa causalidade, e os Padres da Igreja grega foram mais discretos.

**IHU On-Line - É correto afirmar que Paulo de Tarso é o fundador oficial do cristianismo, convertendo-o de seita à religião?**

**Jean-Claude Eslin** - Não diria que Paulo é o fundador oficial do cristianismo. Na verdade, as primeiras comunidades cristãs, muito diversificadas, já

1 Aurélio Agostinho (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

existiam antes dele, a pregação dos apóstolos existia antes dele, e ele representa somente uma corrente do primeiro cristianismo. Ele é “um” entre vários.

**IHU On-Line - Até que ponto o cristianismo é uma construção paulina, e até que ponto é fiel aos ensinamentos de Jesus?**

**Jean-Claude Eslin** - Não se pode absolutizar Paulo. É o interesse do cânone do Novo Testamento que representa uma pluralidade de 27 escritos, que se corrigem mutuamente quando é o caso.

Paulo representa uma primeira elaboração, uma primeira teologia, bastante fiel aos ensinamentos de Jesus (neste ponto sou católico, não promovo a desarmonia entre Jesus e Paulo, ainda que eles não se situem no mesmo registro, nem para o mesmo público), mas é preciso relativizar às vezes, o que pode se fazer recorrendo aos outros autores do Novo Testamento, e também através de uma reflexão nova e delicada dos cristãos de hoje. É claro que nós absolutizamos os desenvolvimentos de Paulo, mas “relativizá-lo” é uma questão nova diante da qual somos inábeis.

O que me impressionava na minha juventude, era a forma grandiosa e ao mesmo tempo realista, com que Paulo descreve o apelo e o modo de existência da vida apostólica, na qual ele descreve sua vida nas cartas aos Coríntios, a consciência de sua liberdade e de seu apelo, a grandiosidade de sua missão: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo...” (Efésios, 3,8). Isso pede a reflexão de como compreendemos estas palavras hoje, em um contexto de secularização.

IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU NARRAR DEUS NUMA SOCIEDADE  
PÓS-METAFÍSICA. POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES  
INFORMAÇÕES EM WWW.UNISINOS.BR/IHU

## Paulo: um novo sentido para a igreja de hoje

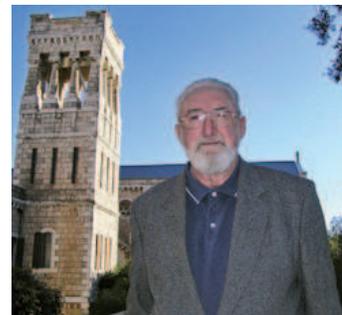
Nominalismo e verbalismo típicos da igreja em nossos dias podem ser substituídos por um novo sentido de realidade, ao qual Paulo nos “intima”. Conceito paulino de liberdade diz que esta é uma propriedade da comunidade, aponta Jerome Murphy O’Connor

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

“**P**aulo intima a igreja de hoje a um novo sentido de realidade, que repudia o nominalismo e o verbalismo que caracteriza a igreja hoje”, menciona o biblista Jerome Murphy O’Connor na entrevista exclusiva que concedeu à IHU On-Line, por e-mail.

“A igreja de Paulo é, acima de tudo, comunidade”, enfatizou. Ele examina, também, o conceito paulino de liberdade: “Para Paulo, a liberdade era uma propriedade da comunidade, não uma posse do indivíduo. Ele acreditava que aqueles que não conheciam Cristo, tanto judeus quanto gentios, viviam sob o poder do Pecado. Este era uma força gerada pelo falso sistema de valores da sociedade, que fazia as pessoas ser outra coisa do que elas gostariam de ser”.

Jerome Murphy O’Connor é reconhecido mundialmente como uma autoridade no Novo Testamento, em particular as cartas de Paulo. Seus inúmeros livros publicados incluem títulos como *Biografia crítica* (São Paulo: Edições Loyola, 2000) e *Paulo de Tarso. História de um apóstolo* (São Paulo: Edições Loyola, 2007), ambos traduzidos para diversos idiomas. Sacerdote dominicano, O’Connor é professor de Novo Testamento na École Biblique, em Jerusalém, e autor do definitivo *The Holy Land. An Archaeological Guide* (5th ed. Oxford: Oxford University Press, 2008).



DIVULGAÇÃO

**IHU On-Line - Qual é o significado da celebração do segundo milênio de nascimento de Paulo para o mundo cristão?**

**Jerome Murphy O’Connor** - Eu imagino que a intenção do Papa Bento em declarar 2008-2009 o Ano de São Paulo foi a de trazer o Apóstolo mais à frente na mente da Igreja. Partes das cartas de Paulo são lidas na missa durante grande parte do ano, mas são curtas, complicadas e tiradas do contexto. Assim, seu sentido não é compreendido na leitura, e muitos pregadores preferem se concentrar na leitura do evangelho, que normalmente é muito mais fácil desde um ponto de vista teológico. Eu espero que, em resposta ao apelo do Papa, as paróquias e as escolas façam algo para introduzir os fiéis no gênio de São Paulo. Poderia ser uma versão pequena e simples da sua vida, com ênfase em como suas idéias teológicas cresceram muitas vezes fora de suas experiências. Outra possibilida-

de poderia ser reunir um grupo para trabalhar com uma das cartas mais curtas e mais simples, por exemplo, a Carta a Filemon, que tem apenas um capítulo e que lida com o interessante problema de um escravo fugitivo.

**IHU On-Line - Paulo de Tarso é uma figura complexa. Como podemos considerá-lo enquanto figura singular na sua relação com o judaísmo e as origens cristãs?**

**Jerome Murphy O’Connor** - Paulo de Tarso é uma figura complexa porque muitos fatores colaboraram para torná-lo o que ele é. Seus pais eram de Giscala, no norte da Galiléia. Quando ele era ainda pequeno, os romanos venderam seus pais como escravos em Tarso. Isso significa que Paulo cresceu como um judeu na diáspora, em contato diário com pagãos em uma cidade muito cosmopolita. Isso também significa que ele recebeu uma educação excepcionalmente boa, tanto

judaica como secular. Sua capacidade altamente desenvolvida na retórica pode ser explicada pela sua participação no que hoje chamaríamos de Universidade de Tarso. Ele foi treinado para ter sucesso no mundo pagão. Aos 20 anos, foi a Jerusalém, e lá, como fariseu,<sup>1</sup> se comprometeu com igual entusiasmo ao estudo da Lei Judaica. Quando adulto, relembrou o fato de que havia sido o

<sup>1</sup> Fariseu: nome dado a um grupo de judeus devotos à Torá, surgidos no século II a.C.. Opositores dos saduceus, criam uma Lei Oral, em conjunto com a Lei escrita, e foram os criadores da instituição da sinagoga. Com a destruição de Jerusalém em 70 d.C. e a queda do poder dos saduceus, cresceu sua influência dentro da comunidade judaica e se tornaram os precursores do judaísmo rabínico. A palavra fariseu têm o significado de “separados”, “a verdadeira comunidade de Israel”, “santos”. Sua oposição ferrenha ao Cristianismo rendeu-lhes através dos tempos uma figura de fanáticos e hipócritas que apenas manipulam as leis para seu interesse. Esse comportamento deu origem à ofensa “fariseu”, comumente dado às pessoas dentro e fora do cristianismo, que são julgados como religiosos aparentes. (Nota da IHU On-Line)

melhor no grupo da sua idade. Durante esse período, certamente se casou. Era uma obrigação para os judeus se casar e ter filhos. Se Paulo nunca mencionou sua esposa ou seus filhos, eu só posso acreditar que eles morreram em um acidente tão traumático, que Paulo não suportava pensar sobre isso.

**IHU On-Line - Como entender a experiência de Paulo, o “homem que caiu do cavalo”, do encontro com Jesus Cristo no caminho de Damasco?**

**Jerome Murphy O'Connor** - O que as pessoas pensam que sabem a respeito da Bíblia muito freqüentemente não provém da Bíblia. A conversão de Paulo é um exemplo. Em grandes pinturas, ele é representado caindo de seu cavalo, mas nenhum cavalo é mencionado na Bíblia, e é certo que ele não andou a cavalo. Os estribos foram inventados pelos chineses apenas no século IV d.C., e teria sido extremamente doloroso, para um estudioso sedentário como Paulo, cavalgar sem sela durante muito tempo.

### Conversão

Paulo nos conta apenas que foi semelhante às aparições pós-ressurreição a Maria Madalena, aos dois discípulos no caminho a Emaús etc. Esses discípulos reconheceram o Senhor Ressuscitado, que eles haviam conhecido em sua existência terrena. Mesmo que Paulo e Jesus tenham estado em Jerusalém no mesmo período, não há nenhum sinal de que eles tenham se conhecido. Então, como Paulo sabia quem era a pessoa que se encontrou com ele na estrada de Damasco? Nós não sabemos a resposta. Mas, pelas conseqüências, podemos ter certeza de que Paulo estava totalmente convencido de que era Jesus de Nazaré, que ele sabia que havia sido crucificado pelos romanos. Assim, ele deve ter compreendido imediatamente que Jesus era o Senhor e Messias. Como um judeu profundamente comprometido, isso significa que ele poderia apenas submeter-se totalmente a Jesus. A conseqüência mais importante para Paulo foi que essa aceitação de Jesus como o Messias significou que a Lei Judaica não tinha mais nenhum direito sobre ele. Ela não era mais o único caminho de salvação. Poder-se-ia ser

salvo acreditando em Jesus Cristo. Por isso, a reação imediata de Paulo foi sair correndo para espalhar as boas notícias (= evangelho) aos pagãos mais próximos, que eram os nabateanos<sup>2</sup> da Arábia.

**IHU On-Line - Onde Paulo encontra os fundamentos para a grande liberdade que foi cultivando?**

**Jerome Murphy O'Connor** - Para Paulo, a liberdade era uma propriedade da comunidade, não uma posse do indivíduo. Ele acreditava que aqueles que não conheciam Cristo, tanto judeus quanto gentios, viviam sob o poder do Pecado. Este era uma força gerada pelo falso sistema de valores da sociedade, que fazia as pessoas ser outra coisa do que elas gostariam de ser. Por exemplo, quando

**“O aspecto-chave da teologia de Paulo que precisa ser enfatizado hoje é a sua visão da sociedade e da igreja. A sociedade, como ele a viu, era caracterizada acima de todas as divisões”**

viajava sozinho, Paulo costumava presumir que qualquer um que tivesse a oportunidade iria roubar os utensílios dos quais o seu sustento dependia. Se ele não tomasse precauções e desse prioridade à sua própria segurança, ele poderia não ser capaz de viajar e trabalhar. Mesmo como um seguidor de Cristo, Paulo queria acreditar no melhor dos outros. Ele foi forçado a se dar conta de que eles eram egoístas pela mesma razão que ele tinha que ser egoísta. Se eles não cuidassem de si mesmos, iriam se afundar. Isso forçou Paulo a perceber que a liberdade era possível apenas em um ambiente alter-

<sup>2</sup> Nabateanos: poderosa tribo de árabes. (Nota da IHU On-Line)

nativo, em que a força do bom exemplo mais do que contrabalançasse a força do mau exemplo proveniente da sociedade. Por essa razão, a base da liberdade de Paulo era a qualidade da vida cristã na comunidade na qual ele estivesse vivendo em um dado momento. Essa também é a razão pela qual ele viajou acompanhado. Ele não precisaria se preocupar que os seus utensílios poderiam ser roubados se ele tivesse companheiros para cuidá-los enquanto ele dormia ou ia ao banheiro. Por conseqüência, o maior desafio de Paulo à Igreja contemporânea é a sua insistência de que a liberdade não é individual, mas corporativa. Há um ensinamento comum que diz que, porque somos batizados, gozamos da liberdade dos filhos de Deus. Paulo cairia na risada com tal absurdidade, porque todos os cristãos, hoje, sentem a pressão de ser desonestos de uma forma ou de outra. Corajosamente, Paulo teria esboçado a conclusão óbvia: eles não são livres. Nós, infelizmente, preferimos a ilusão.

**IHU On-Line - É bastante conhecida a importância de Paulo para o encontro da fé cristã com as culturas da sua época. Que continuidades e que rupturas culturais possibilitaram a expansão do cristianismo pela ação missionária de Paulo e de seus colaboradores e colaboradoras?**

**Jerome Murphy O'Connor** - Uma das razões pelas quais a pregação de Paulo teve tanto impacto na cultura helenística é que esta, nesse período, estava passando por um período de depressão. Em um festejado livro, “Pagan and christian in an age of anxiety” (*Pagãos e cristãos na era da ansiedade*), o historiador E. R. Dodds<sup>3</sup> mostra que, nos primeiros três séculos da nossa era, uma visão profundamente pessimista da humanidade permeou as diferentes culturas no Leste Mediterrâneo. Havia um sentimento profundo de que algo havia dado errado, o qual, quando aliado à assunção da responsabilidade humana, produziu sentimentos de culpa amplamente difundidos. Como estes não se focavam em nenhum objeto específico, eles deram origem a um sentimento de futilidade, uma vaga convicção de que a humanidade não tinha sentido, de que

<sup>3</sup> Eric Robertson Dodds (1893-1979): historiador inglês. (Nota da IHU On-Line)

era um “absurdo”. Daí vem a popularidade do mito de Sísifo. Uma vez que o rei de Corinto estava no mundo subterrâneo, foi condenado a gastar seus dias rolando uma grande pedra até o cume de uma montanha, só para vê-la escorregar de suas mãos a cada vez e cair de volta à base. Um tremendo gasto de energia por nada.

Os sentimentos das audiências às quais Paulo falava são graficamente ilustradas pela cabeça de bronze do Homem de Delos, agora no Museu de Atenas. A identidade da pessoa sentada é desconhecida, mas ele era certamente um indivíduo com problemas. A boca tristemente magoada e os olhos infelizes revelam uma personalidade cercada de dúvidas e ansiedade. O olhar levemente para cima se dirige a um vazio, como se todas as certezas íntimas tivessem sido percebidas, de repente, como ilusões. A modelagem da testa sulcada e da face frouxa carrega um profundo sentido de perda e vazio. Ele encarou o futuro sem fé ou esperança. Eram pessoas como ele que acharam atrativas as Boas Novas pregadas por Paulo. Elas davam sentido à existência.

**IHU On-Line - Como podemos compreender a relação de Paulo com as mulheres que colaboram e participam de sua missão e sua visão sobre o lugar e a participação das mulheres nas comunidades eclesiais?**

**Jerome Murphy O'Connor** - Paulo tem uma má reputação entre as feministas, que o consideram um anti-mulher. De fato, Paulo foi o mais ativo promotor do ministério das mulheres no Novo Testamento. Lídia, Evódia e Síntique tiveram um papel ativo na evangelização de Filipos, e Paulo situa a participação delas precisamente no mesmo nível que a dos apóstolos homens. Ele reconhece Febe como uma líder da igreja de Cêncri, o porto mais ao leste de Corinto. Priscila liderava uma igreja doméstica com seu esposo, primeiro em Éfeso e depois em Roma. Ápia era uma integrante do comitê de três pessoas que dirigiam a igreja de Colossos. Em Corinto, Paulo assumiu como dado que as mulheres, assim como os homens, podem rezar e profetizar nas assembleias litúrgicas. A profecia para Paulo é um dom de liderança, e a oração

**“Se Paulo é lido por filósofos contemporâneos, deve ser porque eles finalmente acordaram para o poder dos *insights* e o amplo alcance de suas sínteses teológicas. No passado, os filósofos desprezaram automaticamente o que a Igreja venerava, para o grande prejuízo deles”**

articula publicamente as necessidades da comunidade. São papéis de liderança.

De acordo com Gênesis 2, o homem foi criado antes da mulher. Os judeus usavam essa diferença cronológica para provar que as mulheres eram inferiores. Paulo refuta esse argumento indicando que, de acordo com a vontade de Deus, todo homem hoje tem uma mãe. Por isso, se o argumento cronológico é invocado, isso prova que o homem é inferior. Em 1Coríntios 11,11, Paulo insiste que a mulher é totalmente igual ao homem na Igreja [1].

A escolha de Paulo de usar imagens femininas de uma mulher durante o parto (Gálatas 4,19) [2] e do cuidado feminino (1 Tessalonicenses 2,7) [3] para descrever seu próprio ministério evidencia o seu reconhecimento de que os talentos do profeta são encontrados mais freqüentemente entre as mulheres do que entre os homens. Como a graça está baseada na natureza, não surpreende que as mulheres apareçam tão freqüentemente entre

os líderes das igrejas paulinas.

**IHU On-Line - Paulo está sendo relido hoje por vários filósofos da atualidade, como, por exemplo, como Alain Badiou, Giorgio Agamben, Jacob Taubes, Jean-François Lyotard e Slavoj Žižek. A que se deve esta relevância contemporânea da figura e atuação de Paulo?**

**Jerome Murphy O'Connor** - Se Paulo é lido por filósofos contemporâneos, deve ser porque eles finalmente acordaram para o poder dos *insights* e o amplo alcance de suas sínteses teológicas. No passado, os filósofos desprezaram automaticamente o que a Igreja venerava, para grande prejuízo deles.

**IHU On-Line - Quais são os principais elementos da teologia paulina que deveriam ser recuperados tendo em vista o diálogo intercultural hoje?**

**Jerome Murphy O'Connor** - O aspecto-chave da teologia de Paulo que precisa ser enfatizado hoje é a sua visão da sociedade e da igreja. A sociedade, como ele a viu, era caracterizada acima de todas as divisões. No nível macro, havia blocos religiosos (judeus-gentios), econômicos (mestres-escravos) e sociais (homem-mulher), enquanto no micro os indivíduos eram separados por limites de medo ou dúvida. Essa era a descrição do mundo que ele tinha que salvar. Em minha opinião, ainda é uma descrição perfeita do mundo em que vivemos. Isso nos força a perguntar: o que o cristianismo conquistou de fato?

A igreja de Paulo é, acima de tudo, comunidade. Somente quando essa comunidade é uma realidade é que o ensinamento de Jesus tem sentido e se torna vivo. Somente quando a igreja local é Cristo na terra (o Corpo de Cristo) é possível ter uma eucaristia válida. Somente quando a igreja local está ardendo com o fervor do bom exemplo nós estamos livres do falso sistema de valores da sociedade. Somente quando vivemos em uma comunidade em que o amor é sempre ativo é que nossas orações são respondidas. Paulo intima a igreja de hoje a um novo sentido de realidade, que repudia o nominalismo e o verbalismo que caracteriza a Igreja hoje.

# Paulo e a Carta aos Romanos: a Igreja e a Sinagoga

POR MARIA CLARA BINGEMER

“A carta é plurívoca, pois não comporta uma só apresentação de Deus, do Cristo, do humano e de suas interações, mas diversos discursos”, assegura a jornalista Maria Clara Bingemer, ao analisar a Carta aos Romanos, escrita por Paulo de Tarso. Outro aspecto que ela examina é o surgimento do cristianismo: “A primeira comunidade cristã era 100% judia, de Jerusalém. Aí surge o que se chama o judeu-cristianismo. O judeu-cristianismo é quase um enigma, na história, porque acaba sumindo da história”.

Bingemer é graduada em Jornalismo, mestre em Teologia, pela PUC-Rio, e doutora em Teologia Sistemática, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Entre suas obras, destacamos *Simone Weil – A força e a fraqueza do amor* (Rio de Janeiro: Rocco, 2007). O artigo, a seguir, foi apresentado no evento *Diálogo inter-religioso: fraternidade judaica cristã* promovido pelo Centro Loyola de Fé e Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 18-08-2008. Os subtítulos são nossos. Confira.

A Carta aos Romanos é um reservatório que parece inesgotável. Houve quem se apoiasse nela para pensar a predestinação, a eleição, a justificação somente pela fé, o pecado original, a revelação natural, as relações entre a Igreja e o Estado, as relações entre judeus e cristãos após a Shoah. Todos os temas que são anacrônicos no momento da redação da carta (1º século), mas encontraram ali, muitas vezes em uma metáfora, uma ancoragem mais fértil. Caricaturando um pouco, poder-se-ia dizer que cada giro decisivo da história do cristianismo se apoiou na carta aos Romanos. Por exemplo: Agostinho (passagem do cristianismo antigo à cristandade medieval), Lutero (a cisão protestante), Barth (a teologia dialética).

A carta é plurívoca, pois não comporta uma só apresentação de Deus, do Cristo, do humano e de suas interações, mas diversos discursos. Diversos pontos de vista se fazem aí entender (incluído aquele de um interlocutor virtual que põe questões ou objeções a Paulo). Assim, caso se atenda às tensões ou mesmo contradições do texto, percebem-se diversas descrições da justiça de Deus nos quatro primeiros capítulos: uma justiça vingativa, uma justiça legal, uma justiça fora da lei. Cada discurso assume o precedente, mas o modifica, modela e corrige, operando deslocamentos significativos na maneira de encarar a justiça.

Uma outra chave de leitura importante da Carta é que em Jesus Cristo o mundo conheceu uma transformação radical. Trata-se de uma visão do mundo que os especialistas qualificam de “apocalíptica”, conforme o nome da literatura judaica na qual o mecanismo desta transformação é desvelado e esperado. Ora, eis a afirmação inaudita de Paulo – mesmo para um judeu do 1º século, impregnado desta visão e destes escritos apocalípticos: não se deve mais esperar a transformação, mas ela adveio pelo Cristo. O mundo antigo, no qual a humanidade era escrava duma estrutura de opressão (Pecado-Morte-Lei), foi vencido graças à fidelidade do Cristo a Deus, que nos concede sua justiça. Este discurso da Carta aos Romanos tem algo de mitológico, mas também desvenda intuições profundas sobre estruturas antropológicas universais. Não é por nada que Paulo qualifica seu discurso de “Evangelho”, isto é, em grego: anúncio extraordinário. Não é por nada que os filósofos contemporâneos se voltam para Paulo para aí procurar o novo, o radical, o libertador, o extraordinário. Não admira também que provocasse conflitos com a sinagoga.

## Diálogo inter-religioso

Não é fácil falar de um diálogo entre Igreja e Sinagoga no sentido de identificação da Igreja e identificação da Sinagoga. O que temos contemplado, ao longo dos séculos foi, fundamentalmente, um relacionamento de incompreensões, hostilidades e fechamentos.

O Novo Testamento constitui para nós, cristãos, não apenas uma fonte fundamental da história para as origens desse relacionamento, mas, também, um ponto de partida para a reflexão teológica. Irei me centrar mais na reflexão teológica do que em outro ponto. Vou limitar-me a expor alguns pontos surgidos da leitura assídua das Escrituras neotestamentárias. É claro que esses pontos de vista deverão ser complementados com a visão surgida do *Talmud* e da tradição judaica, que não é tão conhecida, como deveria sê-lo pelos cristãos.

A primeira questão insistentemente levantada é: existe anti-semitismo no Novo Testamento? Porque, às vezes, se diz que o primeiro anti-semitismo se encontra no Novo Testamento. Sabemos que nossos escritos sagrados são heterogêneos e redigidos ao longo de mais de 70 anos. O vocabulário e o estilo neles empregados variam notavelmente, de acordo com a época e os destinatários. Por isso, eles não podem ser interpretados sem levar em conta os leitores para os quais foram preparados. Deixando, pois, inicialmente, de lado os escritos paulinos, porque merecem um estudo mais pormenorizado, que eu pretendo focalizar no fim, vejamos os Evangelhos.

Há uma hipótese bastante provável de identificação de um fragmento de manuscrito da caverna sete de Qumran com o Evangelho de Marcos. Mesmo admitindo esta identificação, é certo que esse Evangelho foi redi-

gido após a separação definitiva entre a Igreja e a Sinagoga. Separação que se operou com a perseguição herodiana no ano 40 da nossa era, quando Tiago foi preso e executado e o grupo dos judeus-cristãos já tinha começado a regredir.

### Judeu-cristianismo

A primeira comunidade cristã era 100% judia, de Jerusalém. Aí surge o que se chama o judeu-cristianismo. O judeu-cristianismo é quase um enigma, na história, porque acaba sumindo da história. Quase certamente nos outros três Evangelhos, pelo menos na versão que conservamos deles. Estes Evangelhos são posteriores à catástrofe do ano 70, quando Jerusalém foi destruída e o povo de Israel disperso. É quando os cristãos, seguindo o conselho de Jesus, fugiram para as montanhas. Lembrem, todos os Evangelhos Sinóticos, os três, colocam isso, no discurso escatológico: “Quando vires acontecer essas coisas, fugi para as montanhas” (Mateus 24, 15s; Marcos 13, 14; Lucas 21, 20s).

Os evangelistas escreveram, pois, com a consciência de já formarem uma comunidade à parte, em face da Sinagoga. Ao se difundir no seio da comunidade de Israel, era necessário, para a nova religião, acentuar a própria identidade, contra a nostalgia do culto esplendoroso do Templo e das formas de piedade tradicionais. É suficiente dar uma olhada na Carta aos Hebreus para compreender essa concorrência acirrada. A Carta aos Hebreus focaliza esse problema. Os cristãos, provenientes do judaísmo, diziam: “O nosso culto é tão pobre, tão pobre”. Eles se reuniam nas casas, liam as Escrituras, cantavam os salmos, celebravam a eucaristia com a fração do pão, o abraço da paz, mas nada daquele esplendor do Templo, com as vestes sacerdotais, com incenso, com os cantos. Por isso, essa nostalgia se faz muito presente na Carta aos Hebreus que diz: “Não, mas o nosso culto tem outras coisas, não o esplendor externo”.

O ponto fundamental da separação, inaceitável para o judaísmo, e que será sempre inaceitável, do ponto de vista da fé judaica, como é lógico, era e continuará a ser o caráter único de Jesus. Contra toda a tradição rabínica que reconhece uma pluralidade de mestres, o cristianismo apresentava um só, atribuindo-lhe ainda o caráter divino. Cristãos que, no começo, eram majoritariamente de origem judaica, passam a ser depois, fundamentalmente, gentios convertidos. Inclusive, um bom número de prosélitos influenciados previamente pelo judaísmo, mas que tinham permanecido um pouco à margem do judaísmo porque não levavam a sério as observâncias da lei mosaica, talvez, se conformassem com os sete mandamentos enquitais.

Nesse contexto, os evangelistas tentaram mostrar as causas que levaram Jesus à morte. Os evangelistas escreveram, fundamentalmente, para cristãos provenientes da gentilidade. Talvez Marcos olhe mais para os ainda judeus, mas não muito. Os outros três claramente olham para os cristãos provenientes da gentilidade. Mas, escrevendo para leitores majoritariamente não hebreus, simplificaram as suas descrições a fim de torná-las compreensíveis a todos e talvez lhes mostrar que o conflito ideológico era irreversível. Daí as denominações genéricas que aparecem ao longo de seus relatos. Os adversários de Jesus são os “escribas e fariseus” nos Sinóticos, por exemplo, ou os “judeus” no evangelho de João, que já está mais distanciado dos fatos.

### Tradição rabínica

Devemos reconhecer, porém, que a linguagem e muitas das idéias pregadas por Jesus se enquadram dentro da tradição rabínica. Ainda mais, dentro da escola dos fariseus. Isto pode chocar a nós, leitores assíduos do Novo Testamento: dizer que Jesus estava dentro do quadro doutrinário dos fariseus. Mas não nos esqueça-

mos que os fariseus procuravam, em primeiro lugar, a santificação. Podia haver divergências no caminho, no modo, inclusive havia diversas escolas farisaicas. Contudo, os que na expressão dos evangelistas se tornaram inimigos de Jesus parecem formar um grupo compacto e numeroso que poderia ter sido constituído, fundamentalmente, pelos próprios fariseus. Advirtamos, porém, que os mesmos escritores dentro da narrativa dos fatos que conduziram à morte de Jesus, fazem alusão, também, aos Sumos Sacerdotes, ao Sinédrio, aos príncipes dos sacerdotes, os principais, sem esquecer os herodianos, a multidão e o povo. Encontramos todas essas expressões.

Essa multiplicidade de denominações mostra, claramente, que os relatos não foram redigidos com a exatidão histórica que teríamos desejado. Curiosamente, os romanos, que pelo menos foram os responsáveis legais e os executores da pena capital contra Jesus, quase são esquecidos e desculpados. Dá a impressão de que o cristianismo nascente, ao mesmo tempo em que afirmava a sua personalidade em face do judaísmo e contra a nostalgia dos que queriam, talvez, voltar a integrar-se na Sinagoga, queria evitar também a todo custo o conflito com o poder dominador.

Por outro lado, para os leitores de tradição não-judaica, seria impossível explicar todas as divisões das escolas rabínicas. Daí o recurso a uma denominação genérica que não podia ter na sua origem um sentido anti-semita, pois a quase totalidade dos autores do Novo Testamento foram judeus de raça, que não pretenderam renegar as suas origens. Uma comparação com os textos de Qumran — um grupo, provavelmente, de essênios, em conflito com os dirigentes do Templo — mostra que os distanciamentos e as condenações podiam assumir verbalmente uma generalização que estava longe de ter que ser entendida literalmente. Quando nós lemos os textos de Qumran, encontramos as mesmas

maldições que se possa imaginar contra os sacerdotes de Jerusalém.

Examinando, logicamente, os textos dos Evangelhos, devemos dizer que nem a maioria do povo de Israel daquela época, nem sequer a maioria dos habitantes de Jerusalém tomaram parte ativa nos acontecimentos que levaram à morte de Jesus. Mesmo entre os escribas e fariseus, parece ter existido uma pluralidade de opiniões maior do que à primeira vista possa parecer. Os Evangelhos citam pelo menos três opiniões discordantes: José de Arimatéia,<sup>1</sup> Nicodemos<sup>2</sup> e Gamaliel.<sup>3</sup> Mas parece que, mais adiante, se vê que entre os sacerdotes também houve uma série de seguidores do cristianismo nascente.

### Justificação pela fé

Em Paulo, o problema parece ser mais complexo. O zelo pelo judaísmo que o impulsionou a tomar parte na repressão inicial contra o cristianis-

1 **José de Arimatéia**: homem rico, era membro do Sinédrio, o Colégio dos mais altos magistrados do povo Judeu. Também fazia parte da suprema magistratura judaica. É venerado como santo católico no dia 31 de agosto. Juntamente com Nicodemos, Arimatéia providenciou a retirada do corpo de Cristo da cruz, após a solicitação feita a Pôncio Pilatos. José de Arimatéia, de acordo com alguns pesquisadores, teria ficado de posse do cálice da Santa Ceia, o Santo Gral, levando-o para a Europa. (Nota da IHU On-Line)

2 **Nicodemos**: contemporâneo de Jesus Cristo, defendeu-o perante o Sinédrio e o sepultou. Segundo o Evangelho de João, Nicodemos era favorável a Jesus. Ele é citado três vezes nesse evangelho: a primeira é quando visita Jesus numa noite para ouvir seus ensinamentos (João 3:1-21); a segunda é quando afirma a lei relativa à detenção de Jesus durante a Festa dos Tabernáculos (João 7:45-51); e a terceira após a crucificação, quando ele ajuda a José de Arimatéia na preparação do cadáver para o enterro de Jesus (João 19:39-42). (Nota da IHU On-Line)

3 **Gamaliel**: conhecido também como Gamaliel, o Ancião ou rabino Gamaliel I, era neto do educador judeu Hillel, o Ancião. Foi um dos líderes no Sinédrio, no século I. Gamaliel também foi conhecido gnóstico, com o nome de Barnabé, segundo os Evangelhos Gnósticos. Gamaliel é citado no discurso do apóstolo Paulo, em Atos dos Apóstolos 22:3, como sendo o seu mestre. Lucas, autor do Atos dos Apóstolos, em 5:34-39, refere-se a Gamaliel como um estudioso da Lei de Moisés. (Nota da IHU On-Line)

mo nascente acabou se transformando em ardor proselitista pela nova religião, ao mesmo tempo em que sentia dentro de si o desgarramento interior por causa de sua pertença ao povo de Israel. Nenhum outro escrito exprime isso melhor do que a Carta aos Romanos inquestionavelmente paulina. Junto com a Carta aos Gálatas, focaliza o problema principal da teologia paulina: a justificação pela fé. Mas, enquanto a Carta aos Gálatas foi escrita no ardor da polêmica intra-cristã, entre os que no cristia-

**“Na Epístola, Paulo parte da contraposição entre Cristo, justiça de Deus, e a justiça que os homens pretendem alcançar por seu próprio esforço. Não nega o valor da antiga economia da salvação, mas lhe marca limites precisos”**

nismo queriam conservar as observâncias mosaicas e os que diziam que não era necessário, a Epístola aos Romanos é fruto de uma reflexão amadurecida posterior.

Eis um breve resumo dela. O contexto é o de uma comunidade, a de Roma, onde – de acordo com as informações recebidas por Paulo que ainda não tinha ido a Roma – só há informações por cartas ou por mensageiros. Segundo essas informações, as divergências naquela comunidade parecem conduzir a sérios desentendimentos entre os convertidos do

judaísmo e do paganismo. O escrito prepara uma visita do apóstolo a essa comunidade, propondo uma solução para os problemas lá existentes, especialmente o da relação judaísmo-cristianismo.

Na Epístola, Paulo parte da contraposição entre Cristo, justiça de Deus, e a justiça que os homens pretendem alcançar por seu próprio esforço. Não nega o valor da antiga economia da salvação, mas lhe marca limites precisos. Em Romanos 7,12, ele escreve: “A Lei é santa. Justo e bom é o preceito”. Assim enuncia, claramente, Paulo de Tarso. A Lei fez o homem conhecer a vontade divina. Ao mesmo tempo, Paulo enfrenta, em si mesmo, o problema da própria debilidade e a consciência da própria culpa e não consegue ver na Lei a ajuda necessária para superá-las. Daí, a sua solução: “Somente em Cristo encontra-se essa ajuda e ela se obtém através da fé”. Vejam, Paulo tem muito de pessoal quando escreve o problema próprio. Ele sente a própria fragilidade. Ele se reconhece pecador. Ele não sabe como libertar-se e, então, propõe essa solução: “Somente em Cristo encontra-se essa ajuda e ela se obtém através da fé”.

A conseqüência lógica seria a exclusão da salvação dos judeus que permanecessem no judaísmo. Porém, não é, enfim, exatamente a solução que vai dar. Mas eu digo: é claro, se fôssemos lógicos, tiraríamos essa conclusão. E, por isso, não é estranho que os escritos paulinos tenham sido considerados fonte da polêmica judeu-cristã e até acusados de serem anti-semitas.

Contudo, Paulo, na mesma Carta aos Romanos, não parece satisfeito com aquela dedução e passa a polemizar com os cristãos provenientes da gentildade que numa soberba mal dissimulada, desprezavam os judeus. Contra as conotações racistas que pareciam insinuar-se, ele deixa muito claro que, diante de Deus, não há acepção de pessoas. Todos os fiéis, seja qual for a sua origem, devem formar um só corpo (Romanos

12, 1-15). Além disso — e este é o ponto mais importante —, Paulo está convicto que aos israelitas, textualmente, pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, os patriarcas. Deles é, conforme Romanos 9, 4-5, o Cristo, segundo a carne.

### Confusão

Nos capítulos 10 e 11, a argumentação torna-se um tanto confusa, pois confusa parece estar a mente de Paulo perante o mistério da salvação e os insondáveis desígnios de Deus. Por um lado, ele vê o que acredita ser a incredulidade de Israel e parece que, desse modo, fica fechada para esse povo a porta da salvação. Por outro lado, porém, tem que reconhecer que os dons e a vocação, no sentido de eleição de Deus, são sem arrependimento, irrevogáveis. É, então, aí que vem a contradição. Por um lado, dizendo: “Não. Mas, os judeus se fecharam e não têm mais salvação”; mas, por outro lado, diz: “Mas os dons de Deus são irrevogáveis e aos judeus pertencem esses dons: a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, os patriarcas”.

Como solucionar essa contradição? Ele conclui afirmando que Deus encerrou todos na desobediência para a todos fazer misericórdia (Romanos 11,32). Acaba entoando um hino à misericórdia do Senhor. A solução final cogitada por Paulo é uma solução que apela para o mistério e, ao mesmo tempo, apresenta uma certeza: “Não quero que ignoreis, irmãos, este mistério, para que não vos tenhais na conta de sábios. O endurecimento atingiu uma parte de Israel, até que chegue a plenitude dos gentios. E assim, todo Israel será salvo, conforme está escrito: ‘De Sião virá o libertador e afastará as impiedades de Jacó, e esta será minha aliança com eles, quando eu tirar seus pecados’”.

Paulo anuncia uma misericórdia para todo Israel e não apenas para aqueles que tinham aderido ao cristianismo. Paulo se encontra desgarrado, entre a sua fé cristã e a sua pertença

## “Paulo anuncia uma misericórdia para todo Israel e não apenas para aqueles que tinham aderido ao cristianismo. Paulo se encontra desgarrado, entre a sua fé cristã e a sua pertença ao povo de Israel”

ao povo de Israel. E, por isso, também, fala contra os cristãos da gentilidade dizendo: “Do que vocês se vangloriam? Vocês são apenas ramos de oliveira silvestre enxertados no tronco da videira autêntica capaz de dar frutos e esse tronco é Israel. E o tronco não foi arrancado”. E, por isso, Paulo acaba, na realidade, entoando esse hino ao mistério de Deus: “Não quero que ignoreis este mistério”.

Para Paulo, mistério, fundamentalmente, é o pensamento de Deus que ele diz: “É insondável”. E, portanto, deixa em aberto. Eu creio que nós, cristãos, nem sempre temos lido com suficiente isenção esta grande Carta aos Romanos em que acaba, aqui, depois daquela citação de Isaías, dizendo: “Quanto ao Evangelho, eles são inimigos por vossa causa”. E fica, mais uma vez, quase que uma contradição. Por vossa causa, ou seja, por causa dos gentios. “Mas, quanto à eleição, eles são amados, por causa de seus pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento”. Termina o capítulo 11: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impetráveis seus caminhos. Quem com efeito conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe fez o dom para re-

cebê-lo em troca? Porque tudo é d’Ele, por Ele e para Ele. A Ele a glória, pelos séculos! Amém”.

### Mistério histórico

Diante disso, eu creio que nós, cristãos, temos também que reconhecer, em Israel, um mistério histórico. À distância de 20 séculos, esse mistério continua para nós. É o mistério de uma vocação que é irrevogável, que continua a ser válida, é o mistério de um Deus de misericórdia que nos chama a todos à salvação e, do qual esperamos a presença salvadora. Olhando Paulo e olhando essas contradições que estão nos seus escritos e que ele não consegue resolver e, por isso, apela ao mistério de Deus, tenho a impressão de que ele tinha em mente como que dois caminhos: o caminho da Igreja que ele escolheu com a fé no Cristo, uma fé a ser proclamada às nações; e o caminho da Sinagoga que mesmo que ele não quisesse mais seguir e que sentisse como um desgarramento dentro de sua própria carne, acaba tendo que reconhecer que continua a ser um caminho de vocação do Deus único.

### LEIA MAIS...

Maria Clara Bingemer já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira o material na página eletrônica do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

#### Entrevistas:

- *Os jesuítas e a expansão da cultura moderna*. Edição número 183, de 05-06-2006, intitulada *Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa*;
- *Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso*. Edição número 220, de 21-05-2007, intitulada *O futuro da autonomia, uma sociedade de indivíduos?*;
- *“O documento (de Aparecida) não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla”*. Edição 224, de 20-07-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*;
- *Simone Weil: um pensamento que atinge a raiz das coisas*. Edição número 243, de 12-11-2007, intitulada *História em Quadrinhos*;
- *A literatura como um campo fértil de diálogo com a teologia*. Edição número 251, de 17-03-2008, intitulada *O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia*;
- *Lobato, formador de uma infância pensante e culta*. Edição número 284, de 01/12-2008, intitulada *Monteiro Lobato: interlocutor do mundo*.

## Fraternidade judaico-cristã: a busca pelo diálogo

O diálogo inter-religioso não era um costume da época de Paulo de Tarso, situação que, felizmente, é diferente em nossos dias. A base teológica comum pode reaproximar judeus e cristãos, apesar das diferenças, aponta Diane Kuperman

POR MÁRCIA JUNGES

Como compreender a postura de Paulo de Tarso anterior à fundação do cristianismo? De acordo com a jornalista Diane Kuperman, os conflitos entre as diferentes visões do mundo irão colocar o apóstolo diante de uma encruzilhada: “Como seguir as leis rigorosas e já milenares do judaísmo diante das alternativas da sabedoria grega e das oportunidades de vida romana? Ao optar pelo judaísmo, torna-se um antinazareno ferrenho, combatendo seus seguidores e perseguindo-os, participando, inclusive, da lapidação de Estevão que irá se tornar o primeiro santo cristão”. E continua: “Sem dúvidas quanto ao caminho a seguir, surge repentinamente um novo: tem uma epifania durante viagem a Damasco. A visão de Jesus muda a vida de Saul, que se torna Paulo e adota o cristianismo que irá defender com o mesmo ardor com que o combateu”.

Kuperman é graduada em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestre em Comunicação Social com a dissertação *Antisemitismo, novas facetas de uma velha questão* (Rio de Janeiro: Notrya, 1992), e doutora em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a tese *Das manchetes às entrelinhas: guerra e paz no Oriente Médio*. Repórter do *Jornal do Brasil* várias vezes premiada, editora de house organs, é hoje ativista dos diálogos interreligioso e interétnico. Professora e palestrante de numerosas instituições no Brasil e no exterior, fundou a linha de pesquisa sobre Estudos Judaicos na UFRJ, onde organizou os primeiros congressos voltados exclusivamente para a questão judaica. Também escreveu, entre outros, *Judaísmo, memória e identidade* (Rio de Janeiro: UERJ, 1997). A entrevista que segue foi concedida por e-mail à IHU On-Line.

**IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições de Paulo de Tarso para a consolidação de uma religião e identidade judaicas?**

**Diane Kuperman** - Em relação ao judaísmo e à identidade judaica, não podemos dizer que Paulo de Tarso tenha trazido alguma contribuição, a não ser pelas polêmicas desencadeadas com a mudança de rituais ou pelas perseguições ao povo judeu, muitas vezes baseadas em frases proferidas por ele. Dizem que uma das principais causas da sobrevivência do povo judeu foram as perseguições sofridas. Embora reconheça que perseguições e adversidades estimulam o espírito de coe-

são e solidariedade, prefiro computar o fato singular do judaísmo — a única religião/etnia/civilização que tenha atravessado milênios — continuar pujante e vivo, com valores que têm a obrigação de transmitir a todos, por todos os tempos.

**IHU On-Line - Como compreender sua postura anterior à fundação do cristianismo, quando perseguia os judeus?**

**Diane Kuperman** - Antes de sua adesão ao cristianismo, Paulo não perseguia os judeus, mas os cristãos! Paulo de Tarso, Saul para os judeus, nasce em uma família judia, social e financeiramente bem

situada, 15 anos depois da morte de Jesus. Cidadão romano, recebe a formação judaica do Grão-Rabino Gamaliel, um dos maiores sábios da época, mas sua origem judaica não o impedia de usufruir as benesses da sociedade em que vivia, nem de sofrer as influências das culturas helênica e romana.

Os conflitos entre as diferentes visões do mundo irão surgir mais adiante, colocando-o diante de uma encruzilhada: como seguir as leis rigorosas e já milenares do judaísmo diante das alternativas da sabedoria grega e das oportunidades de vida romana? Ao optar pelo judaísmo, torna-se um antinazareno ferrenho, combatendo

seus seguidores e perseguindo-os, participando, inclusive, da lapidação de Estevão que irá se tornar o primeiro santo cristão.

Sem dúvida, quanto ao caminho a seguir, surge repentinamente um novo: tem uma epifania durante viagem a Damasco. A visão de Jesus muda a vida Saul, que se torna Paulo e adota o cristianismo que irá defender com o mesmo ardor com que o combateu. Como compreender sua mudança de postura? A explicação deveria vir de psicólogos, mas, mesmo não o sendo, atrevo-me a considerar seu comportamento como típico daqueles que acreditam ser detentores de uma única verdade. Enquanto se sente romano e judeu, combate os cristãos que não se rendem aos seus princípios. Quando assume o cristianismo, recusa-se a aceitar que seus pares não sigam o mesmo caminho e os rejeita sem perdão. É uma pena que o diálogo não fizesse parte dos costumes de então. Muita dor teria sido evitada com a aceitação de que, com a base teológica comum, judeus e cristãos poderiam continuar sendo irmãos, apesar das diferenças.

**IHU On-Line - De que modo fé e ideologia se fundem no pensamento paulino?**

**Diane Kuperman** - Paulo de Tarso terá vital importância para a fundação dos alicerces do cristianismo. É ele que irá adotar definitivamente a denominação de cristãos para os seguidores de Jesus considerado o Messias (Cristo, em grego, que significa Ungido). É ele, também, quem introduzirá mudanças substanciais no ritual cristão que marcarão a separação entre as práticas judaicas e cristãs. E, para divulgação da religião ainda em seus primórdios, usará o conhecimento dos gentios com quem conviveu intimamente. Será nesse conhecimento, que lhe permite perscrutar a alma dos gentios, adivinhar anseios e receios, que ele buscará os argumentos necessários para atraí-los à sua doutrina.

Em primeiro lugar, é preciso abrandar as leis do judaísmo que afastam a priori o pagão da, até então, única religião monoteísta. E o empecilho maior era, sem dúvida, a circuncisão. Abolida esta exigência, que marca a

carne e apavora os espíritos, a adesão se torna muito mais fácil. A circuncisão corporal é substituída pela circuncisão do coração, o batismo.

### Apóstolo dos gentios

A teosofia de Paulo, aliada a rituais acolhedores como refeições comunitárias, conquista numerosos adeptos e o torna o Apóstolo dos Gentios (Romanos 11, 13). A obediência às leis também é abrandada, com a mudança de um enfoque fundamental: não é mais o cumprimento das leis que define a adesão

**“Somos uma geração de privilegiados por termos a oportunidade de vivenciar a queda de barreiras que separavam cristãos e judeus, a construção de pontes entre nós pela eliminação de ódios e preconceitos e a edificação de um diálogo franco e aberto que privilegie confiança e apreço”**

à religião, mas a fé em si. Algumas diferenças substanciais e substantivas são introduzidas por Paulo na transmutação do judaísmo para o cristianismo, aliando fé, ideologia e práticas:

**ALIANÇA** - Paulo (Romanos, 9) fala de pactos, no plural, e cita o Shabat, o arco-íris e a circuncisão. Cita, ainda, os pactos com Noé, Abrão, Jacó

e David. Ora, para os judeus, o Brit é único e eterno, reiterado a cada geração, coletiva e individualmente, em cada situação. A aliança para o judaísmo é um acordo de mão dupla. Não é uma vontade divina imposta ao homem — ela é oferta pelo todo Poderoso e aceita pelo homem que, com este Brit, se torna parceiro de Deus na responsabilidade de completar a obra de construção do mundo.

**MISSÃO** - A missão dos novos cristãos é anunciar o Messias, evangelizar. No Gênesis, Deus, criador do universo, do Homem e de todas as coisas, cria o Homem à sua semelhança. Isto é, com a capacidade de também criar. E, ao descansar no sétimo dia, Deus não dá seu trabalho por encerrado. Cabe ao ser humano completar a obra — esta é a missão do judeu.

**TERRA** - A promessa de terra é interpretada por Paulo como metáfora da providência divina que provê alimento, abrigo e cobertura. Ora, para nos judeus, a terra de leite e mel é promessa cumprida em tempos bíblicos e novamente na era moderna.

**IHU On-Line - Como a fraternidade judaico-cristã pode promover uma nova leitura da Carta aos Romanos?**

**Diane Kuperman** - Recomendo a leitura da obra de Jacques Ellul, *Ce Dieu injuste* (Arlea : Paris, 1991), que analisa praticamente linha por linha a Carta aos Romanos e deveria ser usada como roteiro para a releitura das cartas e revisão de posturas preconceituosas. Resumindo, restabelece o papel do povo de Israel e a importância de sua existência até os dias de hoje.

Quando olhamos um copo com líquido pela metade, o que dizemos? É meio cheio ou meio vazio? Depende do olhar, da interpretação. As epístolas paulinas podem ser compreendidas de formas diametralmente opostas, dependendo essencialmente da disposição interna de quem as lê. Um espírito despojado, aberto ao outro, proporciona uma compreensão destituída de *a priori*. Este é o papel da fraternidade cristão-judaica: buscar os pontos em comum, ao invés daqueles que dividem e, juntos, encontrar as vias do respeito, do entendimento e do afeto.

**IHU On-Line - Em que aspectos o pensamento paulino inspira um diálogo inter-religioso, sobretudo entre catolicismo e judaísmo?**

**Diane Kuperman** - Um longo caminho de desencontros foi coroado no século XX com a coragem de judeus e cristãos que decidem enfrentar os preconceitos e reescrever a história, transformando a pedagogia do desprezo, passada de geração em geração, em pedagogia do afeto. Falo de Jules Isaac<sup>1</sup> – historiador judeu-francês que perdeu a família no Holocausto –, que consegue convencer o Papa João XXIII<sup>2</sup> a rever as relações entre a Igreja e os judeus. O Concílio Vaticano II<sup>3</sup> aborda, apesar de todas as relutâncias, as relações da Igreja com outras religiões e culmina com a publicação da declaração *Nostra Aetate*, um documento revolucionário que reconhece a origem judaica do cristianismo, recomenda o estudo das fontes comuns e retira definitivamente a acusação de deicídio, responsável pelas perseguições e matanças em massa de judeus.

Somos uma geração de privilegiados por termos a oportunidade de vivenciar a queda de barreiras que separavam cristãos e judeus, a construção

1 Jules Isaac (1877-1963): historiador judeu francês. (Nota da IHU On-Line)

2 Papa João XXIII (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da IHU On-Line)

3 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11 de novembro de 2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – Marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da IHU On-Line)

## “No ensejo das celebrações do Ano Paulino, os ativistas do diálogo recomendam a releitura dos textos, contextualizando-os, salientando a origem judaica do cristianismo e dos apóstolos”

de pontes entre nós pela eliminação de ódios e preconceitos e a edificação de um diálogo franco e aberto que privilegie confiança e apreço.

No ensejo das celebrações do Ano Paulino, os ativistas do diálogo recomendam a releitura dos textos, contextualizando-os, salientando a origem judaica do cristianismo e dos apóstolos. E, no trabalho de evangelização, ter cautela para não deslegitimar o judaísmo nem os judeus e evitar perpetuar preconceitos milenares.

**IHU On-Line - Por que a senhora afirma que as palavras de Paulo contribuíram para a formação do antijudaísmo?**

**Diane Kuperman** - Porque a catequese cristã irá se alimentar das suas palavras (e dos Evangelhos, em geral) para afirmar a Igreja como a Nova Israel e o cristianismo como a Nova Aliança.

Vejamos alguns exemplos:

– Ao cunhar o nome de Antigo Testamento para a Bíblia Hebraica, Paulo a caracteriza como antiquada, ultrapassada, como sendo um texto que precisa de renovação e atualização. Os membros do Diálogo e da Fraternidade não usam mais o Velho e Novo Testamentos. Preferimos Primeiro e Segundo Testamentos, Bíblia Hebraica

e Cristã, terminologias que não denotem supremacia de um sobre o outro, nem denunciem preconceitos.

– Ao pregar a Nova Aliança, Paulo irá instrumentalizar as doutrinas antijudaicas e anti-semitas. Embora em Romanos 11 Paulo enfatize que Deus não rejeitou Israel – “Teria Deus rejeitado o seu povo? De modo nenhum! Pois eu mesmo sou israelita...”, a crença popular repete à exaustão que as perseguições sofridas pelos judeus, culminando com a Shoá,<sup>4</sup> seriam consequência desta rejeição.

E há alguns textos que não permitem dupla explicação como, por exemplo, quando em (Coríntios 3) Paulo taxa Moisés de mentiroso por encobrir o rosto com um véu: “Não fazemos como Moisés, que punha um véu sobre o rosto para evitar que os israelitas percebessem o fim de um resplendor passageiro. Mas a inteligência deles se obscureceu! Até o dia de hoje quando se lê o Antigo Testamento, este mesmo véu permanece... Sim, até o dia de hoje, cada vez que eles lêem Moisés, há um véu sobre o coração deles...”.

Ou, em Gálatas 3, 23-29, a afirmação de que a Torá perde seu poder com o advento do Messias. Sua função seria apenas preparatória e educativa no sentido de abolir a idolatria e preparar os seres humanos para a revelação.

É difícil para um judeu ler com frieza e passividade tais acusações. Mas, como já disse acima, o diálogo busca sublinhar aquilo que une e entender, dentro do seu contexto, aquilo que nos pode dividir, com respeito pela sensibilidade do próximo e afeto.

4 Shoá: palavra que significa holocausto. Tem origens remotas em sacrifícios e rituais religiosos da Antigüidade, em que animais (por vezes até seres humanos) eram oferecidos às divindades, sendo completamente queimados durante a noite para que ninguém visse. Nesse caso, holocausto quer dizer cremação dos corpos. A partir do século XIX, a palavra holocausto passou a designar grandes catástrofes e massacres, até que após a Segunda Guerra Mundial o termo Holocausto (com inicial maiúscula) passou a ser utilizado especificamente para se referir ao extermínio de milhões de judeus e outros grupos considerados indesejados pelo regime nazista de Adolf Hitler. (Nota da IHU On-Line)

## Um plantador de igrejas

A urbanidade paulina foi crucial para o início do Cristianismo, analisa Eduardo Pedreira, embora haja outros elementos presentes. Plantador de igrejas, Paulo organizou suas estruturas de funcionamento formalmente

POR MÁRCIA JUNGES

A presença de Paulo “nas grandes cidades o levou a ter contato com as três grandes matrizes culturais daquele tempo: a judaica, a grega e a romana. Ele usa essas matrizes na sua pedagogia, recorrendo muitas vezes a raciocínios complexos se comparados àqueles utilizados por Jesus”, assinala o pastor presbiteriano Eduardo Pedreira na entrevista que concedeu por e-mail, com exclusividade, à **IHU On-Line**. Ele complementa: “Jesus viveu um movimento relacional com um grupo de doze discípulos e nitidamente não se via nele a preocupação com aspectos institucionais, ao passo que Paulo foi um plantador de igrejas, as quais ele organizou formalmente suas estruturas de funcionamento. Obviamente que não se pode justificar as igrejas que Paulo plantou por conta da influência da sua urbanidade somente, mas, sem dúvida, este era um elemento presente. Ou, por outras palavras, o movimento rural de um grupo se transforma em um movimento eclesialístico urbano, posto que Paulo planta as igrejas em cidades estratégicas do império”.

Mestre e doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Pedreira é presidente do Renovare Brasil, organização que existe para divulgar o conceito e a vivência da formação espiritual ([www.renovare.org.br](http://www.renovare.org.br)). Atua, também, como pastor da comunidade Presbiteriana da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro.

**IHU On-Line - Que aspectos destacaria a respeito da vida rural de Jesus em contraposição à mentalidade urbana de São Paulo?**

**Eduardo Pedreira** - Eu destacaria dois aspectos. O primeiro é o pedagógico. Percebe-se na maneira de Jesus ensinar a simplicidade advinda do mundo rural. O uso recorrente de metáforas ligadas ao cotidiano das pequenas vilas rurais é um forte exemplo disso. Em Paulo, sua urbanidade também o leva a entrar em contato com a complexidade característica do mundo urbano. Sua presença nas grandes cidade o levou a ter contato com as três grandes matrizes culturais daquele tempo: a judaica, a grega e a romana. Ele usa essas matrizes na sua pedagogia, recorrendo muitas vezes a

raciocínios complexos se comparados àqueles utilizados por Jesus. O segundo refere-se à tensão existente entre informalidade e institucionalização. No campo, a vida tende a transcender de maneira mais informal, apoiada nos afetos e relacionamentos, enquanto no ambiente mais urbano a impessoalidade leva a formalização das relações. Jesus viveu um movimento relacional com um grupo de doze discípulos e nitidamente não se via nele a preocupação com aspectos institucionais, ao passo que Paulo foi um plantador de igrejas, as quais ele organizou formalmente suas estruturas de funcionamento. Obviamente que não se pode justificar as igrejas que Paulo plantou por conta da influência da sua urbanidade somente,

mas, sem dúvida, este era um elemento presente. Ou, por outras palavras, o movimento rural de um grupo se transforma em um movimento eclesialístico urbano, posto que Paulo planta as igrejas em cidades estratégicas do império.

**IHU On-Line - Essa características de São Paulo ajudou-o a moldar as bases do cristianismo? Em que sentido?**

**Eduardo Pedreira** - Sem dúvida. A base cristã que Paulo ofereceu ao cristianismo nascente era globalizada. Pela via da sua paixão missionária Paulo leva o cristianismo para além das fronteiras da palestina, expondo a mensagem cristã nos grandes centros nervosos do seu tempo. A urbanidade paulina foi fundamental para

**“Boas obras não salvam, lei não salva, caridade não salva, somente a fé no Cristo encarnado e na eficácia do seu sacrifício pode salvar, decreta o protestantismo pela lente paulina”**

o início do cristianismo.

**IHU On-Line - Por que você considera difícil a mudanças pela qual Paulo passou e que o fizeram escrever a Carta aos Romanos?**

**Eduardo Pedreira** - A conversão de Paulo não se explica a partir de horizonte puramente humano. Ele foi preparado para o zelo profundo ao judaísmo, o que certamente excluía em muitos aspectos a nova abordagem trazida por Jesus. Corria em suas veias a defesa da cosmovisão judaica no seu seguimento mais radical. Ora, com este histórico, sua mudança somente poderia vir pela via sobrenatural, o que de fato acontece, quando da experiência que tem com Jesus a caminho de Damasco. Esta mudança não apenas se deu no âmbito pessoal, mas sobretudo no teológico. Romanos foi a carta que ele escreveu para explicar e fundamentar sua nova teologia, que tinha na relação lei e graça um dos seus pontos fulcrais: a salvação se dá agora em Cristo, oferta de amor de Deus e não pelo cumprimento zeloso da lei, que nada pode fazer parar resolver o pecado, problema essencial do ser humano.

**IHU On-Line - Quais são os principais traços do pensamento paulino no protestantismo?**

**Eduardo Pedreira** - A ênfase na salvação pela fé. Por influência de Paulo, o protestantismo entende que o mistério da salvação ancora-se na graça de Deus e que encontra na cruz do calvário sua mais plena manifestação histórica. Boas obras não salvam, a lei não salva, a caridade não salva, somente a fé no Cristo encarnado e na eficácia do

seu sacrifício pode salvar, decreta o protestantismo pela lente paulina. Outro traço do pensamento paulino no protestantismo se dá ênfase na mediação exclusiva de Jesus. Fora de Jesus não há salvação, diz Paulo e o protestantismo repete. Qualquer outro personagem religioso ou qualquer outro mediador é relativo ao único e suficiente salvador: Jesus.

Apontaria, ainda, o pecado como a doença mais essencial do ser humano e sua mais radical necessidade de superação. A visão paulina herdada pelo protestantismo vê o ser humano como fruto da desobediência de Adão e portanto, essencialmente manchado pelo pecado. O pecado instaura uma guerra civil interior no ser humano o que o leva a desejar e fazer coisas que detesta como pecaminosas. Jesus é a solução de Deus para esta radical mancha humana.

A ênfase no poder do evangelho como sendo o dínamo de Deus para a salvação de todo aquele que crê é outro traço paulino no protestantismo. Paulo “cria” assim o protestantismo. Sua missão era espalhar esta mensagem por todo mundo, tendo como estratégia a plantação de novas igrejas que abrigariam localmente a igreja universal de Jesus, uma comunidade na qual as barreiras étnicas cairiam todas, um corpo com muitos membros, governado pela cabeça que é Jesus.

#### LEIA MAIS...

>> Confira o artigo “Ano paulino. A cidade é o tecido do cristianismo de Paulo”, de autoria da teóloga Ana Maria Formoso, publicado nas Notícias do Dia 29-06-2008, do site do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

**SIMPÓSIO INTERNACIONAL ECOS DE DARWIN,  
DE 9 A 12 DE SETEMBRO DE 2009.  
INFORMAÇÕES EM [WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU)**



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

**B.**

**Destques da Semana**



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Teologia Pública

## O Evangelho de Natal, hoje

Para o teólogo e exegeta alemão, Rudolf Pesch, o Evangelho não pode continuar criando um espírito natalino sentimental. Ele precisa ser entendido como mensagem política

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO WALTER SCHLUPP

“**N**o mundo pós-moderno, é preciso primeiro restabelecer o acesso das pessoas que se tornaram neopagãs à palavra de Deus. Para tanto, precisamos de uma prova de Deus convincente, que, além daquela dada pela razão, seja fornecida pela vida das comunidades cristãs, a qual não é explicável como desempenho humano, mas remete para a atuação de Deus pela conjunção de pessoas crentes.” A argumentação de Rudolf Pesch, teólogo alemão, prepara o campo para a reflexão que ele faz, na entrevista a seguir, sobre os evangelhos que narram o nascimento de Jesus, no caso, Mateus e Lucas. Para Pesch, “o Natal não deveria ser transformado em festa ecológica; quando muito, essa festividade lembra que a ‘criança’ na manjedoura exorta a pensar em todas as crianças, principalmente também nas não-nascidas, que mais e mais são ameaçadas e mortas sem escrúpulos, inclusive por fãs da ecologia. A catástrofe climática não é tão importante quanto a catástrofe do aborto. E ambas certamente também se devem a uma falta de solidariedade entre as pessoas”. *Il Vangelo del Natale* (O Evangelho do Natal), último livro de Rudolf Pesch, traduzido do alemão, acaba de ser lançado na Itália pela Editora Queriniana, Brescia 2008.

Nascido em 1936, Rudolf Pesch é doutor em Filosofia e em Teologia (Novo Testamento). Foi professor nas Universidades de Johann Wolfgang Goethe, em Frankfurt, e de Albert-Ludwigs, em Freiburg. Atualmente, vive no estado da Baviera, na Alemanha, de onde concedeu a entrevista que segue, com exclusividade para a IHU On-Line, por e-mail.

**IHU On-Line - Podemos relacionar os Evangelhos que narram o nascimento de Jesus com a espera pelo Messias do Antigo Testamento, tendo em conta essa época de Natal?**

**Rudolf Pesch** - Sim, de muitas maneiras. O Evangelho do Natal em Lucas, capítulo 2 (mas também nas narrativas natalinas em Mateus), pressupõe o Antigo Testamento e a tradição judaica. Isto fica ainda mais claro quando se observa o anúncio do nascimento de Jesus (também em Lucas e Mateus). Afinal, o Antigo Testamento é o

documento de uma longa história de Deus com seu povo, ao qual ele tudo deu de presente (veja a enumeração feita por Paulo em Romanos 9), inclusive o “Auxiliador” decisivo, o qual ele próprio se tornou, em seu Filho. Naturalmente é importante ver o seguinte: o Antigo Testamento e o judaísmo mais antigo não têm uma expectativa uniforme do Messias; somente o próprio Jesus é que define, em sua vida e morte, quem é o Messias. Nele, segundo a promessa do profeta Isaías (Is 35), o próprio Deus veio, para re-

dimir seu povo, sendo que todos os que o reconheceram e nele creram reuniram todas as promessas do Antigo Testamento para “identificá-lo” e exaltá-lo: ele é o filho de Deus, o filho da virgem, o Príncipe da Paz etc. A experiência com Jesus, a consideração da sua morte e a experiência da sua ressurreição fizeram com que seus discípulos passassem a entender todo o Antigo Testamento em função dele, cumulativamente aplicando a ele todas as conotações messiânicas e promessas explícitas. O anjo do Senhor

denomina a criança recém-nascida de “Salvador”, “Messias”, “Senhor”, assim acumulando em Jesus três títulos de Deus, os quais, com isso, são negados ao imperador romano, que era celebrado como salvador (*Sotér*) e senhor (*Kyrios*).

### IHU On-Line - Qual é o sentido de pregar o Evangelho na pós-modernidade?

**Rudolf Pesch** - O que é o mundo pós-moderno? Para descrevê-lo, baseio-me em dois escritores: um católico norte-americano, Walker Percy,<sup>1</sup> e um judeu de formação européia e sul-americana, Vilem Flusser.<sup>2</sup> Ambos refletem sobre o “mundo moderno” como período pós-moderno ou subsequente à pós-modernidade. Eles nos ajudam a responder a questão: que é o mundo moderno? Qual a sua peculiaridade? O que o caracteriza? Quem está em condições de entendê-lo? Walker Percy, em seu ensaio “Warum sind Sie Katholik?” [Por que você é católico?], assim caracterizou nosso mundo moderno: “A era atual está desvairada. Ela está possuída por uma sensação de desorientação, uma perda de identidade pessoal, uma alternância entre sentimentalismo e raiva, o que, no caso de um paciente individual, se poderia chamar de loucura... É o século mais avançado em termos de ciência, mais selvagem, mais democrático, desumano, sentimental e assassino na história da humanidade”. Para Walker Percy, nosso mundo moderno é, além disso, a era do consumo excessivo. Teóricos e consumidores incorporam tudo para assim apagar tudo.

Vilem Flusser, em sua coletânea de ensaios “*Nachgeschichte. Eine korrigierte Geschichtsschreibung*” [Epílogo histórico. Uma historiografia corrigida], parte da nova noção a moldar em grande parte nosso pensar e fazer, “de que nossa existência no mundo está programada, de que o próprio mundo

<sup>1</sup> Walker Percy (1916-1990): autor norte-americano cujos interesses incluíam a filosofia e a semiótica. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Vilem Flusser (1920-1991): filósofo tcheco, naturalizado brasileiro, autodidata. Durante a Segunda Guerra, fugindo do Nazismo, mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor. (Nota da IHU On-Line)

está programado”. Essa nova noção de “programa” ele distingue de noções mais antigas, do destino e do condicionamento. No mundo pós-moderno, é preciso primeiro restabelecer o acesso das pessoas que se tornaram neopagãs à palavra de Deus. Para tanto, precisamos de uma prova de Deus convincente, que, além daquela dada pela razão, seja fornecida pela vida das comunidades cristãs, a qual não é explicável como desempenho humano, mas remete para a atuação de Deus pela conjunção de pessoas crentes. Só que isto significa que os crentes precisam

**“A idéia da paz passou para um segundo plano. Não seria uma boa idéia, só celebrar o Natal quando houvesse reconciliação entre cristãos (primeiro passo para a paz)?”**

ser inspirados, munidos, conduzidos para esse tipo de vida: uma vida em comunhão conforme os Atos dos Apóstolos, que naturalmente precisa ser traduzida para as estruturas sociais pós-modernas.

**IHU On-Line - Qual é a relevância do Evangelho em uma época de crescente secularização? Em que sentido sua mensagem de fé renova os valores cristãos em nosso tempo?**

**Rudolf Pesch** - Com sua mensagem de

paz, o Evangelho de Natal sempre tem relevância. No Dia Mundial da Paz, o Papa Bento XVI lembrou a conexão entre paz e verdade. A paz só é possível onde as ideologias cederem lugar à verdade. Contra a ideologia da “pax” romana do Imperador Augusto e do seu procurador na Judéia, o rei Herodes, o Evangelho de Natal declara que Jesus de Nazaré é quem verdadeiramente traz a paz. Onde os crentes se encontram mutuamente em nome dele, convivem solidariamente em liberdade, surgiram oásis da paz que poderiam formar uma rede de paz ao redor do mundo, se não se deixarem colocar novamente a serviço dos países não-pacíficos. O Evangelho do Natal sempre volta a incitar os cristãos, que sempre têm a promessa da paz, a tal comunhão em nome de Deus e do Messias Jesus, que é nossa paz (Efésios 3). Enquanto os cristãos, inclusive as igrejas cristãs, não mantiverem a paz entre si e se tornarem precursores da paz, o Evangelho do Natal continuará deixando de ser digno de crédito.

**IHU On-Line - De que forma o Evangelho do Natal pode ser um caminho para a atualização da mensagem de paz em nossos dias?**

**Rudolf Pesch** - O Evangelho não pode continuar criando um espírito natalino sentimental. Ele precisa ser entendido como mensagem política. No Evangelho, ela se exprime no sentido de propor aos crentes não confiar em ideologias políticas, mas formarem lugares concretos de paz que também podem irradiar-se sobre políticos (os quais – esperamos – estão integrados nesses lugares) e, portanto, sobre a política. No Evangelho do Natal, os pastores representam as pessoas do agrado de Deus, que aceitam a mensagem, convencem-se dela e se unem em louvor a Deus. Os pastores nos servem de modelo, são os que se deixam colocar em movimento, convencer-se do evangelho da paz.

**IHU On-Line - Em que sentido os Evangelhos são uma fonte de inspiração nesta época de carência de valores?**

**Rudolf Pesch** - Aqui na Baviera, sul

da Alemanha, é muito escuro e frio nesta época do ano, com neve e gelo. Hoje é um dia bem assim. A devoção religiosa do povo, com sua interpretação popular do Evangelho, que usa o canto e o presépio, lembra isso e procura transmitir principalmente os seguintes valores: misericórdia e solidariedade, caridade, hospitalidade etc. A idéia da paz passou para um segundo plano. Não seria uma boa idéia, só celebrar o Natal quando houvesse reconciliação entre cristãos (primeiro passo para a paz)?

**IHU On-Line - De que forma o senhor avalia que o mundo hoje se prepara para o Natal no sentido da preocupação ecológica? Que relações podemos estabelecer entre o espírito natalino e a questão climática do nosso planeta?**

**Rudolf Pesch** - O cuidado, a moldagem e a preservação da Criação estão a cargo do ser humano. No Natal, isto é tão atual quanto no restante do ano litúrgico. O Natal não deveria ser transformado em festa ecológica; quando muito, essa festividade lembra que a “criança” na manjedoura exorta a pensar em todas as crianças, principalmente também nas não-nascidas, que mais e mais são ameaçadas e mortas sem escrúpulos, inclusive por fãs da ecologia. A catástrofe climática não é tão importante quanto a catástrofe do aborto. E ambas certamente também se devem a uma falta de solidariedade entre as pessoas.

**IHU On-Line - Quais são as peculiaridades de Mateus e Lucas ao narrar o nascimento de Jesus? Que mensagens e qual a imagem de Cristo que eles pretendiam passar aos leitores?**

**Rudolf Pesch** - Ambos os evangelistas narram o nascimento do Messias, do “Filho de Deus”; portanto, falam do cumprimento da promessa de que o próprio Deus viria para nos resgatar: por meio de Jesus de Nazaré, por sua atuação e palavra, pela sua morte expiatória e sua atuação como ressurreto na formação de um povo de Deus a consistir de judeus e gentios, como grande sinal da paz. Com a narrativa do nascimento, após longo

tempo de preparo no assim chamado Antigo Testamento, os evangelistas tangem o início desse processo. Em suas narrativas de tipo Midrash, os dois evangelistas estão calcados na tradição do Antigo Testamento, a qual eles acolhem de forma distinta. E ambos contam de modo muito diferente: Mateus fala de uma história em Belém, onde José e Maria moram, para onde não retornam após a fuga para o Egito, mas, por causa de Arquelau, cruel filho de Herodes, refugiam-se na Judéia, para fixar residência em Nazaré. Segundo Lucas, Maria e José moram em Nazaré e vão a Belém somente por causa do censo, lugar da expectativa messiânica. Nesse contexto geral, quase todos os detalhes também são distintos, com exceção do uso de Isaías 7,14 e Isaías 9,5 para mostrar que em Jesus de Nazaré nasceu o filho de Deus — a Igreja muito cedo disse que sobre ele não pensamos diferente de quando pensamos sobre Deus. Trata-se daquele que, como ouvimos no Evangelho Pascal e Pentecostal, nos trouxe o Espírito, o perdão dos pecados e, portanto, o *shalom*, que no caso de Lucas já é anunciado pelos anjos no nascimento de Jesus.

**IHU On-Line - Que outras diferenças e semelhanças o senhor citaria no sentido de traçar um paralelo entre os dois evangelistas?**

**Rudolf Pesch** - Já mencionei a diferença de local do nascimento. No aspecto político, Mateus pensa no vassalo judeu do imperador Augusto, o qual é rei pelas graças do imperador, qual seja, Herodes o Grande, que, como “amigo do imperador”, na Palestina representava a seu modo (com tonalidades judaico-messiânicas) sua política da “pax” (calcada no poderio militar). Já Lucas mostra o horizonte mais amplo da história universal, inclusive escrevendo uma obra dúplice, que é o Evangelho e Atos dos Apóstolos, onde descreve o caminho do evangelho de Jerusalém até Roma, apresentando o próprio imperador como desencadeador do deslocamento de José e Maria de Nazaré para Belém. Como ambos os evangelistas seguem tradição da Igreja dos pri-

meiros tempos, as diferenças devem ser atribuídas, em primeiro lugar, às tradições em que se basearam. Ambos os Evangelhos conhecem e usam o Evangelho de Marcos, mais antigo, mas não se conhecem mutuamente; por isso as diferenças persistiram; também não podem ser harmonizadas entre si. Até mesmo as árvores genealógicas de Jesus nos dois evangelistas são totalmente diferentes e, como parecem um constructo artificial, foram criadas por interesse proclamativo distinto: em Lucas, a árvore genealógica remonta ao primeiro ser humano, porque Jesus, entre outras coisas, deve ser apresentado como o “novo Adão” (do qual Paulo fala em maior detalhe); já em Mateus, Jesus é “filho de Davi” e “filho de Abraão”, na qualidade de Messias do povo de Deus, constituído de judeus e gentios, escatologicamente renovado.

**IHU On-Line - Por que Mateus e Lucas dedicaram mais atenção ao nascimento de Jesus do que os outros evangelistas?**

**Rudolf Pesch** - O Evangelho mais antigo, que é o de Marcos, não apresenta a história do nascimento ou da infância de Jesus, presumivelmente porque esse evangelista (que segundo a tradição estava muito ligado a Pedro) nem conheceu semelhante tradição ou mesmo uma narrativa formada. O quarto Evangelho, que provavelmente é o mais recente, o de João, começa, como Marcos, com o aparecimento de João Batista; mas nesse fluxo narrativo ainda precede o prólogo do Logos, com caráter de hino, que resume a história da salvação desde a criação do mundo e celebra a encarnação do *logos* em Jesus como ápice dessa história. Mateus e Lucas provavelmente conheceram e depois colocaram no início dos seus evangelhos as histórias do nascimento e da infância, que entretanto foram elaboradas de modo diverso por narradores com talento teológico, em analogia a histórias do Antigo Testamento e do judaísmo incipiente, sobre os grandes homens de Israel. Mateus também mostra como a história posterior de Jesus e dos seus discípulos já se reflete na infância de

Jesus: a Igreja também é perseguida e, graças a Deus, sempre volta a ser salva. Ao acolher as histórias da infância de João Batista, colocando-as em paralelo e relacionando-as com as de Jesus, Lucas faz a ligação com a história de Israel que precede Jesus, assim como, nos Atos dos Apóstolos, ele faz a conexão com a história da Igreja. Afinal, ele quer anotar tudo que “se cumpriu” no presente.

**IHU On-Line - Como o Evangelho de Lucas, que tem um forte caráter missionário, pode ser inspiração para a missão da Igreja atualmente?**

**Rudolf Pesch** - O caráter missionário do Evangelho de Lucas deveria ser entendido como captado, descrito e entendido a partir dos Atos dos Apóstolos. Em suma, para Lucas, assim como para a Igreja dos primeiros tempos, ocorre “missão pela fascinação”. A vida da primeira comunidade em Jerusalém, com sua concórdia, sua disposição para partir (da Galiléia para Jerusalém: os galileus, dos quais fala o anjo na Ascensão, e dos quais falam os ouvintes oriundos de tantos povos em Pentecostes, não se sentiam em casa em Jerusalém, mas mudaram-se para lá em função da mensagem do Jesus Messias e Senhor), com sua comunhão de bens (não ideológica, mas pragmática em função das circunstâncias da transferência), sua coragem de falar, também com sua competência teológica e finalmente com seu convívio convincente (mais tarde se ouve: “Vede como se amam!”), era uma vida fascinante e convidava muitos a se ligar a essa comunidade, a comunidades com essas características. Portanto, o que Lucas nos pergunta é: Queremos tornar-nos novamente comunidades tão fascinantes? Quanto nos vale esse objetivo? Quanto vamos empenhar por ele? Esta seria a pergunta que cada festa de Natal dirige a nós! O primeiro passo foi dado pelo próprio Deus com o nascimento de Jesus. No hino de Natal cantamos “O Cristo oculta seu poder ... humilde servo vem a ser”. Isto também significa que o caminho para a paz é o “caminho de baixo”.

## Uma tentativa de restaurar o cristianismo genuíno na Europa

Para Lutero, a Igreja Romana medieval havia deslocado Cristo do centro de sua religião, defende Scott Hendrix

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

**S**e Lutero queria ou não fundar uma nova igreja, não há como saber. No entanto, na opinião do professor Scott Hendrix, do Princeton Theological Seminary, “os reformadores protestantes não pretendiam começar uma nova igreja, mas recuperar um cristianismo renovado que estivesse mais próximo da Bíblia e da igreja primitiva”. E ele explica sua posição: “Na visão dos reformadores, o Papa e os bispos apoiavam práticas religiosas que tornavam inútil o trabalho de Cristo”. Na entrevista que concedeu por e-mail para a **IHU On-Line**, Hendrix também tem ressalvas em relação à figura do reformador: “Lutero tinha pouca consciência do mundo fora da Europa e da expansão do poder e da religião europeus aos outros continentes. Esse processo de globalização foi, na minha opinião, da perspectiva européia, uma marca do mundo moderno”.

Scott H. Hendrix é presidente do Comitê de Continuação do Congresso Internacional de Pesquisa sobre Lutero e professor emérito de História da Reforma no Princeton Theological Seminary, dos Estados Unidos. Dentre outros, é co-autor de *As confissões luteranas: introdução* (São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002). Leia mais sobre Martinho Lutero na revista **IHU On-Line** número 280, de 03-11-2008, cujo tema de capa é *Lutero. Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã*.

**IHU On-Line - Qual foi o principal impacto na Igreja Católica a partir do surgimento do protestantismo?**

**Scott Hendrix** - O impacto foi duplo: interno e externo. Primeiro, o desafio do protestantismo levou a Igreja Católica Romana a reformar o seu próprio culto, seu próprio clero e a piedade do seu povo. Novas ordens, como os jesuítas, foram fundadas para implementar ministérios mais efetivos. Os papas e o Concílio de Trento (1545-1563) decretaram e aprovaram muitas dessas reformas. Em segundo lugar, ao mesmo tempo, a Igreja Católica defendeu sua própria teologia e suas práticas contra as críticas feitas de fora. Os protes-

tantes eram, então, competidores pela lealdade do povo na Europa e além dela, e a Igreja Romana impulsionou uma estratégia missionária de reconverter os protestantes na Europa e de tornar cristãos católicos os não-cristãos da Ásia e das Américas.

**IHU On-Line - Como podemos compreender o surgimento da religião luterana visto que Lutero não queria criar uma nova religião, mas reformar a Igreja?**

**Scott Hendrix** - Lutero e seus companheiros não queriam estabelecer ou criar uma nova religião, mas restaurar o cristianismo genuíno na Europa, em substituição ao que eles

viam como uma religião supersticiosa e corrupta, ensinada pela Igreja Romana. Na verdade, os reformadores protestantes não pretendiam começar uma nova igreja, mas recuperar um cristianismo renovado que estivesse mais próximo da Bíblia e da igreja primitiva. A proposta luterana de restaurar esse cristianismo genuíno (chamado pelos luteranos de evangélico ou movimento evangélico) foi rejeitada pelo Papa, pelos bispos romanos e, finalmente, na Alemanha, pelo Imperador Carlos V na Dieta de Worms, em 1530. Os luteranos, por isso, instalaram o seu próprio cristianismo reformado nessas cidades e nesses territórios que aceitaram a Confissão de Augsburgo.<sup>1</sup> Quando esse cristianismo renovado foi organizado com pastores, catecismos e culto evangélicos, o resultado foi uma Igreja Luterana em toda a área que aceitara a referida Confissão.

**IHU On-Line - Qual é a importância de se considerar o contexto da crítica de Lutero à Igreja?**

**Scott Hendrix** - Lutero e seus companheiros se recusaram a ceder ao Papa e à hierarquia romana, porque a Igreja Romana não ensinava nem praticava mais um cristianismo centrado em Cristo. Na visão dos reformadores, o papa e os bispos apoiavam práticas religiosas que tornavam inútil o trabalho de Cristo. Todas as indulgências, peregrinações, orações a santos, missas, jejuns etc. eram apresentados ao povo como formas pelas quais eles poderiam ganhar a sua salvação, enquanto que Lutero defendia, de acordo com o Novo Testamento, que a salvação vinha apenas por meio da fé em Cristo. Antes de Lutero, reformadores medievais criticaram vários aspectos da teologia e da prática romana, mas nenhum deles defendeu, tão inteiramente como Lutero, que a Igreja Romana medieval havia deslocado Cristo do centro de sua religião.

**IHU On-Line - Quais foram as mudanças sociais mais importantes surgidas a partir da Reforma?**

<sup>1</sup> A Confissão de Augsburgo é um documento central na reforma de Lutero, que foi uma reação à Igreja Católica. Foi apresentado na Dieta de Augsburgo de 1530. (Nota da IHU On-Line)

## “Lutero acreditava que o papa era o anticristo e que a Reforma era o começo do julgamento de Deus sobre uma Europa não-cristã”

**Scott Hendrix** - Na Europa, as pessoas começaram a se identificar não apenas pela sua nacionalidade, mas também se eram protestantes ou católicas. Essa identidade religiosa se tornou parte da sua cultura, e os soberanos usaram dessas afinidades protestantes ou católicas para competir por poder e territórios. Em algumas áreas, os governadores foram capazes de exercer mais controle sobre seus sujeitos, mas, em outras, os sujeitos conquistaram mais direitos por eles mesmos e mais influência sobre os seus soberanos. Em alguns países, o resultado foi as guerras religiosas.

**IHU On-Line - Concorda com a afirmação de que Lutero, por reformar a teologia e a Igreja, seja o pai da modernidade? Por quê?**

**Scott Hendrix** - Não, eu não concordo. A resposta depende do que se entende por modernidade. Eu acredito que a modernidade na Europa começou com o Iluminismo, que veio muito tempo depois de Martinho Lutero e da Reforma. Lutero acreditava que o Papa era o anticristo e que a Reforma era o começo do julgamento de Deus sobre uma Europa não-cristã. Ele desejava uma Europa cristã renovada, mas nunca previu uma Europa secular, que foi o resultado final do Iluminismo e a marca da modernidade. Além disso, Lutero tinha pouca consciência do mundo fora da Europa e da expansão do poder e da religião europeus aos outros continentes. Esse processo de globalização foi, na minha opinião, da perspectiva europeia, uma marca do mundo moderno.

**IHU On-Line - Como é possível pensar em diálogo inter-religioso a partir de uma perspectiva luterana?**

**Scott Hendrix** - Martinho Lutero não pensava que o luteranismo era a única forma verdadeira do cristianismo. Toda assembleia de fiéis que se reunia para ouvir as boas notícias que Cristo pregou e ter a sua fé fortalecida pelos sacramentos era verdadeiramente cristã. Apesar de que alguns luteranos realmente pensam que são a única igreja verdadeira, muitos luteranos e outros cristãos podem se engajar no diálogo sobre o significado do Evangelho e de como praticar sua fé sem condenar uns aos outros. Muitos luteranos podem também se engajar no diálogo com grupos religiosos não-cristãos. Mesmo que a Reforma tenha tentado converter os judeus europeus ao cristianismo e tenha atacado o judaísmo, quando eles se recusavam a se converter, as igrejas luteranas que pertencem à Federação Luterana Mundial<sup>2</sup> hoje repudiaram esses ataques e acolheram o diálogo com o judaísmo e as outras religiões.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia o Congresso Internacional de Pesquisa de Lutero,<sup>3</sup> realizado no Brasil no ano passado?**

**Scott Hendrix** - Foi o primeiro congresso que ocorreu fora da Europa e da América do Norte e deu destaque tanto ao forte interesse global em Martinho Lutero, quanto às contribuições que os estudiosos da América do Sul, da Ásia e da Austrália deram à pesquisa sobre Lutero. O tema foi “A visão de Lutero sobre a vida cristã”, e as conferências e os seminários focaram sua atenção sobre a relevância dos escritos de Lutero para os desafios que os cristãos irão enfrentar no século XXI.

<sup>2</sup> A Federação Luterana Mundial foi criada em 1947 em Lund, Suécia. Considera-se uma comunhão de igrejas cristãs de tradição luterana. Atualmente, conta com 140 igrejas-membro em 78 países ao redor do mundo. Conta com um total de 66,2 milhões de pessoas. A Federação coopera em áreas de interesse comum tais como o ecumenismo e as relações inter-religiosas, teologia, assistência humanitária, direitos humanos, comunicação, e os vários facetas da missão e o desenvolvimento. Sua sede encontra-se em Genebra, Suíça. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> O 11º Congresso Internacional de Pesquisa de Lutero aconteceu no campus da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), em Canoas, de 22 a 27 de julho de 2007. O evento reuniu 94 pesquisadores, de 18 países das Américas, Europa e África e teve como tema “A ética de Lutero nos reinos da igreja, lar e política”. (Nota da IHU On-Line)

# Entrevista da Semana

## A ciência antes e depois de Darwin

Naturalista inglês é divisor de águas na ciência, analisam Lilian Al-Chueyr Pereira Martins e Roberto de Andrade Martins. Para eles, a Teoria da Evolução não é incompatível com a religião

POR MÁRCIA JUNGES

“Mesmo que daqui a 500 anos nossas idéias sejam completamente diferentes, ainda se falará em Darwin”, avalia o historiador da ciência Roberto de Andrade Martins, na entrevista que concedeu pessoalmente à **IHU On-Line**, junto com a pesquisadora Lilian Al-Chueyr Pereira Martins. Para eles, devemos falar em duas ciências dos seres vivos, uma antes, e outra depois da Teoria da Evolução, tamanha é a importância do livro *A origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*. Sobre a pretensa incompatibilidade entre a Teoria da Evolução e o criacionismo, Roberto explica que há vários tipos de criacionismo, e que “Darwin foi muito cuidadoso ao colocar como uma possibilidade que Deus tivesse criado a vida, os primeiros seres vivos, e depois eles foram evoluindo, se transformando. Então, Darwin não estava querendo introduzir uma teoria materialista, oposta à religião”. Por outro lado, Lilian acentua que, sem Lamarck, Darwin não teria chegado às conclusões expostas em *A origem das espécies*. Mesmo criticando-o fortemente a princípio, Darwin admite na sexta edição de sua obra o mérito lamarckiano como primeira tentativa de explicar a evolução. “Darwin seria impensável sem Lamarck”, resume a pesquisadora. A entrevista pode ser conferida na íntegra, a seguir, e desperta desde já para o debate que o Simpósio Internacional Ecos de Darwin, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU de 9 a 12 de setembro de 2009 pretende estabelecer.

Docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Lilian é graduada em História Natural, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), especialista em História da Ciência, e mestre e doutora em Genética, pela Unicamp, com a tese histórica *A teoria cromossômica da hereditariedade proposta: fundamentação, crítica e aceitação*. Também é pós-doutora pela Unicamp, autora de *A teoria da progressão dos animais, de Lamarck* (Rio de Janeiro: Booklink; FAPESP; GHTC, 2007). Além disso, é presidente da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB).

Roberto é físico graduado pela Universidade de São Paulo (USP) e doutor em Lógica e Filosofia da Ciência pela Unicamp, com a tese *Sobre o papel dos desiderata na ciência*. Na Universidade de Cambridge, Inglaterra, realizou estágio de pós-doutorado. Leciona no Instituto de Física Gleb Wataghin da Unicamp, onde é chefe do Grupo de História e Teoria da Ciência. De sua produção bibliográfica, destacamos *O universo: teorias sobre sua origem e evolução* (São Paulo: Moderna, 1994), *Commentariolus. Pequeno comentário de Nicolau Copérnico sobre suas próprias hipóteses acerca dos movimentos celestes* (2. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2003) e *Os “raios N” de René Blondlot: uma anomalia na história da física* (Rio de Janeiro: Booklink; São Paulo: FAPESP; Campinas: GHTC, 2007). Roberto de Andrade Martins e Lilian Al-Chueyr Pereira, entre outros, compõem a comissão técnico-científica do IX Simpósio Internacional IHU Ecos de Darwin.

**IHU On-Line - Qual é a atualidade da obra fundamental de Darwin, *A origem das espécies*, 150 anos após seu lançamento?**

**Lilian Al-Chueyr Pereira Martins** - Normalmente vemos nos livros didáticos descrições históricas dizendo que atualmente se aceitam todos os pressupostos da teoria de Darwin conforme ele apresentou em *A origem das espécies*. Mas na verdade não é bem assim. Aceitamos algumas de suas idéias, com adaptações, e rejeitamos outras. Por exemplo: não se aceita a herança de caracteres adquiridos por uso e desuso – que ele aceitava – nem a hipótese de hereditariedade de Darwin (hipótese da pangênese). O que se aceita hoje é a seleção natural aplicada à frequência gênica, completada pelo desenvolvimento da genética clássica, que ocorreu algumas décadas depois da morte de Darwin.

**Roberto de Andrade Martins** - De um modo geral, há uma confusão entre pesquisadores que foram extremamente importantes e aquilo que aceitamos hoje. Isso acontece em todas as áreas. A teoria astronômica que aceitamos não é a de Copérnico,<sup>1</sup> mas completamente diferente daquilo que ele pensava. A mecânica clássica não é a de Galileu,<sup>2</sup> e assim por diante. Há

<sup>1</sup> Nicolau Copérnico (1473-1543): astrônomo e matemático polonês, além de cânone da Igreja, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Desenvolveu a teoria heliocêntrica para o sistema solar, que colocou o Sol como o centro do sistema solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica – o geocentrismo (que considerava a Terra como o centro). Essa teoria é considerada uma das mais importantes descobertas de todos os tempos, sendo o ponto de partida da astronomia moderna. A teoria copernicana influenciou vários outros aspectos da ciência e do desenvolvimento da humanidade, permitindo a emancipação da cosmologia em relação à teologia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16-11-2005 o Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein. Sobre Copérnico, em específico, o Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud, da PUC-Rio, proferiu palestra em 03-08-2005, intitulada *Copérnico e Kepler: como a Terra saiu do centro do Universo*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Galileu Galilei (1564-1642): físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial,

**“Darwin criticou bastante Lamarck num primeiro momento. Ele chegou mesmo a dizer que a obra de Lamarck era miserável, absurda”**

determinados nomes em todas as áreas que são conhecidos e valorizados, mas o que eles propuseram não é exatamente o que aceitamos em nossos dias. O que acontece é que esses pesquisadores deram um grande passo, uma grande contribuição. Mesmo que daqui a 500 anos nossas idéias sejam completamente diferentes, ainda se falará em Darwin.

**IHU On-Line - Quais são os principais aspectos sobre os quais esse livro jogou luz quando de sua publicação?**

**Lilian Al-Chueyr Pereira Martins** - *A origem das espécies* trouxe uma série de evidências favoráveis à evolução através de um processo lento e gradual pelo acúmulo de pequenas modificações. É interessante como Darwin argumenta nesse livro, apresentando claramente suas propostas, colocando as evidências contrárias àquilo que ele queria defender, e depois oferecendo as evidências favoráveis e lidando com as objeções. Foi uma obra muito importante e que continua objeto de estudo até hoje.

**Roberto de Andrade Martins** - O im-

idéias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refrator e terá sido o primeiro a utilizá-lo para fazer observações astronômicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo, a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

pacto na época se deu principalmente pela seriedade e volume de informações coletadas por Darwin para defender suas idéias. Havia ali um conhecimento profundo dos prós e contras de todos os aspectos, bem como a proposta de um mecanismo plausível para a transformação das espécies. Isso porque havia pesquisadores como Thomas Huxley,<sup>3</sup> por exemplo, que estava convencido de que deveria haver alguma modificação das espécies. Contudo, ele não entendia como. Falta a proposta de um bom mecanismo para a transformação das espécies, a seleção natural. Assim, *A origem das espécies* produziu grande impacto, rápido, e de repercussão intensa. O livro vendeu depressa e todos começaram a discuti-lo.

**IHU On-Line - Como foi a recepção da obra por parte da comunidade científica e por parte da Igreja?**

**Lilian Al-Chueyr Pereira Martins** - A comunidade científica reagiu de diferentes maneiras. Podemos dizer que alguns estudiosos aceitaram determinados aspectos da teoria darwiniana, outros não. Quando Darwin escreveu *A origem das espécies*, propôs outros tipos de estudo que poderiam trazer esclarecimentos a respeito do processo evolutivo. Ali ele mencionou, também, que a seleção natural era o principal meio de modificação das espécies, mas não era o único. Isso estimulou uma série de estudos, como os dos que procuravam, através da morfologia, reconstruir a filogenia. Exemplo disso é o grupo de Cambridge, de Frank Balfour, que trabalhava nessa linha. Darwin inspirou vários estudiosos, mesmo aqueles que tinham restrições a alguns aspectos de suas idéias, como Spencer.<sup>4</sup> Esse pesquisador acreditava

<sup>3</sup> Thomas Henry Huxley (1825-1895): biólogo britânico conhecido como “o buldogue de Darwin” por ser o principal defensor público da Teoria da Evolução de Charles Darwin. Figura como um dos principais evolucionistas ingleses do século XIX. Talentoso popularizador da ciência, cunhou o termo “agnosticismo” para descrever seu posicionamento sobre a crença religiosa. A ele é creditada a invenção do conceito de biogênese, teoria que diz que todas as células provêm de outras células. Ao longo de sua vida, Huxley também contribuiu para a embriologia, taxonomia e morfologia. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Herbert Spencer (1820-1903): filósofo britâ-

que a herança de caracteres adquiridos por uso e desuso era mais importante do que a própria seleção. É importante notar que a teoria de Darwin foi aceita, mas não como um pacote fechado. Ela teve grande repercussão, mas alguns estudiosos aceitavam apenas certos aspectos, introduzindo outros.

**Roberto de Andrade Martins** - A recepção foi diferente em cada país. Na Alemanha, a aceitação foi muito fácil. Os pesquisadores alemães aceitaram com rapidez a idéia tanto de evolução, quanto do mecanismo de seleção, enquanto que na França houve uma resistência muito grande contra Darwin. Isso dependia do ambiente filosófico e outras problemáticas como a postura religiosa.

**Lilian Al-Chueyr Pereira Martins** - Não podemos esquecer que, no próprio meio universitário de Darwin, composto por anglicanos, geralmente se aceitava que as espécies eram fixas. Vários de seus professores pensavam assim. Isso, de certo modo, era uma barreira para a aceitação de sua teoria.

**IHU On-Line** - Até que ponto é correto contrapor criacionismo e darwinismo? São incompatíveis? Por quê?

**Roberto de Andrade Martins** - Há muitos criacionismos diferentes. Essa é a grande questão. Darwin foi muito cuidadoso ao colocar como uma possibilidade que Deus tivesse criado a vida, os primeiros seres vivos, e depois eles foram evoluindo, se transformando.

nico conhecido por sua tentativa de elaborar um sistema filosófico baseado nas descobertas científicas de sua época, que pudesse ser aplicado a todos os assuntos. Foi o fundador da filosofia evolucionista. Em sua obra principal, *Um sistema de filosofia sintética* (1862-1896), aplicou a idéia da evolução à biologia, à psicologia, à sociologia e a outros campos do conhecimento. Em seu trabalho sobre biologia, Spencer traçou a evolução da vida desde sua forma menos reconhecível até o homem. Acreditava que a grande lei da natureza era a ação constante de forças que tendiam a mudar todas as formas do simples para o complexo. Spencer explicava que a mente do homem tinha se desenvolvido dessa mesma maneira, avançando das simples respostas automáticas dos animais inferiores aos processos de raciocínio do homem pensante. Escreveu também *A classificação das ciências* (1864) e *Os fatores da evolução orgânica* (1887). (Nota da IHU On-Line)

Então, Darwin não estava querendo introduzir uma teoria materialista, oposta à religião. Na Alemanha, por exemplo, que mencionei como um local que acolheu bem suas idéias, a interpretação recebida foi de cunho materialista, como aquele dado por Häckel, naturalista autodeclarado ateu. Para ele tudo provinha da matéria, e era preciso esquecer Deus e as coisas do espírito. Para Darwin, havia a possibilidade de compatibilizar Deus como criador do universo e da vida, e depois o processo evoluiria por fenômenos naturais, sem a intervenção divina. Atualmente, a discussão depende muito do tipo de criacionismo que se propõe. Uma coisa é dizer que todas as espécies foram criadas sepa-

**“Pessoalmente,  
acredito que as  
enormes dimensões da  
proposta de Darwin não  
seriam possíveis se não  
houvesse um Lamarck  
antes”**

radamente por Deus. Isso não pode ser concebido em nossos dias. Outra coisa é discutir a possibilidade de que, em algum momento primordial Deus tenha tido uma interferência no Universo. Isso poderia ser aceito e não colide com os conhecimentos científicos.

**IHU On-Line** - Como você avalia os usos extracientíficos que foram feitos do darwinismo (metáforas e modelos explicativos a várias áreas da ciência, ao conhecimento em geral e revolução antropológica)? Nesse sentido de usos extracientíficos, como compreender o conceito de darwinismo social?

**Lilian Al-Chueyr Pereira Martins** - Não percebo em Darwin muitas das coisas

que são-lhe imputadas, como o darwinismo social.

**Roberto de Andrade Martins** - Darwin não gostaria de ter seu nome associado ao darwinismo social, certamente. As propostas científicas escapam ao controle de seu criador e depois são aproveitadas com modificações profundas. A teoria de Darwin não estabelece uma proposta de que se deve agir socialmente aplicando idéias da teoria da evolução à sociedade. Não existia na obra darwiniana essa proposta, que usa uma analogia com a teoria da seleção natural, mas que não é uma consequência da teoria da evolução. Devemos dizer, ainda, que essa não é uma proposta cientificamente fundamentada. O darwinismo social extrapola o que Darwin pensou.

**IHU On-Line** - Além do aniversário duplo de Darwin em 2009, a *Filosofia Zoológica de Lamarck* também está prestes a completar 200 anos. Como Darwin dialoga com o legado de Lamarck? Por que ele não teve tanta repercussão quanto Darwin?

**Lilian Al-Chueyr Pereira Martins** - A obra mais conhecida de Lamarck<sup>5</sup> é a *Philosophie Zoologique*, de 1809, mas essa não foi a primeira nem a última de suas obras sobre o assunto. A versão mais madura de sua teoria evolutiva aparece em outros de seus livros, como na introdução do tratado de invertebrados, *História natural dos animais sem vértebras*, e também no seu Sistema analítico dos conhecimentos humanos. A teoria de Lamarck não incluía a idéia de seleção natural, mas tinha vários elementos que depois aparecem na teoria de Darwin, como a idéia de um processo evolutivo lento e gradual e a questão da herança de caracteres adquiridos por uso e desuso. Entretanto, Darwin e Lamarck expli-

<sup>5</sup> Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet - Chevalier de Lamarck (1744-1829): naturalista francês que desenvolveu a teoria dos caracteres adquiridos. Personificou as idéias pré-darwinistas sobre a evolução. Foi ele que, de fato, introduziu o termo biologia. Antes de 1800, acreditava que as espécies eram imutáveis. Mas graças ao seu trabalho sobre os moluscos da Baía de Paris, ficou convencido da transmutação das espécies ao longo do tempo, e desenvolveu a sua teoria da evolução, apresentada ao público em 1809 na sua *Philosophie Zoologique*. (Nota da IHU On-Line)

cam a evolução por mecanismos diferentes. Lamarck enfatiza mais a ação do meio, e Darwin prima pela seleção natural.

### Críticas

Darwin criticou bastante Lamarck num primeiro momento. Ele chegou mesmo a dizer que a obra de Lamarck era miserável, absurda. Depois, no esboço histórico da sexta edição de *A origem das espécies*, creditou a Lamarck o mérito de tentar explicar a evolução, o surgimento dos diferentes seres a partir de leis naturais, e não da intervenção divina. Pessoalmente, acredito que as dimensões enormes da proposta de Darwin não seriam possíveis se não houvesse um Lamarck antes. Isso porque as poucas propostas anteriores a Lamarck, em termos de evolução, não formavam um todo coerente; mas a partir das idéias lamarckianas, foi possível avançar. Darwin seria impensável sem Lamarck.

É bom lembrarmos que Darwin tomou todos os cuidados para argumentar em favor de sua teoria, fundamentando-a da melhor forma para não receber as críticas que Lamarck recebeu. A teoria de Lamarck não foi discutida em âmbito acadêmico, não chegou sequer a ser discutida, exceto por poucos colegas de modo informal. Existem muitas especulações sobre o motivo pelo qual a teoria lamarckiana teve essa recepção e impacto tão baixo.

**IHU On-Line - Diz-se, inclusive, que Lamarck teria ido mais longe do que Darwin quando intui que a origem da vida é uma “sopa primitiva”. Qual é o seu ponto de vista?**

**Lilian Al-Chueyr Pereira Martins** - Essa afirmação faz parte de uma série de informações históricas equivocadas. Quando analisamos suas diferentes obras, não encontramos a menção a uma “sopa primitiva”. No entanto, diferentemente de Darwin, Lamarck lida bastante com a origem da vida — um ponto do qual Darwin fugiu, em função do contexto em que vivia. Lamarck explica a origem da vida a partir da geração espontânea dos primeiros se-

## “A teoria de Darwin não estabelece uma proposta de que se deve agir socialmente aplicando idéias da teoria da evolução à sociedade”

res, que teriam sido criados por forças físicas que eram conhecidas na época — forças de atração como a gravitação universal de Newton, forças de repulsão como calórico e eletricidade. Ele procurou explicar como, através dessas forças, se formariam alguns seres vivos muito simples, microscópicos. A partir deles, alguns se transformariam e produziriam animais e vegetais cada vez mais complexos; outros permaneceriam com uma estrutura simples. A geração espontânea continuaria existindo até os dias atuais, segundo ele. Há, portanto, a idéia de que a vida se originaria a partir de líquidos, por processos naturais. Lamarck, entretanto, não fala em “sopa primitiva”. Isso é bem posterior e aparece em outros autores.

**IHU On-Line - Podemos comparar o darwinismo à revolução copernicana em termos de importância e mudança de perspectivas na ciência? Por quê?**

**Roberto de Andrade Martins** - Certamente. Isso porque todo o estudo dos seres vivos passa a ser focado de um modo completamente diferente, a partir da aceitação da teoria da evolução. Estudamos a fisiologia pensando para que servem os órgãos, como se formaram, como se adaptaram às condições de vida. Estudamos a classificação dos animais pensando sobre como surgiram, qual é seu parentesco histórico. Todo o estudo sobre os seres vivos se torna completamente diferente quando olhamos para os animais e plantas com os olhos da evolução. É

preciso pensar em duas ciências dos seres vivos, uma antes, e outra depois da teoria da evolução.

### LEIA MAIS...

O Instituto Humanitas Unisinos — IHU já repercutiu outras entrevistas e artigos sobre as teorias darwinianas. Acesse o endereço [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

Conteúdos publicados na página eletrônica:

- \* *Tataraneto de Darwin refaz rota do ancestral no Brasil* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 30-11-2008;
- \* *Atirem no pai do evolucionismo* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 04-11-2008;
- \* *‘Deus provavelmente não existe. Então pare de se preocupar e aproveite a vida’* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 30-10-2008;
- \* *Darwin, Lamarck: três aniversários...* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 23-10-2008;
- \* *A fé e a ciência: as vias paralelas em busca da verdade* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 01-10-2008;
- \* *Darwin e a Igreja. Apesar de tudo se evolui* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 01-10-2008;
- \* *Deus, Evolução e Charles Darwin* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 28-09-2008;
- \* *O Gênesis não é um livro científico: Vaticano irá estudar a evolução* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 25-09-2008;
- \* *Desculpas a Darwin, católicos divididos* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 24-09-2008;
- \* *Darwin e Bíblia. Incompatibilidade?* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 19-09-2008;
- \* *A Igreja anglicana pedirá perdão a Charles Darwin* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 15-09-2008;
- \* *Foco na evolução: Vaticano fará conferência sobre Darwin* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 14-09-2008;
- \* *Fé e evolução, binômio possível* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 02-09-2008;
- \* *Quem tem medo do macaco?* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 28-08-2008;
- \* *‘Deus já não é necessário para explicar a exuberância das formas de vida’* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 01-07-2008;
- \* *Deus sai de cena* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 01-07-2008;
- \* *A ministra e o criacionismo* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 23-01-2008;
- \* *O naturalismo científico. As falhas e as falácias do ‘novo ateísmo’. Entrevista especial com John F. Haught* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 25-11-2007;
- \* *Ciência e fé: Hans Küng mostra essa relação de respeito recíproco* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 24-10-2007;
- \* *O Papa se distancia dos criacionistas e dos darwinistas* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 19-04-2007;
- \* *Ciência não exclui Deus. Entrevista com Francis Collins, biólogo que desvendou o genoma humano* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 21-01-2007;
- \* *A substituição do astrônomo do Vaticano. “Darwinista demais?”* - conteúdo publicado nas *Notícias do Dia* em 26-0-2006.

# Livro da Semana

## A crítica literária e a estética da fenomenologia

Para Roberto Figurelli, a crítica caminha ao lado da estética, e a literatura está ligada à filosofia

POR ANDRÉ DICK

O crítico literário e de arte Roberto Figurelli lançou, em 2007, o livro *Estética e crítica* (Curitiba: Ed. UFPR), em que reúne textos sobre o crítico e filósofo da fenomenologia Mikel Dufrenne e sobre as relações entre literatura e filosofia, além de fazer uma análise de pinturas e de filmes a partir da ótica literária e tratar do Sagrado na poesia, a partir da visão de Martin Heidegger – enfocando, também, a visão artística de modo geral do autor de *Que é metafísica?* Baseado em Heidegger, Figurelli afirma: “Visto que a Natureza – que educa os poetas – é gerada do caos, também ela é nomeada o Sagrado. Como não é possível ser poeta sem a Natureza, dela os poetas recebem o pressentimento e por meio dela ouvem o apelo do Sagrado. A resposta dos poetas só pode ser a palavra poética. Com isso, passam a pertencer ao Sagrado”. Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ao falar da crítica literária e da maneira como ela é vista hoje, Figurelli destaca Antonio Candido e Wilson Martins.

Bacharel em Letras Clássicas, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, e licenciado em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Figurelli defendeu tese de doutorado, intitulada *Mikel Dufrenne et Martin Heidegger. Essai de confrontation*, em 1981, na Université de Liège. Também deu aulas em diversas universidades: Unisinos, Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na Universidade Federal do Paraná (UFPR), deu aula entre 1975 e 1992 e entre 1998 e 2000, ano em que se aposentou como professor sênior. Também tradutor, verteu para o português textos de Mikel Dufrenne em *Estética e filosofia* (São Paulo: Perspectiva, 1972), reeditado várias vezes, e também *Sintaxe e semântica na gramática transformacional* (São Paulo: Perspectiva, 1983), de Andrea Bonomi e Gabriele Usberti.

**IHU On-Line - Em relação à discussão sobre estética, que o senhor propõe no primeiro capítulo de seu livro, a crítica ainda se preocupa, hoje, em emitir juízos de valor, ou ela está mais propensa a destruir – e não analisar – a obra que não aprecia?**

**Roberto Figurelli -** No atinente à crítica literária praticada no Brasil, hoje, lembro a atuação de Wilson Martins<sup>1</sup>

1 Wilson Martins (1921): historiador e crítico literário brasileiro. Formou-se em Direito, mas, após concluir um curso de especialização literária em Paris, passou a dedicar-se exclusiva-

mente à literatura, como professor e crítico. (Nota da IHU On-Line)  
2 Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966): crítico de arte e literário, sociólogo e tradutor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

mente à literatura, como professor e crítico. (Nota da IHU On-Line)

2 Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966): crítico de arte e literário, sociólogo e tradutor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

o escritor que não tem qualidade não merece, tampouco, o estudo estilístico ou a análise interpretativa ou seja o que for”.<sup>3</sup> Embora não o tenha incluído entre meus críticos preferidos, admiro Wilson Martins pela solidez de sua formação, erudição enciclopédica e segurança na formulação dos juízos de valor.

Tendo exercido o magistério na UPFR, na condição de catedrático de

3 SEFFRIN, A. et. *Mestre da crítica*. Curitiba: Imprensa Oficial do PR; Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p. 11. (Nota do entrevistado)

Língua e Literatura Francesa, de 1951 a 1962, e na Universidade de Nova York, como professor de Literatura Brasileira, Wilson Martins não se esquece de que é professor e, como tal, exerce o direito de corrigir os erros que detecta nas obras analisadas, o que nem sempre é bem aceito pelos autores. Foi o que aconteceu com Daniel Piza,<sup>4</sup> a propósito de *Machado de Assis – Um gênio brasileiro* (São Paulo: Imprensa Oficial, 2005).

Quanto à propensão de destruir de certos críticos, para usar a expressão da pergunta, talvez seja interessante trazer à baila um fato ocorrido na Itália, em 2006. O escritor Alessandro Baricco,<sup>5</sup> nascido em Turim, em 1958, traduzido em 20 idiomas, recorreu ao jornal *La Repubblica* (01.03.06) para um desabafo no qual se queixou de jamais ter sido criticado por críticos abalizados da estatura de Pietro Citati<sup>6</sup> e Giulio Ferroni.<sup>7</sup> Segundo ele, é preferível ser arrasado a ser alfinetado ou atingido por setas envenenadas disseminadas em artigos dedicados a outros escritores. A queixa de Baricco, que chegou a ser comparada ao *J'accuse*, de Zola,<sup>8</sup> provocou um terremoto nas hostes literárias da Itália. Giulio Ferroni rejeitou a acusação do romancista: “Eu o analiso, mas — po-bre de mim! — sem extrair muito, e o

4 Daniel Piza (1970): jornalista, colabora com a revista *Continente Multicultural*, entre outras, e é comentarista do canal *Globo News* e da rádio *CBN*. Concedeu a entrevista “O fundador da prosa brasileira moderna” à IHU On-Line número 262, de 16-06-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*. (Nota da IHU On-Line)

5 Alessandro Baricco (1958): escritor, diretor e performer italiano. Ele atualmente vive em Roma com sua esposa e filho. Tem livros lançados no Brasil, como *Seda* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007) e *Esta história* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007). (Nota da IHU On-Line)

6 Pietro Citati (1930): escritor e crítico literário italiano, já escreveu biografias crítico de Goethe, Kafka e Marcel Proust, bem como uma biografia curta, mas inesquecível, de sua amizade por trinta anos com Italo Calvino. (Nota da IHU On-Line)

7 Giulio Ferroni (1943): historiador da literatura, crítico literário, escritor e jornalista italiano. (Nota da IHU On-Line)

8 Émile Zola (1840-1902): escritor francês. Criou o movimento literário chamado Naturalismo, segundo o qual se aplicava à descrição dos fatos humanos e sociais o rigor científico. Além de romancista foi também jornalista. Escreveu *O ventre de Paris* (1873), *A taberna* (1877), *Naná* (1880) e *Germinal* (1885). (Nota da IHU On-Line)

senhor não me lê e obtém um sucesso planetário” (02.03.06, p. 47). Da polêmica, vale a pena citar as palavras de Alfonso Berardinelli:<sup>9</sup> “A demanda de Baricco reforça uma de minhas convicções: a existência da crítica mede-se pela qualidade dos juízos negativos, ou seja, análises argumentadas nas quais o crítico dá o melhor de si mesmo”. “É mais difícil acreditar nos louvores do que na destruição. Pois quem a exerce corre riscos. E quem evita entrar em conflito com a sociedade literária abdica da credibilidade” (02.03.06, p. 46). Lamentou-se a desapareção de um gênero perdido, isto é, o derramamento do sangue literário.

### O futuro da crítica

E o que dizer sobre o futuro da crítica? De 25 a 29 de maio de 2005, em Los Angeles, 487 críticos de arte participaram da *National Critics Conference*.<sup>10</sup> Dentre as causas apontadas para explicar a perda de influência da crítica de arte figuraram as seguintes: a globalização, a padronização das culturas, a pressão e o desinteresse das pessoas por análises bem fundamentadas, a falta de distinção nítida entre publicidade e crítica, o embotamento do senso crítico e a abdicação do exercício da faculdade de julgar.<sup>11</sup>

Em dois passos (p. 53-54 e p. 155-159) de *Estética e crítica*, abordo o tema da morte da arte. Se o prognóstico hegeliano da morte da arte, para usar a expressão de Benedito Nunes,<sup>12</sup>

9 Alfonso Berardinelli (1943): crítico literário italiano. Entre suas obras traduzidas para o português, estão *Da poesia à prosa* (São Paulo: Cosac Naify, 2007). (Nota da IHU On-Line)

10 Três dias antes do encontro, Scott Timber publicara no *Los Angeles Times* um longo artigo sobre a “condição crítica da crítica”. Scott Timber, no seu texto, lembra o crítico teatral Addison De Witt, personagem vivida magistralmente por George Sanders no filme *A malvada* (All about Eve, 1950), de Joseph Mankiewicz. Addison De Witt é o modelo do crítico todopoderoso, capaz de promover ou arruinar a carreira de uma atriz como Eve Harrington, consagrar uma peça ou encurtar sua temporada. Dos seis Oscars conquistados pelo filme, um coube merecidamente ao cínico George Sanders. (Nota do entrevistado)

11 Os dados apresentados foram extraídos do artigo do crítico Sérgio Augusto, “O outono (ou já seria o inverno?) da crítica”, *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 25 jun. 2005. (Nota do entrevistado)

12 Benedito Nunes (1929): filósofo e crítico literário brasileiro, é autor de estudos sobre

se tornou tema de tantos debates de pensadores e artistas, não é de estranhar que se fale em agonia da crítica literária, como ocorreu na polêmica de A. Baricco na Itália, ou até mesmo em morte da crítica.

Reafirmo o que escrevi em *Estética e crítica*: “Nenhum crítico se arriscará a julgar uma obra sem conhecer história. Quanto maior for o seu conhecimento, mais segurança ele terá no exercício da crítica” (p. 22). Minha convicção forjou-se tanto da leitura e estudo de críticas diferentes artes quanto do exercício da crítica cinematográfica na década de 1970.

### A presença de Antonio Candido na crítica brasileira

Dentre os muitos críticos competentes em nosso país, elejo Antonio Candido de Mello e Souza.<sup>13</sup> Nascido no Rio de Janeiro em 1918, cursou Direito (não concluído e Ciências Sociais na USP). Foi crítico literário da revista *Clima* (1941), *Folha da Manhã* e *Diário de São Paulo* (1943-1947). O título de sua tese de livre-docência em literatura brasileira (1945) é assaz significativo: “O método crítico de Sílvio Romero”. Em 1958, assumiu as aulas de literatura brasileira na Faculdade

Mario Faustino e Clarice Lispector e de uma vasta obra. Estudioso dos pensadores alemães, sobretudo de Kant, Heidegger e Nietzsche, suas análises procuram transitar nas fronteiras entre o devaneio criador e a análise conceitual. É autor de *O mundo de Clarice Lispector* (São Paulo: Ática, 1966), *Oswald canibal* (São Paulo: Perspectiva, 1979) e *Crivo de papel* (São Paulo: Ática, 1999), entre outros. (Nota da IHU On-Line).

13 Antonio Candido de Mello e Souza (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, um dos principais críticos literários brasileiros. É professor emérito da USP e UNESP, e doutor honoris causa da Unicamp. Foi crítico da revista *Clima* (1941-1944) e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-1945) e *Diário de São Paulo* (1945-1947). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Escreveu o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964). Sobre ele, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à IHU On-Line nº 278, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à IHU On-Line nº 283, de 24-11-2008, intitulada *As Ciências Sociais, hoje. Os 50 anos do curso de Ciências Sociais da Unisinos*. (Nota da IHU On-Line)

de Filosofia de Assis. Foi um dos idealizadores do Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*. Aposentou-se em 1978, mas continuou como orientador de teses e examinador em bancas até o início dos anos 1990.

Graças à importância de *Formação da literatura brasileira* (1950), sua obra mais conhecida, e *Literatura e sociedade* (8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000), coletânea publicada em 1965, Candido é referencial obrigatório para quem se dedica ao estudo da literatura brasileira. Na *Formação da literatura brasileira*, trata do significado da experiência literária na História do Brasil. Para ele, os dois momentos decisivos da formação literária brasileira são o período neoclássico e o romântico.

Na coletânea de 1965, o leitor depara com alguns ensaios – “Crítica e sociologia” (p. 5-16), “A literatura e a vida social” (p. 17-35) e “O escritor e o público” (p. 67-80) – nos quais o autor apresenta, com clareza didática, a conceituação de crítica literária em cotejo com disciplinas afins. Por exemplo: “Aqui, é preciso estabelecer uma distinção de disciplinas, lembrando que o tratamento externo pode ser legítimo quando se trata de sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento” (p. 6). E, um pouco mais adiante, numa formulação digna de nota: “Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou lingüística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente” (p. 9). Para Candido, se um crítico fosse levado a desprezar a dimensão histórica seu trabalho se tornaria inviável. No artigo “A literatura e a vida social”, afirma: “Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências extremas” (p. 18).<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Para corroborar sua assertiva, cita André Malraux (*Les voix du silence*, 1915), Étienne Souriau (“L’art et la vie sociale”, 1948) e Mikel Dufrenne (“Pour une sociologie du public”, 1949, e *Phénoménologie de l’expérience*,

**IHU On-Line - O senhor acredita, como Heidegger,<sup>15</sup> que a poesia remete ao Sagrado? Por quê? Qual seria a origem do artista e da obra de arte e onde a verdade entraria nessa inter-relação?**

**Roberto Figurelli** - No texto “Filosofia e poesia”, fiz várias referências ao Sagrado: “Proponho-me examinar o vínculo entre o Sagrado e a arte poética, tomando como base os comentários sobre Hölderlin,<sup>16</sup> sob o signo do diálogo de um pensamento (*Denken*) e sua poesia (*Dichten*)” (p. 63). Assim, Heidegger não só subscreve ao verso de Hölderlin – o Caos é Sagrado – como afirma: “O Caos é o próprio Sagrado” (p. 64).

Visto que a Natureza – que educa os poetas – é gerada do caos, também ela é nomeada o Sagrado. Como não é possível ser poeta sem a Natureza, dela os poetas recebem o pressentimento e por meio dela ouvem o apelo do Sagrado. A resposta dos poetas só pode ser a palavra poética. Com isso, passam a pertencer ao Sagrado. O comentário culmina nas duas afirmações de Heidegger: “O Sagrado dá de presente a palavra” e “A palavra é advento (*Ereignis*) do Sagrado”.<sup>17</sup>

Em suma, o Caos é Sagrado, a Natureza é o Sagrado, a palavra poética é advento do Sagrado. Por uma questão de honestidade, cumpre-me acrescentar que o tema do Sagrado, em Heidegger, é extremamente difícil. Nos comentários do filósofo sobre Hölderlin – “o poeta do Sagrado” –, o

1953). (Nota do entrevistado)

<sup>15</sup> **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo “O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no site do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). Confira, ainda, o nº 12 dos *Cadernos IHU em formação*, intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>16</sup> **Johann Christian Friedrich Hölderlin** (1770-1843): poeta lírico alemão. (Nota da IHU On-Line)

<sup>17</sup> HEIDEGGER apud FIGURELLI, Roberto. *Crítica Estética e crítica*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007, p. 65. (Nota da IHU On-Line)

leitor deve se manter atento para não perder de vista o que é de Hölderlin e o que é de Heidegger.<sup>18</sup>

**IHU On-Line - Qual é a importância de um autor referencial em seu livro *Estética e crítica*, Mikel Dufrenne?**

**Roberto Figurelli** - Dufrenne é conhecido por aqueles que se dedicam ao estudo de estética. É o autor da *Phénoménologie de l’expérience esthétique* (1953), obra considerada uma das mais importantes da estética contemporânea. É também autor de diversos livros, ensaios e artigos tanto de filosofia quanto de estética. Como filósofo, ele se situa na versão francesa da fenomenologia. Fundada por Edmund Husserl,<sup>19</sup> a fenomenologia foi aclimatada na França, graças sobretudo a Jean-Paul Sartre<sup>20</sup> e Maurice Merleau-Ponty.<sup>21</sup> Dentre os matizes que distinguem as diferentes correntes de

<sup>18</sup> Só me arrisquei a incluir o texto “Filosofia e poesia” na coletânea por ter à disposição os trabalhos excelentes de Beda Allemann, George Steiner, Otto Pöggeler, Benedito Nunes e Maurice Blanchot, talvez o melhor de todos (“La parole sacrée de Hölderlin. *Critique*, Paris, v. 1, n. 7, p. 579-596). (Nota do entrevistado)

<sup>19</sup> **Edmund Husserl** (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da IHU On-Line)

<sup>20</sup> **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance é *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico, *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

<sup>21</sup> **Maurice Merleau-Ponty** (1908-1961): escritor e filósofo líder do pensamento fenomenológico na França. Professor da Universidade de Lyon e na Sorbone, em Paris. De 1945 a 1952 foi co-editor (com Jean-Paul Sartre) do jornal *Les Temps Modernes*. Voltando sua atenção para as questões sociais publicou um conjunto de ensaios marxistas, em 1947, *Humanisme et terreur* (*Humanismo e terror*), o mais elaborado do comunismo soviético no final dos anos 1940. (Nota da IHU On-Line)

fenomenologia, Dufrenne integra a fenomenologia existencial, consoante a expressão de Paul Ricoeur.<sup>22</sup>

Embora seja muito mais conhecido por sua atuação na área da disciplina de Alexander G. Baumgarten,<sup>23</sup> sua estética só pode ser plenamente compreendida no contexto de sua filosofia. No rol das influências, avultam os nomes de Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty. E o próprio título de sua obra mais importante lembra a *Fenomenologia da percepção* (1945), de Merleau-Ponty.

Tendo estudado o itinerário filosófico-estético percorrido por Dufrenne, creio não ser arriscado reconhecer nele o autor que mais se empenhou pela consolidação da estética fenomenológica no século XX. Para isso, muito contribuiu o fato de ter integrado o grupo da *Revue d'esthétique*, com sede em Paris. Em 1949, nela publicou "Philosophie et littérature" (Ver *Estética e crítica*, p. 113). De 1960 a 1994, foi diretor da revista e de 1971 a 1994, presidente da Société Française d'Esthétique.

A difusão da obra de Mikel Dufrenne atingiu os países europeus, tanto do Oeste quanto do Leste (antes da queda do Muro de Berlim), América do Norte, sobretudo Canadá (Québec) e Estados Unidos, África (Zaire), Ásia (Japão).

A relação entre Dufrenne e os Estados Unidos foi muito estreita. Após a Segunda Guerra Mundial, Dufrenne estagiou um ano nos Estados Unidos, dedicando-se ao estudo da antropologia cultural e do conceito de personalidade de base. Como resultado do

22 Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado "Imaginar a paz ou sonhá-la?", publicado na 49ª edição da IHU On-Line, de 24-02-2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria Memória sobre Ricoeur, em função de seu falecimento. (Nota da IHU On-Line)

23 Alexander G. Baumgarten (1714-1762): sensível à influência de Leibniz e Christian Wolff, sua obra mais significativa, escrita em latim, foi justamente a *Aesthetica* (1750-1758), na qual criou o vocábulo. Os problemas da estética já haviam sido discutidos antes, mas a Baumgarten coube o mérito de ser o primeiro a integrá-los numa disciplina à parte dos outros ramos da filosofia. Baumgarten deu relevo ao ato criador: a intervenção do artista, a seu ver, modifica forçosamente a natureza, pelo acréscimo dos elementos que a sensibilidade projeta na apreensão do real. (Nota da IHU On-Line)

## “Candido é referencial obrigatório para quem se dedica ao estudo da literatura brasileira. Na *Formação da literatura brasileira*, trata do significado da experiência literária na História do Brasil. Para ele, os dois momentos decisivos da formação literária brasileira são o período neoclássico e o romântico”

estágio, escreveu *La personnalité de base. Um concept sociologique*, que seria apresentado como tese secundária para a obtenção do Doutorado de Estado, na Sorbonne, em 1953, e publicada pelas P.U.G., no mesmo ano. Além disso, ministrou cursos em universidades americanas e *O poético* é fruto de um curso na Universidade de Buffalo.

No Brasil, a tradução de *Le poétique*, feita por Luiz Arthur Nunes e Reasylvia K. de Souza, sob a supervisão do Prof. Ângelo Ricci, na disciplina de

Teoria da Literatura e Crítica Literária da Faculdade de Filosofia da UFRGS, foi o cartão de visita para o esteta francês entre nós. Em 1972, a editora Perspectiva lançou a coletânea *Estética e filosofia*, traduzida por mim e precedida de uma introdução na qual procurei oferecer uma visão de conjunto da obra de Dufrenne e do seu itinerário.

Transcorridos 40 anos, creio poder dizer que Dufrenne, salvo honras exceções, nunca chegou a ser estudado, no Brasil, com o empenho exigido por sua importância no contexto da estética. Isso se deve a alguns motivos: o falecimento do prof. Ângelo Ricci; a recusa de Dufrenne aos convites que lhe foram dirigidos para visitar o nosso pai — segundo ele mesmo me disse, não quis vir por se opor ao regime militar; o fato de nenhuma editora ter tomado a iniciativa de traduzir a *Phénoménologie* para o português; e as dificuldades quase insuperáveis que topei ao tentar organizar uma coletânea de textos de estética de sua autoria.

### Dufrenne e os estruturalistas

Pelo que sei, nunca houve uma ligação entre Dufrenne e os estruturalistas. Há uma incompatibilidade de princípio entre ele e os fenomenólogos. Dufrenne é autor de uma das críticas mais completas e documentadas ao método crítico proposto pelos estruturalistas, ou seja, o texto “A crítica literária: estrutura e sentido”, publicado na *Revue d'esthétique* (Paris, 1967, XX, I) e incluído na coletânea *Estética e filosofia* (p. 169-186). Mas Dufrenne nunca aceitou os rótulos de “antiestructuralismo” ou “contra o estruturalismo” que alguns apressadamente jogaram sobre ele. E não hesitou em reconhecer que aprovava o emprego da noção de estrutura em antropologia. Mais adiante, Dufrenne escreveu um breve texto — “Esthétique et structuralisme (Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1971, p. 97-101) — no qual esboça uma aproximação entre os dois termos ou, mais precisamente, entre estruturalismo e fenomenologia. No artigo, com apreciações favorá-

veis a Barthes,<sup>24</sup> Todorov<sup>25</sup> e C. Metz,<sup>26</sup> chega a visualizar a possibilidade de a estética, como semiologia, poder ser estrutural, contato que sejam respeitados os limites de um estruturalismo estético. Gostaria de sublinhar que as críticas de Dufrenne se mantêm no patamar de um embate de idéias, sempre com respeito aos adversários, como, por exemplo, Althusser,<sup>27</sup> Foucault<sup>28</sup> e Barthes. Não sei se Barthes e Dufrenne foram amigos, mas o leitor depara com um breve texto de Barthes – *La bruissement de la langue*<sup>29</sup> – no volume *Vers une esthétique sans entrave* (p. 239-243). É digno de nota que também Metz e Todorov tenham colaborado no volume.

24 Roland Barthes (1915-1980): crítico literário, sociólogo e filósofo francês. Entre suas obras se destacam *Elementos de semiologia* (1965), *Sistema da moda* (1967) e *O império dos signos* (1970). Sobre ele, conferir a entrevista “Roland Barthes: o intérprete dos signos”, concedida por Leyla Perrone-Moisés, na *IHU On-Line* nº 270, de 25-08-2008, intitulada *Uma nova classe média brasileira?*. Ver, também, o artigo “O império da pessoalidade”, sobre o livro *O império dos signos*, escrito por André Dick, na *IHU On-Line* nº 243, de 12-11-2007, intitulada *História em quadrinhos*. (Nota do IHU On-Line).

25 Tzvetan Todorov: filósofo e historiador búlgaro, é também crítico da linguagem de renome internacional. (Nota da IHU On-Line)

26 Christian Metz (1931-1993): estudioso que relacionava cinema e semiótica. Durante a década de 1970, sua obra teve um impacto importante sobre a teoria cinematográfica na França, Inglaterra e nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

27 Louis Althusser (1918-1990): filósofo marxista francês. Seu envolvimento com a ideologia marxista pode ser devido ao tempo gasto nos campos de concentração nazista, durante a segunda guerra mundial, depois da qual começou sua carreira acadêmica. (Nota do IHU On-Line)

28 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Em duas edições, a *IHU On-Line* dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para *download* na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*. (Nota da IHU On-Line)

29 Em português, *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Nota da IHU On-Line)

## “A resposta dos poetas só pode ser a palavra poética. Com isso, passam a pertencer ao Sagrado”

**IHU On-Line - Como vê o fato de problemas filosóficos serem debatidos a partir de um romance, peça de teatro ou filme?**

**Roberto Figurelli** - A princípio, não sou contrário a que problemas filosóficos sejam debatidos a partir de um romance, peça teatral ou filme. Trata-se de uma prática consagrada, ou justificada, pelo uso. Já ouvi críticas ao fato de Martin Heidegger ter escolhido o quadro de Van Gogh “Os sapatos”, no início do ensaio “A origem da obra de arte”, para “aprender a realidade imediata e plena da obra de arte”. Mas sou de parecer que tais críticas não procedem.

Alceu Amoroso Lima,<sup>30</sup> num texto de 1960 – *Problemas de estética* (Rio de Janeiro: Agir, 1960) – trata das falsas estéticas, ou melhor, de falsas concepções de arte. Assim, a concepção instrumental “considera realmente a arte, não como um fim em si e o que ela é realmente por natureza – mas como meio de alcançar um fim superior” (p. 35). Exemplo: subordinar a arte a uma determinada ideologia. Tratei disso na crítica “O cinema político de S. M. Eisenstein<sup>31</sup>” (p. 217-232). Ora, o que fez Heidegger com Van Gogh,<sup>32</sup>

30 Alceu Amoroso Lima (1893-1983): crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

31 Mikhailovich Sergei Eisenstein (1898-1948): cineasta russo, responsável por filmes como *O encouraçado Potemkin*, além de teórico sobre a montagem cinematográfica. (Nota da IHU On-Line)

32 Vincent Willem Van Gogh (1853-1890): pintor neerlandês, considerado o maior de todos os tempos desde Rembrandt, apesar de durante a sua vida ter sido marginalizado pela sociedade. Van Gogh foi pioneiro na ligação das tendências impressionistas com as aspirações modernistas. (Nota da IHU On-Line)

Hölderlin e Beethoven<sup>33</sup> no seu ensaio não tem nada a ver com a concepção instrumental da arte.

**IHU On-Line - Como pode ser vista a interseção de outras artes (música, pintura, cinema, por exemplo) com a poesia, como existe em toda a análise de *O poético*, de Dufrenne? Ao mesmo tempo, pode nos falar um pouco sobre as análises que faz de Paul Cézanne, Monet, Van Gogh e Matisse, em ensaios diferentes do livro, ou de filmes de Eisenstein e de Bertolucci (de *O último tango em Paris*, quando fala do erotismo no cinema)?**

**Roberto Figurelli** - De fato, Dufrenne, em *O poético*, na *Phénoménologie* e em outras obras, recorre frequentemente a esse expediente. É um procedimento legítimo que supõe, da parte do autor, um razoável conhecimento das artes em questão. No caso de Dufrenne, a familiaridade com a história da arte vem à tona de modo espontâneo quando menos se espera. No meu texto sobre Matisse,<sup>34</sup> aludi à correspondência de duas artes, no caso poesia e pintura. A respeito dos exercícios de crítica a obras de Cézanne<sup>35</sup> e de Matisse, além das referências a Van Gogh e Monet,<sup>36</sup> peço que encare esses textos como homenagem a artistas que admiro muito. E, claro, sem a pretensão de esgotar obras tão ricas em seus múltiplos aspectos. Já os dois ensaios de crítica cinematográfica são como que um retorno a um período de minha vida em que pude me dedicar quase totalmente ao estudo do cinema.

33 Ludwig van Beethoven (1770-1827): compositor erudito alemão do período de transição entre o classicismo e o período romântico. É considerado o maior e mais influente compositor do século XIX. (Nota da IHU On-Line)

34 Henri-Émile-Benoît Matisse (1869-1954): pintor, desenhista e escultor francês do fauvismo, movimento artístico nascido em Paris. (Nota da IHU On-Line)

35 Paul Cézanne (1839-1906): pintor francês. (Nota da IHU On-Line)

36 Oscar-Claude Monet (1840-1926): pintor francês, o mais célebre entre os pintores impressionistas. (Nota da IHU On-Line)

# Filme da Semana

O filme comentado nessa edição foi visto por algum/a colega do IHU e está em exibição nos cinemas de Porto Alegre, como o Guion Center, no Centro Comercial Nova Olaria.



Divulgação

## O segredo do grão

### Ficha técnica

**Título original:** La graine et le mulet

**Diretor:** Abdellatif Kechiche

**Gênero:** Drama

**Tempo de duração:** 151 minutos

**Ano de lançamento:** (França): 2007

**Elenco:** Habib Boufares (Slimane Beiji), Hafsia Herzi (Rym), Farida Benkhetache (Karima), Abdelhamid Aktouche (Hamid), Bouraoura Marzouk (Souad), Alice Hourri (Julia), Cyril Fayre (Serguei), Sami Zitouni (Majid), Leita D'Isernio (Lilia)

**Resumo:** Slimane Beiji (Habib Boufares), de 60 anos, trabalha nos estaleiros do porto de Sète, consertando barcos e recolhendo peixes, e tem como sonho abrir o restaurante. É ajudado, para isso, por sua família, inclusive da ex-mulher, e por sua enteada, enquanto recebe a desaprovação da atual mulher.

## O grão amargo do sonho

POR ANDRÉ DICK

Premiado como o melhor filme no César, maior prêmio do cinema francês, em 2008, o filme *O segredo do grão*, de Abdellatif Kechiche, diretor que nasceu na Tunísia e emigrou para a França, apresenta dois aspectos importantes: o primeiro é sua influência da narrativa teatral, sendo quase uma peça filmada, apresentando poucos cortes e uma história contínua— não por acaso, Kechiche também é diretor teatral, e prefere dirigir mais amadores do que atores profissionais. O segundo é sobretudo a tendência do diretor em não querer esclarecer, de modo claro, a narrativa que conta, deixando a cargo do espectador estabelecer um elo entre as partes, ou seja, *O segredo do grão* apresenta uma liberdade extrema no que se refere às suas pretensões.

Esses dois aspectos acabam, por um lado, mostrando certa qualidade — sobretudo poética, na condução de imagens ao mesmo tempo melancólicas e bem desenhadas —, e, por outro, provocando um visível cansaço, porque o diretor não quer interromper o fluxo da sua linguagem cinematográfica para esclarecer melhor os encadeamentos. A sua pretensão, sob esse ponto de vista, é o hermetismo, a dificuldade, imposta tanto pelos personagens que, aos poucos, vai apresentando, quanto pela maneira como são filmados. Desse modo, *O segredo do grão* acaba sendo, ao mesmo tempo, um “filme de arte” — a começar por seu belo título —, e um filme voltado às limitações que isso provoca para o entendimento do espectador, no sentido de não transformar seu núcleo

narrativo em algo que pode ser absorvido com mais intensidade —na verdade, isso é bastante comum em filmes difíceis, mas parece que *O segredo do grão* intensifica tal característica.

É importante esclarecer que o filme, a partir de sua fragmentação extrema, apresenta o desenho de uma família de origem tunisiana que pretende criar um restaurante num barco do porto de Sète, no sul da França, às margens do Mediterrâneo. Existe, já aí, um choque cultural bastante evidente; trata-se, na verdade, da luta de descendentes árabes para permanecer na França — e quando falamos nisso já nos vêm à memória os constantes conflitos que existem lá, com a desagregação social, o preconceito, um certo distanciamento de quem não

é de origem exatamente francesa. O personagem principal, Slimane Beiji (Habib Boufares), de 60 anos, trabalha nos estaleiros desse porto, consertando barcos e recolhendo peixes, e tem como sonho abrir o restaurante. Para isso, pretende se afastar do trabalho. Divorciado, Beiji tem uma filha, Julia (Alice Hourri), netos e um filho, Majid (Sami Zitouni), que é, ao mesmo tempo, casado e garoto de programa. Essa vida familiar apresenta momentos de tensão sobretudo pela sinalização, aos poucos, de que Beiji não se realizou profissionalmente e não consegue manter mais uma ligação afetuosa com a amante, Karima (Farida Benkhetcha), que possui um hotel onde vivem. Mantém, a distância, uma relação com a ex-mulher Hamid (Abdelhamid Aktouche), que prepara, nos finais de semana, um cuscuz marroquino para a família. Beiji recebe também o cuscuz, e o prova sempre com a enteada Rym (Hafsia Herzi, que ganhou vários prêmios por sua boa interpretação), menina que acredita no sonho do padastro em abrir o restaurante onde haveria à venda o cuscuz da ex-mulher. Daí, inclusive, o título, pois o “grão” remete aos cereais, dos quais provém a semolina, um dos ingredientes do cuscuz de peixe, adaptado com farinha de milho. O filme se encaminha para justamente essa inauguração do restaurante, em que haveria autoridades locais que poderiam ajudar a financiá-lo.

O problema é que Karima não quer comparecer ao evento, apesar dos pedidos da filha Rym, pois gostaria que Beiji usasse o dinheiro da indenização para reformar seu hotel, e é nesse ponto que o filme estabelece um vínculo entre o passado de Beiji e sua transformação por meio do novo empreendimento. Haveria mesmo uma vontade de ele mudar? Seria o alimento que tempera com prazer alguns momentos da vida a base para uma transformação existencial? Este conceito foi trabalhado em filmes mais descompromissados, a exemplo de *Chocolate* e *A festa de Babette*. Em *O segredo do grão*, no entanto, o alimento não potencializa a saída para o personagem central, ou seja, quanto

**“Em *O segredo do grão*, o alimento não potencializa a saída para o personagem central, ou seja, quanto mais este se aproxima do seu sonho, mais parece perdido. Porque parece que o alimento, na verdade, não traz a alegria necessária para se esquecer da melancolia que traz a convivência com a amante do presente e a família que cresceu e foi sendo deixada para trás — até que a alimentação a reúne novamente”**

mais este se aproxima do seu sonho, mais parece perdido. Porque parece que o alimento, na verdade, não traz a alegria necessária para se esquecer da melancolia que traz a convivência com a amante do presente e a família que cresceu e foi sendo deixada para trás — até que a alimentação a reúne novamente. No entanto, quem diz que o personagem quer reunir essa família novamente? Não parece por acaso, daí, o diretor nunca conseguir — nem querer — delinear seus personagens.

Eles estão de passagem pela tela, com a câmera os filmando em *close-ups* extremos — em determinado ponto, ou o espectador embarca na idéia do diretor, ou simplesmente limita seu interesse a acompanhá-lo, à medida que esse fluxo limita a condição para que se interrompa o desenvolvimento da narrativa e se pense a respeito dela, do que está se passando, tanto o que está no roteiro quanto o que parece claramente improvisado.

Até chegar a esse ponto, é notável como Kechiche aponta para uma certa desorganização do mundo familiar. A mudez constante de Beiji — um personagem sobretudo sem empatia com o público, o que prejudica *O segredo do grão*, apesar de ser algo proposital —, diante de filhos e netos, mostra que sua vida se encaminha para o destempero, ao contrário do gosto que provoca o cuscuz, que parece ser sua única felicidade. Essa desorganização familiar acaba, por um lado, mostrando o talento do diretor em filmar cenas no mesmo tom, como foi apontado pela crítica em geral, do neo-realismo italiano (de Vittorio De Sica, por exemplo) com um desempenho realmente notável de alguns atores, mas, por outro, um certo descompromisso com a montagem e uma fotografia (assinada por Lubomir Bakchev) que apontaria para um registro documental que cabe em alguns filmes, mas não exatamente no universo familiar (apesar de Woody Allen provar o contrário num filme como *Maridos e esposas*). Todos esses elementos apontam, no conjunto, para a poeticidade. Essa poeticidade é percebida sobretudo na seqüência em que Rym faz uma dança do ventre para os convidados da inauguração — enquanto o padastro corre atrás de sua motocicleta, roubada por alguns jovens. Mas é uma poeticidade que fica nesse meio termo: entre o desamparo existencial de um homem sexagenário e o sentimento agrídoce em torno de seu sonho. O grão, para o espectador, acaba sendo amargo, difícil — como a luta do personagem central pelo seu sonho. E, com a quantidade de seqüências encadeadas, fica mais difícil tomar uma nova respiração para compreender o que falta para ser vivido.

# Invenção

Editoria de Poesia

## Dirceu Villa

POR ANDRÉ DICK

Nascido em São Paulo (SP), em 1975, o poeta, tradutor e ensaísta Dirceu Villa escreveu, entre outros, os livros *MCMXCVIII* (1998), *Descort* (São Paulo: Hedra, 2003) e *Icterofagia* (São Paulo: Hedra, 2008). Editou e publicou a revista de arte *Gargântua* e, atualmente, escreve sobre literatura, tradução e arte para a revista virtual *Germina Literatura*. Também traduziu e anotou o livro de poemas *Lustra*, de Ezra Pound (2003, inédito), além de ter escrito prefácios para *Contos indianos* (São Paulo: Hedra, 2006), de Stéphane Mallarmé, *A trágica história do doutor Fausto* (São Paulo: Hedra, 2006), de Christopher Marlowe, *O spleen de Paris* (São Paulo: Hedra, 2007) e *Escritos sobre arte* (São Paulo: Hedra, 2008), ambos de Charles Baudelaire. Na área acadêmica, desenvolve tese de doutorado em literatura sobre as idéias italianas do século XV na poesia inglesa do século XVI.

Seus livros iniciais, com uma tendência a misturar uma linguagem do modernismo — com função mais coloquial, versos com certo bom humor —, apresentam, ao mesmo tempo, uma mescla entre várias tradições adotadas por um dos autores preferidos de Villa, Pound. Por isso, há referências ao universo greco-latino, à tradição das poesias italiana e francesa (de autores como Giuseppe Ungaretti e François Villon), aos provençais e ao Oriente (com a dedicação a poemas epigramáticos). No entanto, Villa mantém um certo tom de ironia, como no poema “Eternidades” (de *Descort*): “São Paulo, mictório das Musas! Onde / a coragem é feita à *Table Ronde*, / encher o peito às margens do

rio-charco, / lá onde a vera vida hoje se esconde: / como o amigo ao traidor em Plutarco. / Entupidos de cristianismo e pornografia / andam todos pela cidade / sem comer; a anorexia / compensa a falta de privacidade”. Ou no ritmado “Fluxo”, em que Dirceu vai fazendo uma ligação sonora entre termos e remete à mitologia: “ó provei-me / proteu / divino proteu / das cores cítricas / para a minha defesa”. Em “Por Angelo Poliziano”, outras imagens remetem à mitologia grega: “Vinho roxo, do vinhedo que você cultivou. / Archotes aqui, bem claro como eu via, / as mulheres também bebem, / tão claro quase o dia, / dançando com pés descalços. / Flautas transversas / poucos sabem tocar; / pouco importa o que vai pelo ar, / desde que as nossas conversas / acabem no chão como os corpos / que queremos tomar: / Pênis de pedra eretos nos jardins romanos, / em honra de Príapo”.

### Sonoridade

Há uma mescla, muito bem costurada, entre imagens e sons na poesia de Villa. Fazem parte do conjunto de *MCMXCVIII*, por exemplo, “Cidade irreal, minha amada” (com os versos “prédios por todo lado / cidade apon-tada para o céu / alto fundo cinzen-to / vazio escuro sem firmamento”) e “Debruçado numa varanda antiga” (com os versos “Pássaro pousado / No parapeito, / Cansado. / Pássaro pen-sado / E no meu peito, / Demorado. / Pássaro só pássaro, / Passado”). Mas é em “As longas pernas da senhorita H.”, dedicado a François Truffaut, que Villa parece melhor trabalhar essa so-

noridade: “forte / obstinada / curvilí-neia / nem mesmo / a Curva Francesa / faria / / hastes / e flores / caules / e frutos / folhas / e festa / na flo-resta / / longilínea / graça de / fla-mingo / sinuosa / massa de / felina / / disposta a tudo: / moda / muda / nada / nela / / o passo / mesmo o / mais duro / pausa / o mais gentil / desliza”. Em *Icterofagia*, Villa compõe alguns de seus melhores poemas. À procura de uma síntese para sua dicção múltipla, que apresenta tanto poemas sintéticos quanto poemas organizados como peças teatrais, com a utilização de imagens da mitologia greco-latina, como em poemas anteriores, Villa, em seu novo livro, traz, à poesia brasileira, uma certa inovação também formal. Se às vezes parece descompromissado com a métrica do verso, Villa acaba, porém, na maior parte de seu conjunto de seus poemas, sendo simétrico. Como no excelente “Ostra”: “O mar prossegue, nenhum brilho aflora, / não estremece a / brusca / casca que há por fora; / nenhum vegetativo verde cresce sobre a / crosta / mas se enclausura sob a muda / força / que suga tudo para o centro / sem sequer o sonho de uma pérola: / só ostra”. Em outros momentos, apesar de manter a simetria do verso, busca um discurso mais longo, como se recuperasse algo do Ezra Pound de *Os cantos*, como em “Ostinato rigore”. Ou no incomum “Sonho grande guarda-chuva”. Ao mesmo tempo, percebe-se uma influência mais clara da poesia portuguesa, e uma crítica corrosiva ao Brasil, como em “Parada do dia da Independência”.

### Biblioteca Laurenziana

No chão, as pedras brancas e vermelhas  
com o capricórnio dos Medici (*Cosimo il granduca*).

A caligrafia humanística de Boccaccio  
– que antecipa a de Poggio, certamente.

Sua bela antologia manuscrita de poesia latina,  
na Laurenziana, aberta numa sátira de Pérsio,  
suas notas marginais em forma de círculos, cântaros, folhas de árvore.

– antes o pergaminho moído com poema de Safo;  
ou o *De luxuria et libidine*, de Valerio Massimo,  
iluminado com grávidas de ventre transparente –,

A sala de estudo com tabuletas que pendem,  
registros de obras de filósofos, poetas, teólogos.

O tampo das mesas inclinado, 45º, para vossos olhos  
comodamente deslizarem pela leitura dos fólhos.

**aula magna na escola superior de política**

siglas ordinárias ternos tamanho único  
amantes acefálicas que querem alforria através  
de Hugh Hefner & processos na justiça

os músculos da barriga flácidos  
barrigas inflam o perfil magro dos candidatos  
algumas barrigas mal cabem no conceito de camisa & vazam  
como a fétida gordura das barricas dos curtumes

ajudaria saber que ao menos  
obedecem a uma fatalidade estilística  
e asininos como Lúcio Apuleio  
num milagre orelhas longas patas cauda surgiriam

discutem ninharias fingindo convicção

são pavorosos esses bonecos de ventríloquo  
podres falam com línguas de pano puído

talvez atrás do palanque haja uma enorme  
mão enfiada fundo em seus traseiros movendo  
até mesmo a ponta de seus dedos

mas qual era mesmo a sua dúvida sobre isso?

*San Marco, mattina*

O leito amanhece diante das janelas de desenho mourisco,  
com o sol entre os leões:

    a *Piazza* vazia num arrufo gorgolejante  
    de pombas.

O Oriente parece engolfado  
nos lençóis mágicos do Adriático;

    palácios planam impossíveis na distância líquida,  
    nascidos, como deuses, da água.

O campanário observa a mudez  
das maravilhas úmidas, imóveis;

    galerias abaixo cintilam no escuro  
    como jogos de cristal colorido.

Frescor do alento marítimo:  
a brisa é um suspiro feminino.

*Veneza, agosto, 2008*

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 16-12-2008 a 22-12-2008.**

**“Lula não quer ficar de sombra do seu sucessor”**

Entrevista com Gilberto Carvalho

Confira nas Notícias do Dia 16-12-2008

“A crise pega o governo em seu melhor momento.” A afirmação é de Gilberto Carvalho, chefe-de-gabinete do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e uma das pessoas mais próximas ao presidente.

**SC: O fenômeno é natural, mas a intensificação pode ser uma consequência do aquecimento global**

Entrevista com Carlos Nobre

Confira nas Notícias do Dia 17-12-2008

O que ocorreu em Santa Catarina não pode ser ainda considerado uma consequência do aquecimento global, segundo o meteorologista Carlos Nobre. Porém, precisamos ficar atentos, pois as mudanças climáticas tendem a intensificar esses danos causados por fenômenos naturais extremos.

**A marcha da vitória: 270 famílias assentadas na antiga Fazenda Southall**

Entrevista com Luciana da Rosa

Confira nas Notícias do Dia 18-12-2008

Segundo a coordenadora do MST, é preciso continuar lutando “para que esse complexo da Southall seja totalmente desapropriado, assim como os demais latifúndios dessa região”.

**“O Brasil precisa de petróleo agora e não para daqui a 50 anos”**

**Entrevista com Ivo Marcelino**

Confira nas Notícias do Dia 19-12-2008

O geólogo Ivo Marcelino diz que a Petrobras deve ser a responsável pela administração do pré-sal e que o lucro dessa descoberta necessita, prioritariamente, ser investido em educação, saúde e segurança. No entanto, segundo ele, algumas formas de conduzir o trabalho da estatal levam ao descrédito.

**“A Funai não tem condições morais para decidir quem entra, ou não, em terras indígenas”**

Entrevista com Dom Tomás Balduino

Confira nas Notícias do Dia 20-12-2008

Segundo o bispo emérito de Goiás, as autoridades responsáveis pela decisão de quem entra ou não em terras indígenas devem ser compostas por índios.

**“A tortura é uma ferramenta histórica secular de controle das populações pobres”**

Entrevista com Ignacio Cano

Confira nas Notícias do Dia 22-12-2008

Ignacio Cano avalia a violência brasileira, comenta as ações de torturas que ainda acontecem no país e a convivência da sociedade com esses atos.

### Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em 03-12-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

## Autonomia e submissão: Yeda Crusius e a administração do Rio Grande do Sul

Tema é destaque nos **Cadernos IHU Idéias** de autoria do Prof. Dr. Mário Maestri

POR BRUNA QUADROS

O Instituto Humanitas Unisinos – IHU acaba de lançar mais uma edição dos **Cadernos IHU Idéias**. Desta vez, *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* é o tema da publicação, que tem a autoria do Prof. Dr. em Ciências Sociais Mário Maestri, formado pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica. Na obra, o autor ensaia uma síntese analítica sintética da formação do Estado regional sul-rio-grandense como instrumento de imposição da hegemonia das classes dominantes regionais, da Colônia, no Império, e, particularmente, na República.

De acordo com Maestri, no primeiro semestre de 2008 há três sucessos políticos sulinos que causam profunda perplexidade aos cientistas sociais rio-grandenses e brasileiros. Tais sucessos são as incessantes denúncias sobre corrupção generalizada da Administração Yeda Crusius; a criminalização dos movimentos sociais pelo atual governo rio-grandense, com destaque para a repressão político-policia do MST; a falta de reação da população sulina que violentam o que se acredita serem tradições regionais históricas essenciais e parte do tão propalado “orgulho de ser gaúcho”: a probidade pública republicada e o respeito aos direitos cidadãos mínimos.

Maestri destaca que são diversas as explicações apresentadas para estes fenômenos. “Afirma-se que a corrupção cresceu apenas qualitativamente, já que ela teria também no Sul raízes profundas e históricas.” Já em relação à criminalização dos movimentos sociais,

com destaque para o MST, promovida pelo governo e pela Justiça rio-grandense, o autor afirma que nada traria de novo, “sendo apenas movimento tático com o fim de reconquistar apoios para a administração debilitada por sucessivos tropeços nascidos de indiscutível inabilidade política da governadora e das crescentes denúncias de corrupção envolvendo ela, o Detran, o Banrisul, o Daer etc.”

Para conferir, na íntegra, o conteúdo da publicação, acesse a página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos – IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), onde o arquivo estará disponível para *download*. A edição impressa pode ser adquirida na **Livraria Cultural** e/ou pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br).

Mário Maestri é graduado em Ciências Históricas, pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica, onde também realizou mestrado e doutorado na mesma área. Em 1991, fez o pós-doutorado na mesma universidade. Atualmente, é professor da Universidade de Passo Fundo. É autor de *Uma história do Rio Grande do Sul: a ocupação do território* (Passo Fundo: UPF Editora, 2006), *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência, sociedade* (Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006) e *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário* (São Paulo: Expressão Popular, 2007), entre outros.

### LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Mário Maestri. Acesse nossa página eletrônica: [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

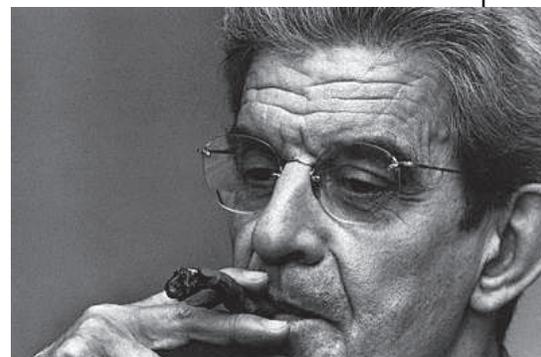
#### Entrevistas:

- \* *A erosão da ética republicano castilhistas*. Edição número 264, de 30-06-2008;
- \* *“Há muita demagogia sobre a honestidade política das elites rio-grandenses”*. Publicada nas *Notícias do Dia* em 17-06-2008;
- \* *A presença do negro no Rio Grande do Sul ontem e hoje*. Publicada nas *Notícias do Dia* em 27-11-2007;
- \* *Interpretações do Brasil: impactos da escravidão*. Publicada nas *Notícias do Dia* em 13-04-2007.

## A ética da psicanálise

No ano de 2009, será realizado o Colóquio Internacional *A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não ceda em teu desejo”?* O evento será realizado nos dias 14 e 15 de agosto de 2009, no Auditório do Ministério Público, em Porto Alegre, e estará sob a responsabilidade de Charles Melman, William Richardson, Martine Lerude e

Mario Fleig. A promoção é da Association Lacanienne Internationale, de Paris; do Instituto Humanitas Unisinos – IHU; do Laboratório de Filosofia e Psicanálise, ligado ao PPG em Filosofia da Unisinos; da Escola de Estudos Psicanalíticos, de Porto Alegre; e da Fundação Escola Superior do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Em breve, mais informações serão disponibilizadas no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).



# Perfil Popular

## Família Vargas

POR GRAZIELA WOLFART

**N**a última edição do ano, a revista IHU On-Line optou por inovar no Perfil Popular, entrevistando uma família ao invés de uma pessoa. Afinal, Jesus, Maria e José, tão lembrados nessa época natalina, representam a sagrada família, exemplo para aqueles que ainda acreditam nesta instituição. E podemos dizer que encontramos uma família especial, que ainda aposta na união, no amor e no respeito entre seus membros. Para Rogério, Eva e as filhas Camila e Gisele, o Natal é um momento de oração e de valorização do núcleo familiar. A redação da IHU On-Line visitou a casa da família Vargas, que fica no Bairro Feitoria, em São Leopoldo. Interligada com a moradia, encontra-se a empresa que é o sustento de todos que ali vivem: a Farol Produtos Pedagógicos, empresa de indústria e comércio de produtos em E.V.A. (a borracha E.V.A. é uma mistura de alta tecnologia de Etil, Vinil e Acetato. Conhecido entre artesões e artistas, é aquela borracha não-tóxica que pode ser e é aplicada em diversas atividades artesanais). O negócio, que existe há dez anos, comercializa hoje quase 200 produtos para mais de 350 clientes ativos em vários municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e até no Nordeste brasileiro. Entre os principais produtos confeccionados pela família Vargas estão jogos educativos e artigos de decoração.

Acompanhe, a seguir, um pouco da agradável conversa que tivemos com Rogério Machado de Vargas, 45 anos, Eva Maria Schenatto de Vargas, 43 anos, e Camila Schenatto de Vargas, 19, estudante de Pedagogia na Unisinos. A filha mais nova do casal, Gisele Schenatto de Vargas, 18, e que pretende ingressar na faculdade de Arquitetura no ano que vem, chegou mais tarde em casa, e acabou não participando da entrevista.

Na frente de copos de guaraná gelado e de um prato de *waffer*, gentilmente oferecidos à repórter da IHU On-Line, o casal Rogério e Eva conta como se conheceram. Ele nasceu em São Leopoldo e ela no interior de Passo Fundo. Mas sua família veio para a terra natal de Rogério e o destino fez com que os dois se aproximassem. Namoraram durante dois anos, e depois foram mais dois anos de noivado até o casamento, realizado em 1987. A primeira filha, Camila, veio depois de dois anos, em 1989. “Desde a época do namoro nós planejamos ter dois filhos”, lembra Eva.

Para Camila, primeiro fruto dessa união, a família é tudo. Ela está grávida, esperando pelo Bernardo, mas conta que a gravidez não estava nos planos. “No entanto, foi assim que pude ver que eu posso contar com a minha família. Eles estão do meu lado e me ensinaram com isso a dar valor ao que antes eu não



FOTOS DE DIVULGAÇÃO

dava.” Quando lembra os ensinamentos dos pais, Camila destaca o respeito pelo próximo, o respeito pela diferença. “Eu tenho um gênio complicado. Tento trabalhar esse meu lado com o que

meus pais me ensinaram, com esses valores. É preciso saber que tudo tem um limite na vida.” O pai frisa que sempre procurou ensinar a importância da honestidade, o que ele aprendeu desde

pequeno também. “Os meios de comunicação hoje enfatizam muito a parte financeira, e os valores da família acabam sendo colocados em segundo plano”, acrescenta Rogério.

No decorrer da entrevista, o telefone tocou diversas vezes. Pessoas também chamavam do lado de fora da casa. É o preço de morar junto ao local de trabalho. “Tudo o que planejamos, nós conseguimos fazer, dentro do possível”, conta a mãe Eva. Ela aponta a dificuldade de marido e mulher trabalharem juntos, como donos de empresa e como sócios. “Procuramos separar as coisas depois do horário de trabalho, para preservar nosso casamento, mas não é fácil.” Rogério concorda, mas lembra que eles cuidam muito para não extrapolar os limites. “A gente tenta não gritar um com o outro, mas, se acontece, tentamos deixar o conflito aqui na empresa, do lado de cá da porta. Não é fácil, mas conseguimos administrar isso. A gente até que se dá bem, né Eva?”, pergunta ele para a esposa. Ela balança positivamente a cabeça, sorrindo para ele.

A mãe garante que sempre procurou conversar abertamente com as filhas, sobre todos os assuntos, procurando mostrar a verdade, sem esconder nada. “Eu sempre disse para elas que a vida é assim; se fizerem algo, tudo tem seu preço, é preciso arcar com as conseqüências, mesmo que o pai e a mãe sempre estejam aqui para apoiar, como aconteceu agora com a gravidez da Camila”, exemplifica.

### Um verdadeiro lar

O pai Rogério lembra da luta pela construção do lar. Quando ele e Eva constataram que um dia iriam casar, ainda na época do namoro, Rogério já providenciou a compra da casa e, aos poucos, foram mobiliando e preparando a morada da futura família. “Sempre busquei proporcionar essa segurança e planejar as coisas”, conta Rogério, o que ele atribui aos valores ensinados na sua família. No entanto, nem tudo é estático e a vida apresenta surpresas. Foi o caso do nascimento da segunda filha, a Gisele, que foi concebida um pouco antes do que o casal imaginava, e acabou chegando



logo depois da irmã Camila. “Isso me deu um medo”, lembra Rogério, que pensava: “Será que vou conseguir educá-las, sustentá-las? Isso me abalou um pouco na época, mas nunca deixamos de desejar e amar nossas filhas por isso”. No fim das contas, eles descobriram que até foi bom ter as duas mais cedo, para poderem aproveitar mais a vida ao lado delas.

Rogério e Eva perceberam o “bombardeio” que a mídia e a sociedade em geral fazem em relação à família. Por essa razão, foram em busca de “reforços” que respaldassem os valores em que eles acreditam e sobre os quais sempre procuraram embasar a própria família. “A gente queria reforçar a nossa união e facilitar a compreensão do mundo pelas gurias”, explica o pai. A família toda acabou descobrindo um movimento da Igreja Católica coordenado pelo padre Roberto Aripe, mais conhecido como Padre Chiru, que é voltado para as famílias. Desde 1998, eles participam do Encontro de Pais com Cristo (EPC), cuja padroeira é Nossa Senhora de Guadalupe. “Ali nós vimos que outras famílias buscavam o mesmo que nós e que os filhos dos outros casais que lá estavam podiam ser bons amigos para as nossas filhas. Sabíamos que aquelas amizades eram sadias”, esclarece Rogério.

Para a mãe Eva, as crianças são o maior valor de um lar. “Os filhos im-

pulsionam a gente, nos fazem ver o mundo de outra forma.” E o pai Rogério completa: “Os filhos é que mantêm unida a família”. Outro ponto que eles destacam é a fé e a espiritualidade como fundamentais. “O mínimo possível tem que ter”, defende Eva. Rogério inclusive acredita que é difícil manter a família unida sem fé.

### Os grandes sonhos

O maior sonho da vida de Camila era ser mãe, o que está realizando agora. A jovem conta que teve alguns problemas de saúde que a influenciaram do ponto de vista psicológico e que, por isso, não poderia ter filhos, segundo os médicos. “Eu e meu ex-namorado sempre usamos camisinha, mas um dia ela furou. Estou grávida de quatro meses do Bernardo.” “Ele é mais forte”, defende a avó Eva. Camila, pensativa, confessa: “Tenho a consciência de que a minha família será um pouco desestruturada, pelo fato de que a sociedade crê que o filho precisa do pai e da mãe juntos. Mas a minha será diferente, especial”. Agora, ela buscará realizar seu sonho profissional: se formar em Pedagogia para poder ajudar os pais na empresa e conquistar um espaço no mercado de trabalho. A jovem acaricia a barriga e desabafa: “Não era esse o mundo que eu queria para meu filho. A gente vê tanta coisa ruim... Mas vou

buscar mostrar para ele o que a minha família me ensinou: que ainda tem gente boa e que é preciso olhar de forma positiva para a vida”. E lembra, com carinho, de quando a mãe Eva lhe ensinou que cada família tem um lugar e um papel importante na sociedade.

Já o pai Rogério sonha em estruturar a empresa de forma que ela consiga se manter por si só, e que possa ser um instrumento para ajudar as pessoas. “A idéia é que a própria empresa possa ser nossa aposentadoria e que as nossas filhas possam dar continuidade a esse trabalho que iniciamos, porque queremos ver isso evoluir.” E Rogério lembra uma história emocionante, que tocou a família num período difícil, em que a empresa estava passando por dificuldades e que estavam seriamente pensando em desistir e fechá-la. Tarde da noite, eles receberam um telefonema. Era uma senhora de idade, que perguntou: “É daí a fábrica que faz as letrinhas?”. Pois ela ligou apenas para dizer: “Não parem nunca o trabalho de vocês, pois estão ajudando muitas pessoas. Foi usando o alfabeto de E.V.A. produzido por vocês que meu neto me ensinou a escrever meu nome”. Eva lembra que ficou anestesiada e não dormiu naquela noite. Foi como se fosse uma mensagem. Mudaram a postura e focaram a atividade não apenas no ganho financeiro, mas na ajuda aos outros. Cada peça é feita pensando na pessoa que vai recebê-la. “Tudo se transformou”, descreve Eva.

A “família empresa” também doa material de E.V.A. para mães da UTI Neonatal ocuparem o tempo confeccionando peças em oficinas ministradas no hospital. Também é uma forma de ajudar, de ser solidário. Outro sonho do casal é começar a investir mais na casa. Nos últimos dez anos, o foco foi a empresa e agora eles pretendem se voltar mais para o lar e separar mais a moradia do trabalho. Eles também pretendem usufruir do esforço de dez anos de tanto trabalho até então em viagens, para conhecer lugares novos.

## Natal

“Para mim, Natal é família”, dispara Camila. O Ano Novo ela até pode passar com outras pessoas, mas o Natal não. Tradicionalmente, os Vargas sempre faziam a ceia de Natal entre os quatro e ainda chamavam os pais e um irmão de Eva. Recentemente, eles mudaram a forma de celebrar essa data tão importante. Vão ao litoral, onde alugam uma casa por uns dias e aproveitam para, reunidos, viver ao máximo o Natal em família, num momento de oração. “Isso recarrega a gente, fortalece as bases”, diz Eva.

A família Vargas também aproveita para deixar sua mensagem de Natal. Para Eva, não há mensagem melhor do que essa: “confia no Senhor e tudo Ele fará”. O pai Rogério gosta de lembrar nessa época que tudo na vida tem uma razão de ser e que é preciso ser paciente e ter fé.

Ao final da conversa, Gisele chegou em casa. Ficou no ar o sentimento de união fortalecido e a certeza de que estão no caminho certo. Que a vida representada no futuro nascimento do menino Bernardo reforce a alegria desta família.

# IHU Repórter

## Ruth Barkmeyer

POR BRUNA QUADROS

Nesta semana, você vai conhecer um pouco mais da professora Ruth Salomon-Barkmeyer, coordenadora pedagógica do Unilínguas, instituto de idiomas da Unisinos. Desde a infância, ela domina o idioma alemão, que aprendeu em casa, além do português. Teve um ótimo ensino de inglês na escola e, por isso, Ruth cresceu com o gosto de trabalhar com as línguas estrangeiras, mas não sabia exatamente de que forma. Quando começou a dar aulas para poder garantir a continuidade dos estudos no curso de Letras – Português/Inglês, na Unisinos, ela percebeu que queria mesmo ser professora. Confira, a seguir, os relatos de vida de Ruth contados com exclusividade para a IHU On-Line:

PATRICIA FACHIN

